



LSPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**“O Prazer de Não Sentir”
Experiência vivida pelos agressores
sexuais**

Maria Inês Feijão Bastos

Orientador de Dissertação:

PROFESSOR DOUTOR VÍCTOR AMORIM RODRIGUES

Coorientador do Seminário de Dissertação:

PROFESSOR DOUTOR VÍCTOR AMORIM RODRIGUES

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2016

Dissertação de Mestrado, sob a orientação do
Professor Doutor Victor Amorim Rodrigues apresentada ao
Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida
para obtenção do grau de Mestre em Psicologia – Especialização
em Psicologia Clínica

Agradecimentos

Primeiramente, quero agradecer à minha família. Ao meu pai pela escuta ativa, à minha mãe pela capacidade de exercer em mim a motivação e ao meu irmão pelas gargalhadas e abraços reconfortantes.

De seguida ao Professor Doutor Victor Amorim Rodrigues pela oportunidade deste estudo, assim como, pela ajuda, dedicação e orientação para o mesmo!

Posteriormente, quero agradecer ao Estabelecimento Prisional do Linhó, tendo subjacente a autorização pela Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais, pela autorização e disponibilização para a investigação supracitada. Essencialmente, um enorme agradecimento ao Dr. Rui Campos Coelho que flexibilizou as calendarizações e organizações dentro do contexto prisional e acompanhou de perto todo o percurso.

É, ainda, fundamental agradecer formalmente a todos os participantes deste estudo a sua participação, uma vez que, sem eles não o seria possível!

Depois e não menos esquecidos, aos meus amigos, os meus pequenos gigantes, que me apoiaram, que me esperaram e que me anseiam!

A Deus e a duas estrelas que me guiam do outro plano,

Obrigada.

Resumo

Objetivo: Este estudo pretende compreender as motivações intrínsecas dos agressores sexuais, tendo em conta, os comportamentos e os significados psicológicos associados ao ato sexual. Deste modo, a procura de uma estrutura psicológica comum contribui para um esclarecimento deste fenómeno ao nível do agressor.

Método: Num primeiro momento foram recolhidos 4 textos escritos, pelos sujeitos, onde é pretendido a elaboração das suas experiências de vida. Seguidamente, são elaborados 4 relatos com foco na experiência de abusador sexual, designadamente, emoções e sentimentos sentidos no ato sexual. A análise dos dados é efetuada através do método qualitativo e fenomenológico, IPA.

Resultados: os resultados em comum dos 4 participantes permitiram criar uma estrutura psicológica similar, revelando banalização do ato, incapacidade de sentir, abstração da realidade vivida com um modus operandi a reger-se pela agressividade.

Conclusões: apesar destes sujeitos apresentarem apenas uma experiência de abuso sexual como agentes da ação, é perceptível que o meio envolvente predispõe os seus comportamentos agressivos, fomentando-os.

Palavras-Chave: agressividade sexual, agressor sexual, ato sexual desviante, perfil psicológico, método fenomenológico IPA

Abstract

Objective: This study aims to understand the intrinsic motivations of sex offenders, taking into account the behavior and psychological meanings associated with the sexual act. This way, the search for a common psychological structure contributes to an explanation of this phenomenon to the aggressor level.

Method: At first they were collected 4 written texts, by subject, which is intended to preparation of their life experiences. They are then prepared four reports focusing on sexual abuser experience in particular emotions and feelings felt in the sexual act. Data analysis is performer using the qualitative method and fenomenológico, IPA.

Results: The results in common of 4 participants have created a similar psychological structure, revealing banality of the act, inability to feel, the reality of abstraction lived with a modus operandi to be governed by aggression.

Conclusions: Although these subjects submit only one experience of sexual abuse as agents of action, it is noticeable that the surrounding environment predisposes their aggressive behavior, encouraging them.

Keywords: sexual aggression, sexual offender, deviant sex, psychological profile, phenomenological method IPA

Índice

<i>Agradecimentos</i>	III
Resumo.....	IV
Abstract	V
Índice.....	VI
Introdução	1
PARTE I – Enquadramento Teórico	2
<i>Capítulo I</i>	2
1. <i>Conceito de Agressividade</i>	2
1.2. <i>Fundamentos da Agressividade Sexual</i>	3
1.2.1. <i>Evolução do Conceito do DSM</i>	4
1.2.2. <i>Punição na Lei Vs Inimputabilidade</i>	6
1.3. <i>Agressões Sexuais nas diferentes Figuras Humanas</i>	7
1.3.1. <i>Contextualização da Agressão na Figura Feminina</i>	7
1.3.2. <i>Contextualização da Agressão a Menores</i>	9
1.3.3. <i>Contextualização da Agressão na Figura Masculina</i>	11
2. <i>Agressores</i>	14
2.1. <i>Perfil Psicológico</i>	14
2.1.2. <i>Perturbação da Personalidade Antissocial e Psicopatia</i>	16
2.3. <i>Comportamento do Agressor Sexual</i>	17
2.2. <i>Avaliação dos Agressores Sexuais</i>	18
3. <i>Abordagens da Agressão Sexual</i>	19
3.1. <i>Perspectiva Biológica</i>	19
3.2. <i>Perspectiva Evolucionista</i>	19
3.3. <i>Perspectiva Comportamentalista</i>	20
3.4. <i>Perspectiva Cognitivista</i>	20
3.5. <i>Perspectiva Psicanalítica</i>	20
3.7. <i>Perspectiva da Aprendizagem Social</i>	21
PARTE II – Estudos Empíricos	21
<i>Capítulo II</i>	21
1. <i>Questão de Investigação</i>	22
2. <i>Objetivos da Investigação</i>	22

3. A Fenomenologia	23
3.1.A Psicologia Fenomenológica	23
3.1.1.Investigação Fenomenológica em Psicologia	24
4.O método Fenomenológico IPA	25
5.Metodologia	27
5.1.Participantes	27
5.2.Procedimentos	27
5.3.Instrumentos	28
Capítulo III.....	28
6.Resultados	28
6.2. Análise Individual das Entrevistas dos 4 Participantes	31
6.3.Análise Global das Entrevistas dos 4 Participantes	43
6.2.2. Análise da Estrutura Psicológica.....	46
7. Discussão	47
7.1. Diálogo com a Literatura.....	47
8. Conclusão.....	50
Referências	52
Anexos	56

O tipo do criminoso é o tipo do homem forte colocado em condições desfavoráveis, um homem forte posto enfermo. O que lhe falta é a selva virgem, uma natureza e uma forma de existir mais livres e perigosas, nas quais seja legítimo tudo o que no instinto do homem forte é arma de ataque e de defesa. As suas virtudes foram proscritas pela sociedade: os seus instintos mais enérgicos, que lhe são inatos, misturam-se imediatamente com os efeitos depressivos, com a suspeita, o medo, a desonra

Friedrich Nietzsche

Introdução

A realidade criminal assistida atualmente produziu uma exposição mediática, nomeadamente, todo o tipo de violência produzido com intuito de prejudicar, humilhar e maltratar o outro, quer a nível físico ou psicológico. Posto isto, as agressões sexuais tomam um lugar de destaque na sociedade e as ciências forenses, jurídicas, sociais e psicológicas terão um papel fundamental para uma compreensão detalhada do acontecimento vivido e dos sujeitos.

As consequências das agressões sexuais dependem de inúmeros fatores que se interligam entre si, compreendendo as diferentes abordagens psicológicas e as diferentes perspetivas dos influentes, designadamente, a contextualização da vítima e do agressor.

Dentro da psicologia, torna-se interessante, para a vertente criminal, o estudo das vontades, pensamentos e reações dos sujeitos, ditos como, criminosos mas também o que circunda o comportamento criminal, sobretudo, os aspetos psicológicos do crime e do próprio criminoso. Posto isto, coloca-se a questão: “*O que motiva determinado sujeito a perpetrar um crime?*”; essencialmente a procura dos significados psicológicos na essência do mesmo. Ou seja, a análise e interpretação dos significados psicológicos perante um determinado acontecimento toma lugar central, uma vez que, o conteúdo, a conceção e a própria consciencialização da agressão sexual por parte do agressor vigora a temática pela compreensão do sujeito, nomeadamente, as mentalidades sociais ao nível dos abusos sexuais.

Assim sendo, o movimento da procura explicativa e compreensiva do tema necessita de uma bi-direccionalidade, para que exista por parte das ciências jurídico-penais e técnicos maior sensibilidade às matérias psíquicas que beneficiam estas problemáticas na procura de uma sociedade mais justa e equilibrada. Porém, é necessário referir que o ato de agressão e violência não é justificatório e não tem absolvição. As estratégias maltratantes e os valores morais viabilizam os comportamentos violentos.

PARTE I – Enquadramento Teórico

Capítulo I

1. Conceito de Agressividade

A agressividade tem origem no latim “agredior”, que significa ir contra um outro. O indivíduo poderá manifestar o acesso à hostilidade de várias maneiras, nomeadamente, pela verbalização, pelo pensamento ou pela ação, sendo verosímil a conclusão desta ação em homicídio, suicídio ou violação (Pereira, 2007). Murray & Kardatzke (2007) descrevem o abuso psicológico como o padrão de comunicação, quer verbal quer não-verbal, que possui o objetivo de causar sofrimento psicológico na outra pessoa, ou que é entendido como tendo essa intenção. Paralelamente a violência física e sexual ocorre, uma vez que, sendo causadoras de repercussões a nível psicológico e, como tal, consideradas tipos de violência psicológica (Lewis, Travea & Fremouw, 2002).

As questões das características particulares à condição humana são investigadas pelas abordagens genéticas, neurobiológicas, psicológicas e comportamentais, uma vez que, os indivíduos são constituídos por traços comuns a todas as culturas (Georgiev *et al.*, 2013). A agressividade humana é, por abordagens biológicas, originalmente subdividida: aspetos hierárquicos, aspetos territoriais e aspetos sexuais. Ao nível dos mecanismos psíquicos, inicia-se o significado psicológico de agressividade pelo instinto morte, Freud conclui que a interpretação dos sonhos e do sadismo estaria para além das descargas do instinto vida, das pulsões sexuais. Para a sociologia, a família assume uma função de destaque, uma vez que, a potência ou inibição da agressividade no cerne das sociedades diz respeito ao estatuto socioeconómico, serviços disponíveis e desempenho na escolaridade que interfiram em questões sexuais e criminais. No existencialismo existem dois modos de comunicação, através do amor ou através do ódio, que origina agressividade, pela impossibilidade de manter a comunicação ou interrupção (Pereira, 2007).

Apesar da agressividade, em muitas ocasiões, repelir lesões físicas, tende a implicar custos fisiológicos e psicológicos. As vicissitudes dos elementos constituintes de cada sexo elaboram diferenças ao nível do tipo de agressividade, como a própria constituição física, a força e o uso de armas. Como em todos os tipos de espécies, os seres humanos beneficiam da agressividade dependendo das suas próprias características e dos recursos que podem utilizar.

A agressão tende a ser mais intensa e frequente quando não são partilhados as mesmas ídoles, contextos com pouca inserção social, ligação e cooperação entre os membros do grupo (Georgiev *et al.*, 2013). As condições ambientais e sociais, subjacentes às experiências negativas, entram em conflito com as inspirações educacionais, sendo que, o comportamento violento é percebido como instrumento para obter determinados objetivos, designadamente, o estatuto social e o respeito (Stoddard *et al.*, 2015).

1.2.Fundamentos da Agressividade Sexual

A sexualidade ao longo dos anos é considerada com juízo de valor, vetos e falsos preconceitos. Posto isto, a sexualidade é subdividida em dois grandes núcleos, *ars erótica* (oriunda de sociedades orientais) vs *scientia sexualis* (países ocidentais), sendo que, a primeira diz respeito à experiência vivida com objetivo no prazer e satisfação do sujeito, enquanto, a segunda perpetua o simbolismo do pecado, da necessidade de confissão, de uma transgressão. Os estados de afeição que o sujeito predispõe com o seu parceiro determinam e proporcionam a intensidade da atividade sexual, o contacto sexual com o outro. Por consequente a hostilidade em relação ao parceiro irá determinar os processos de comportamentos sexuais desviantes e agressivos (Pereira, 2007).

A agressão sexual pode ser cometida por ou contra ambos os sexos, contudo a maior parte dos crimes sexuais adultos cometidos e reconhecidos são praticados por agressores do género masculino (Turchik & Edwards, 2012). Os custos psicológicos e hormonais de uma agressão, em seres humanos, tende, comparativamente com outras espécies, a ser mais elevada, uma vez que, os mesmos possibilitam de uma capacidade de empatia e introspeção (Georgiev *et al.*, 2013).

Segundo Vieira (2011), a participação oficial dos crimes sexuais não corresponde à realidade, uma vez que, existem preditores associados à situação que contribuem para imputação destes comportamentos, tais como, a idade precoce da vítima, a intimidação por parte do agressor, o agressor pertencer ao núcleo familiar e a vitimização secundária que o processo jurídico produz nas vítimas. Corroborando com estes factos, a preocupação e receio por parte das vítimas face ao agressor, advém das práticas agressivas que o mesmo exerce para obtenção da sua gratificação sexual, nomeadamente, o uso de arma. Sendo as vítimas, maioritariamente, crianças, mulheres ou pessoas incapacitadas, o acontecimento experienciado é conotado com uma elevada impotência proporcionando um maior impacto.

A agressão sexual, designadamente a violação, *per si* constitui vários significados, sendo que, em si mesma apresenta várias conjunturas. Assume um propósito a atingir, podendo apresentar instrumentos de tortura, um meio para obter sexo ou, ainda, uma demonstração de masculinidade. Segundo Coelho (1984, cit. *in* Pereira, 2007), existem critérios que nos permitem classificar, sistematizar e orientar desvios sexuais ou comportamentos sexuais desviantes, são eles:

- 1) Quanto ao objeto
- 2) Quanto ao “*modos operanti*”, à configuração
- 3) Quanto à consciência do próprio sexo
- 4) Quanto ao rendimento

A pedofilia é referente à prática sexual de um sujeito com menores; O fetichismo consiste da obtenção de orgasmos através de objetos pessoais da pessoa desejada; O sadismo é característico por obtenção de prazer sexual através de agressões verbais ou físicas da pessoa desejada; O masoquismo é referente ao sofrimento que o próprio elabora ou que permite que outro elabore perante si; A necrofilia consiste na satisfação sexual através da prática sexual com cadáveres; O onanismo diz respeito ao ato masturbatório que por si representa uma situação de carência ou um preliminar do ato sexual com o outro (Pereira, 2007).

1.2.1. Evolução do Conceito do DSM

Em 1952 a Classificação Internacional das Doenças (CID) foi substituída pelo DSM, a Associação Americana de Psiquiatria tinha como objetivo normalizar e homogeneizar a classificação psiquiátrica (Russo & Venâncio, 2006).

Inicialmente com o DSM-I a doença mental é concebida pelo modelo “psicossocial”. Em 1968, surge uma nova versão do DSM tendo por base o modelo psicanalítico, a doença mental é definida pela desorganização psicológica do indivíduo. As duas versões iniciais são estruturadas entre transtornos orgânicos, não orgânicos e distúrbios da personalidade, incluindo comportamentos anti-sociais que agrupam os desvios sexuais (Russo & Venâncio, 2006).

Os desvios sexuais considerados comportamentos psicopatológicos, pelo DSM-I, são: a homossexualidade, o travestismo, a pedofilia, o fetichismo e o sadismo sexual (bem como a violação, a agressão sexual e a mutilação) (APA, 1952, p.39, cit. *in* Russo & Venâncio, 2006).

No DSM-II, a concepção de desvio sexual é definida pelo interesse sexual dirigido a outro objeto que não o sexo oposto, sendo que os atos sexuais não estão focados no coito, realizados sob determinadas circunstâncias, tais como a necrofilia, a pedofilia, o sadismo sexual e o fetichismo (APA, 1968, p.44, cit. *in* Russo & Venâncio, 2006).

Posto isto, são padronizados comportamentos subjacentes ao desvio sexual, tais como, a homossexualidade, o fetichismo, a pedofilia, o travestismo, o exibicionismo, o voyeurismo, o sadismo, o masoquismo e outros desvios sexuais (Russo & Venâncio, 2006).

Com o DSM-III, em 1980, os transtornos psicosexuais agrupam-se entre transtorno de identidade de gênero, parafilias, disfunções psicosexuais e outros transtornos psicosexuais, passando a existir 22 tipologias dos mesmos. 14 Anos depois, com a 4ª versão do DSM, os comportamentos sexuais desviantes passam a designar-se por “Transtornos Sexuais e da Identidade de Gênero”, subagrupando-os em disfunções sexuais, parafilias e desordem de identidade de gênero (Russo & Venâncio, 2006).

Com o DSM-IV os Transtornos Sexuais e da Identidade de Gênero são concebidos pela incapacidade de determinado sujeito apresentar resposta sexual ou sentir prazer sexual, tendo, possivelmente, mais que uma disfunção sexual. Cingindo a diagnósticos como o Retardo da Ejaculação, o Transtorno Erétil, o Transtorno do Orgasmo Feminino, o Transtorno do Desejo/Excitação Feminina, Transtorno da dor Genital-Pélvica, Transtorno do Desejo Sexual Masculino Hipoativo, Ejaculação Precoce induzida por Medicação (Araújo & Neto, 2014). A 18 de Maio de 2013 são inseridos novos conceitos na Edição do Manual de Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais, tais como, Desordem Voyeurística, Desordem Exibicionista, Desordem Frotteurista, Desordem Masoquista Sexual, Desordem Sadista Sexual, Desordem Pedofílica, Desordem Fetichista e Desordem Travesti (Zucker, 2013).

Pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, o abuso sexual é caracterizado pelo comportamento desviante, designado, parafilia (*para*→ oposição *philos*→ atraído por), quando motivada pelo transtorno de preferência sexual. Deste modo, as parafilias são definidas pelos impulsos sexuais intensos, recorrentes de fantasias e manifestações de comportamentos não convencionais, como o fetichismo, o travestismo, o exibicionismo, o voyeurismo, a necrofilia e a pedofilia (Serafim *et al.*, 2009). Quando determinado sujeito apresenta determinadas preferências sobre o corpo, objetos e acessórios sexuais não está, necessariamente, restringido à parafilia, podendo não apresentar condutas sexuais criminosas.

Para que determinado comportamento se designe de parafilia são necessários os seguintes critérios: carácter opressor do desejo com perda de liberdade de opções e alternativas, ou seja, existe incapacidade de determinado sujeito não agir de modo diferente; carácter rígido, em que a excitação sexual apenas é alcançada pelo padrão parafílico; e, carácter compulsivo, necessidade de repetir a experiência (Murray, 2000; Fuller, 1989; Ames e Houston, 1999, cit. in Serafim *et al.*, 2009).

1.2.2. Punição na Lei Vs Inimputabilidade

Segundo o Código Penal (2013), encontram-se abrangidas pela definição “Dos crimes contra a liberdade pessoal”, a coação sexual pelo artigo 163º e a violação pelo artigo 164º. Definidas, respectivamente, como 1 – Quem, por meio de violência, ameaça grave, ou depois de, para esse fim, a ter tornado inconsciente ou posto na impossibilidade de resistir, constranger outra pessoa a sofrer ou a praticar, consigo ou com outrem, ato sexual de relevo é punido com uma pena de prisão de uma a oito anos; 2 – Quem, por meio não compreendido no número anterior e abusando de autoridade resultante de uma relação familiar, de tutela ou curatela, ou de dependência hierárquica, económica ou de trabalho, ou aproveitando-se de temor que causou, constranger outra pessoa a sofrer ou praticar ato sexual de relevo, consigo ou com outrem, é punido com pena de prisão até dois anos; e 1 – Quem, por meio de violência, ameaça grave, ou depois para esse fim, a ter tornado inconsciente ou posto na impossibilidade de resistir, constranger outra pessoa: a) A sofrer ou a praticar, consigo ou com outrem, cópula, coito anal ou coito oral ou b) A sofrer introdução vaginal ou anal de partes do corpo ou objetos é punido com pena de prisão de três a dez anos; 2 – Quem, por meio não compreendido no número anterior e abusando de autoridade resultante de uma relação familiar, de tutela ou curatela, ou de dependência hierárquica, económica ou de trabalho, ou aproveitando-se de temor que causou, constranger outra pessoa: a) A sofrer ou praticar, consigo ou com outrem, cópula, coito anal ou coito oral; ou b) A sofrer introdução vaginal ou anal de partes do corpo ou objetos; é punido com uma pena de prisão até três anos.

Partindo do pressuposto que o crime constitui um sintoma de perigosidade do delincente, fruto de uma personalidade anormal, importa estabelecer quais as características do comportamento do agente que, ao completar o conceito “crime”, permitem acompanhar o sintoma de perigosidade criminal, independentemente das condições psíquicas do agente, revelando a sanção mais adequada. Segundo Grisigni (1934), ao crime estão subjacentes os seguintes pré-requisitos: conduta humana, descrita num determinado tipo legal de crime; uma

conduta típica sem causa de justificação do facto; um determinante psicológico entre a conduta humana contrária à sanção penal e ao agente, deste modo, imputar-se-lhe-á considerar que agiu com culpa na forma de dolo ou negligência. A culpa e a inimputabilidade são constructos distintos constituindo-se a inimputabilidade pela causa pessoal de exclusão da pena, não uma causa de exclusão de crime, sendo que apenas ao nível da punição legal se torna fulcral a distinção entre delinquentes imputáveis e delinquentes inimputáveis (Grispigni 1934, cit. *in* Antunes, 2002).

A inimputabilidade torna-se característica específica do agente, pelo que, não reflete sobre elementos do seu crime. A função da inimputabilidade consiste na especificação e distinção dos agentes criminosos a quem se aplicam medidas de privação de liberdade, traduzidas em penas, e a quem se aplicam medidas de segurança (Vaccaro, 1947, cit. *in* Antunes 2002).

Declara-se inimputável o sujeito que é incapaz de entender e querer em razão de enfermidade mental, por falta de imputabilidade, após preenchidos os elementos objetivos e subjetivos do próprio crime e verificadas as devidas ausências de ilicitude e culpa. A imputabilidade reside na natureza genérica, designada pelo estado pessoal do sujeito independentemente do tipo de crime, contrariamente a culpa apresenta um carácter específico, comprovável e mensurável a cada tipo de crime (Antunes, 2002).

1.3.Agressões Sexuais nas diferentes Figuras Humanas

1.3.1.Contextualização da Agressão na Figura Feminina

Entre as consequências psicopatológicas que se apresentam subjacentes às vítimas de abuso sexual, encontra-se, com destaque o PTSD (Cruz *et al.*, 2015). O DSM-V identifica quatro grupos de transtorno de ansiedade após o evento traumático e de stress (PTSD) 1) reviver o evento; 2) evitar as memórias do acontecimento; 3) atitude de hipervigilância; 4) humor ou cognição negativa; considera ainda que, a exposição direta face ao acontecimento de abuso pode ser testemunhada pessoalmente, apreendida por um membro da família ou amigo próximo, ou seja, exposição repetida e extrema pela descrição pormenorizada do evento traumático (American Psychiatric Association, 2013 cit. *in* Wosu *et al.*, 2014).

Além de ser considerado um problema de saúde pública, os abusos sexuais contra as mulheres fomenta, nas vítimas, problemas e percas significativas ao nível da saúde física e

mental. Devido ao exponencial acréscimo de notificações da violência contra as mulheres, existem diferentes sectores da ciência a estudar o fenómeno, nomeadamente, há uma maior preocupação dos serviços públicos de atendimento. A violência física é ilustrada pela ação ou tentativa de danificar, por uso da força física ou objetos, provocando lesões externas ou internas na vítima. Deste modo, o abuso sexual caracteriza-se pela impotência da vítima face à ofensa do agressor, obrigando a mesma à prática sexual sob meio de intimidação ou força sem o seu consentimento (Costa *et al.*, 2011).

Existem diversos fatores que estão subjacentes à recuperação e à gravidade dos sintomas após o abuso (Cruz *et al.*, 2015).

Quando existe um abuso sexual é necessário compreender a dinâmica psíquica que a violação envolve, assim como, as marcas e consequências psicológicas. As mulheres vítimas deste acontecimento, após o abuso, constroem novas delimitações entre o seu “eu” e o mundo, sendo estas, ganho de peso, baixo investimento pessoal, falta de cuidados, baixa autoestima sexual que advém da contusão. O mecanismo de compulsão é utilizado frequente e subtilmente nas suas vivências, como o facto de associarem o sexo à violência sexual exercida sobre si ou a algum fator específico que o abusador tenha apresentado. A relação entre a violência sexual exercida e os transtornos psiquiátricos após a vivência, demonstram persistência independentemente da idade e género da vítima. Paralelamente, equiparada a outros tipos de agressões, a violência sexual desencadeia em maiores índices dissociação, menores respostas de iniciação e maiores respostas de inibição, uma vez que, associadas ao transtorno de stress pós-traumático e aos sintomas depressivos. O sentimento de culpa está subjacente às respostas de inibição por parte da vítima. O lugar que define dentro de si mesma, o que pensa e considera sobre o seu “eu”, a sua autoestima, os valores e a noção do que merece da vida estão desajustados e afetados pela experiência traumática. Deste modo, as mulheres que experienciam acontecimentos abusivos sexuais manifestam dispareunia, maior insatisfação e falta de desejo sexual comparativamente a outras mulheres. As emoções sentidas pela vítima após o estímulo abusivo são potenciadoras, após o abuso, das disfunções sexuais. Uma relação estável com determinado parceiro e sexualmente ativa antes do abuso, contribuem para fatores protetores do desenvolvimento de problemas sexuais após a experiência vivida. O transtorno de stress pós-traumático, a depressão, a ansiedade, os transtornos alimentares, os distúrbios sexuais, os distúrbios de humor, consumo abusivo de álcool e drogas, a redução da qualidade de vida, o comprometimento do sentimento de

satisfação com a vida, com o seu corpo, com a vida sexual e com os relacionamentos interpessoais são consequências com cerne psicológico após o abuso sexual (Souza *et al.*, 2013).

1.3.2.Contextualização da Agressão a Menores

Segundo Lordello & Costa (2013) a agressão sexual a menores é definida pela atividade de maltratar as crianças ou adolescentes, colocando-os em situações de exposição e incentivo sexual sem que seja considerado a própria inadequação face à idade da vítima. Os autores alertam para a necessidade de “visionar” e “compreender” os fenômenos de abusos sexuais a menores, ver ao nível do crescimento numérico desta problemática e apreender as possibilidades de interações abusivas. Para primeira proteção da vítima face ao agressor é primordial entender qual o contexto em que ambos se inserem, nomeadamente, a proximidade do agressor à vítima ou possíveis vítimas. Relativamente à inquirição da criança para a denúncia, o entrevistador deverá ter em conta o modo como acede à informação, designadamente, o cuidado com a potencialidade de colocar palavras na boca da criança ou pela necessidade de obter informação de modo a elucidar a própria criança face ao acontecimento. Deste modo é necessário que, exista da parte dos técnicos limites concisos, a exposição pública seja evita a fim de as vítimas não se sentirem alvo de preconceito social. Como fator adicional, por parte do agressor existe uma resistência em admitir a sua responsabilização em virtude da medida de coação por parte dos membros jurídicos. Os abusos sexuais de crianças são, principalmente, nomeclados em abuso sexual sem contacto (i.e. exibicionismo, exposição indecente, assédio sexual e voyeurismo); abuso sexual sem penetração (i.e. carícias, beijos e toques genitais); abuso sexual com penetração (i.e. anal, oral, coito vaginal) (Negriff *et al.*, 2014 cit. in Wosu *et al.*, 2014).

Segundo Miffitt (2014) os efeitos físicos, psicológicos e comportamentais após o abuso sexual incrementam o impacto deste abuso para o resto da vida da vítima. Além das consequências sociais, os sujeitos vítimas de abuso sexual em criança, apresentam perturbações e disfunções pessoais na sua vida adulta. Para além que, as consequências imediatas após o abuso sexual são similares às consequências das vítimas em idade adulta. Os índices elevados de proteção familiar e social são, significativamente, indispensáveis para a superação do abuso sexual na infância do que qualquer outro fator de abuso (Lam & Grossman, 1997, cit. in Miffitt, 2014).

O impacto do abuso sexual deve-se, em parte, pelos seus próprios engenhos, deste modo são estudadas variáveis como a duração, a continuidade e frequência, a relação vítima-agressor e o exercer da força. As consequências do abuso tornam-se mais austeras quando existe uma maior frequência e uma continuidade temporal, quando o agressor recorre ao uso da força e, especialmente, quando subjacente ao abuso existe uma relação de proximidade entre o agressor e a vítima, designadamente, uma relação incestuosa entre um pai ou padrasto e a criança (Hébert *et al.*, 2006, cit. *in* Cortés & Cortés, 2015).

O abuso sexual intrafamiliar está subjacente à dinâmica familiar, aos vínculos afetivos, e as relações de poder que constituem uma configuração complexa deste fenómeno, envolvendo modificações ao nível das proporções do ato sexual. Devido à pluralidade fatorial deste acontecimento as vítimas adotam a procura de um serviço auxiliar, contudo mantêm atitude de afastamento, sendo que, qualquer vínculo de confiança só é estabelecido após a verificação de uma relação estabelecida com um profissional que crie empatia com o sujeito e que não dinamize o acontecimento na base da revitimização (Lordello & Costa, 2013). Segundo Cortés & Cortés (2015) as diferenças da experiência vivida de abuso sexual está correlacionada com as consequências observáveis, contudo apenas uma pequena percentagem dessas mesmas consequências pode ser atribuída ao ato de abuso sexual em si mesmo. As disfunções familiares potenciam as probabilidades dos abusos sexuais intrafamiliares e determinam os efeitos produzidos. Vítimas de abuso sexual intrafamiliar apresentam maiores índices de stress, maior conflitualidade e menor coesão no seio familiar. Paralelamente, quando a coesão e suporte familiar circunscreve a criança os efeitos negativos tendem a diminuir.

A criança irá deparar-se com várias intervenções da investigação e muitas das vezes não apresenta resistência cognitiva, emocional e social necessária para elaborar este acontecimento. Para além de que, em várias circunstâncias é pedido à criança para repetir o acontecimento com diferentes profissionais, sendo doloroso para a mesma a exposição dos factos sistematicamente; mas também o abandono da sua habitação e o reencontro com o agressor em tribunal. A vítima de abuso sexual de menores pode atribuir a culpa do evento a si mesma, ao agressor ou a outros adultos. A desilusão e a perda da figura consistente na qual a criança confiava origina em si mesma sentimentos depressivos, cólera e desconfiança dos sujeitos num futuro próximo. O estigma que é desenvolvido pelo próprio processo associado a uma série de conotações negativas do abuso sexual e da criança em si (impiedade, crueldade,

culpa) apoderam-se da sua autoestima, do seu ego. Consequentemente, a vítima apresenta níveis de autoestima baixos, comportamentos auto-lesivos, ideação suicida, identificando-se com frações estigmatizadas da própria sociedade (toxicod dependência e prostituição). O sentimento de desespero é o mecanismo pelo qual a sua vontade, desejos e sentidos da sua própria eficácia são sistematicamente invadidos e anulados, fortalecendo e potenciando a sua idealização de vítima, contra sua intenção (Cortés & Cortés, 2015).

1.3.3.Contextualização da Agressão na Figura Masculina

O conceito de masculinidade embebido pela sociedade constitui-se por domínios psicossociais como a fortaleza, a assertividade, o sexualmente dominante e a heterossexualidade, representando ao longo de gerações. Deste modo, existe a perpetuação de mitos e crenças quanto à possibilidade destes indivíduos poderem ser vítimas de abusos sexuais e, ao mesmo tempo, não admitirem consequências negativas do acontecimento quando comparados com vítimas do sexo feminino (Bolognesi, Baldwin & Ruini, 2014). Segundo Peterson *et al.* (2011), é necessário a avaliação da veracidade dos mitos de violação que minimizam a existência de abusos sexuais em vitimas de género masculino e, consequentemente, as consequências negativas possibilitando a escassez de pesquisas.

A identificação de violação como crime e as definições legais tendem a ser universais para a maior parte dos países, o que permite uma definição de violação sólida bem como a consistência relativamente à terminologia. Contudo, o preconceito de género nas definições legais contribui para uma escassez relativa, no que respeita ao abuso sexual de vítimas masculinas, nomeadamente, exclusões ao nível da violação (Peterson *et al.*, 2011).

As crenças que existem sobre a violação no sexo masculino dizem respeito ao estereótipo de género e aos constructos sociais criados pela definição de masculinidade e de sexualidade masculina. O conceito de sexualidade pressupõe determinadas construções cognitivas, intrinsecamente ligadas há homossexualidade, sobre a masculinidade do sujeito. Posto isto, os mitos da violação são congruentes a uma fração significativa da população, isto é, existem padrões sociais referentes à masculinidade e à sexualidade masculina (Turchik & Edwards, 2012).

A maioria da experiência vivida por homens, considerada como abuso sexual de menores ou abuso sexual adulto, não é percecionada ou reconhecida como abuso sexual. A falta de reconhecimento de vitimização sexual pode influenciar, positiva ou negativamente, a

recuperação do sujeito face à violação ou abuso sexual. Deste modo, a obtusidade face à problemática vivida pelos sujeitos do género masculino, no abuso sexual, permite a falta de serviços de saúde para os mesmos e a impercetibilidade para a construção de vitimização destes mesmos. São estimadas altas taxas de vitimização sexual masculinas não reconhecidas, uma vez que, o reconhecimento da vitimização prejudicaria a expectativa do estereótipo e, comparativamente, existe um reconhecimento elevado de vítimas do sexo feminino. A variabilidade da recuperação pode ser explicada pelo fator de reconhecimento de vitimização (Giacomo *et al.*, 2014).

Os fundamentos condicionantes regem-se por uma série de fatores, nomeadamente, a figura de homem não tem possibilidade, em contexto institucional, de ser vítima de abuso sexual; sendo a incidência deste fenómeno raro, não carece do devido cuidado; as vítimas de abuso sexual do género masculino tendem a apresentar um maior nível de responsabilização quando comparadas a vítimas do género feminino, sendo propensas a uma orientação homossexual por consequente, desejam, em última análise, a agressão. Quando ocorre por parte da vítima o prazer sexual no ato, nomeadamente a ereção ou ejaculação, é presumível pela mesma o consentimento. Ao nível dos caracteres psicológicos, os mecanismos de reação após o acontecimento vivido, por parte das figuras masculinas, são diferentes, quando comparados com as figuras femininas. Os sujeitos tendem a apresentar uma atitude controlada, passando pela aceitação, minimização do acontecimento, submissão ou negação. Existe ainda um julgamento interno que passa pela vulnerabilidade e mudança do estilo de vida, designadamente, a perceção de si próprio como figura reduzida de característica de masculinidade e, consequentemente, uma autoflagelação a si próprio (Giacomo *et al.*, 2014).

Em muitos estados dos Estados Unidos, um ato de sexo anal forçado ou até mesmo sexo oral é definido como uma “inversão forçada” e não como violação, portanto as consequências legais de cometer uma violação contra um homem são muitas das vezes diferentes quando a vítima é uma mulher (Turchik & Edwards, 2012).

Segundo Peterson *et al.* (2011), alguns sujeitos são coagidos ou forçados a envolver-se em sexo não desejado, nomeadamente, através de pressão verbal, intoxicação ou força física, contudo existem ainda relações sexuais indesejadas que não são qualificadas como coercivas (i.e. homens que concordam a envolver-se em determinadas experiencias sexuais porque são sexualmente seduzidos pelo seu par ou foram pressionados). Assim sendo, a definição de agressão sexual deve ser amplificada para “qualquer ato sexual sem a intenção ou parecer

positivo” do sujeito. Existem sentimentos de confusão, por parte da vítima, que dizem respeito à recusa de sexo, à falta de certeza quanto à sua orientação sexual e/ou a comportamentos de desistência sexual que potenciam a ideia de homossexualidade (Giacomo *et al.*, 2014).

O impacto da relação sexual coerciva varia consoante as características do contexto da experiência e das diferenças individuais e singulares de cada vítima, sendo que, para algumas figuras masculinas a experiência de um beijo forçado poderá ter um maior impacto com consequências negativas para o próprio, do que a experiência de uma relação sexual forçada. Apesar do indivíduo ter sido forçado ao contacto genital, o que comparativamente a um beijo coagido é conotado como uma grave violação, o mesmo sente que evitou com sucesso a agressão sexual, impedindo as relações sexuais com penetração, mas não evitou outro tipo de contacto. Deste modo, o significado de uma experiência sexual coercitiva, é susceptível à reação do indivíduo perante a mesma experiência (Peterson *et al.*, 2011). Os efeitos frequentemente relatados, após o contacto indesejado, referem-se a sentimentos de desespero, nervosismo quando estão próximos de outras pessoas e desconforto pela proximidade física (Giacomo *et al.*, 2014).

Experienciar homofobia interna, confusão de identidade e de orientação sexual são acontecimentos que favorecem as crenças e mitos de que apenas os homens homossexuais tendem a ser vítimas de violação, que a mesma violação é um condicionante predisposto para a orientação sexual passe a ser homossexual e, ainda, que os homossexuais e bissexuais sejam os alvos destas agressões, uma vez que, moralmente merecem tais condições. A falta de sensibilidade por parte do meio social e o próprio estigma que envolve o tema concebe uma barreira que impossibilita as vítimas de procurarem assistência psicológica e médica. A promoção de casos de violação masculina, relatados ou representados pela média, conduz a visões estereotipadas, onde o abuso decorre em determinadas circunstâncias, envolvendo uma determinada porção de sujeitos. Não havendo nenhum outro tipo de crime violento ironizado, descrito como bem-humorado ou como violação de “macho”. A própria lei nem sempre reconhece as situações perpetuando mitos como “*os homens não podem ser violados*”, “*vítimas do sexo masculino não são afetadas pela violação*” e “*a violação masculina não é importante*”(Turchik & Edwards, 2012).

2.Agressores

Os agressores sexuais podem ser descritos como “ofensores sexuais”, “jovens com problemas de comportamento sexual” e “jovens reativos sexualmente”, apresentam uma pré-disposição a problemáticas de foro íntimo que aumentam a vulnerabilidade de contacto sexual com parceiros, que não consentem a prática, para satisfação própria (McGrath *et al.*, 2010).

Segundo McGrath *et al.* (2010) existem seis tipos de agressores sexuais, sendo estes, o violador, o agressor incesto (intrafamiliar), agressor de menores (extrafamiliar), o violador “legal” (cooperativa de sexo), agressor sem contacto (exibicionistas) e agressor exclusivo de pornografia infantil.

Segundo Matos, Negreiros, Simões & Gaspar (2009), existem diversas formas de o agressor investir sexualmente sobre a sua vítima. O termo “coerção sexual” é utilizado na literatura para descrever métodos de abuso sexual que não são necessariamente violentos, mas que, de igual forma, aliciam ou forçam a vítima a ingressar em atos sexuais contra a sua vontade.

2.1.Perfil Psicológico

O conceito *Profiling*, desenvolvido pela psicologia, corresponde há área da psicologia forense em diversos países (Wrightsmann, 2001, cit. *in* Correia, Lucas & Lamia, 2008) engloba um conjunto de metodologias como perfil psicológico, perfil do ofensor e perfil de personalidade criminal. Embora existam diversas terminologias, perfil criminal é o termo mais ajustado, sendo que, abrange um conhecimento de áreas criminais como a Criminologia, a Psicologia, a Psiquiatria e as Ciências Forenses (Soeiro, 2009).

Segundo Ressler (1988),a investigação do comportamento e características da personalidade do agressor deve ser feita no contexto prisional, uma vez que, permite pormenores relativos ao *como e porquê* dos seus comportamentos, das escolhas das vitimas, o seu percurso na infância, a sua história familiar e escolar, e, ainda, o seu estado psicológico atual para passagem ao ato (Toutin, 2000, cit. *in* Soeiro, 2009). Mas também, e obrigatoriamente, a importância da recolha de informação relativamente ao estilo de vida das vítimas, às suas características pessoais e sociais com familiares e conhecidos (Soeiro, 2009). Os estilos tradicionais a que os perfis estão associados são: crimes violentos e homicídios em

série, crimes de violação, crimes sexuais contra crianças, sequestro, homicídio, incêndio e assalto à mão armada (Kocsis, 2003; Strano, 2004).

Segundo Marques (2005) existem aspetos do funcionamento dos abusadores, tais como, a conceção das figuras femininas é definida de forma desqualificada e sem valor; os significados psicológicos subjetivos ao abuso são desqualificados, negados e desculpabilizando-se; existe uma distorção da realidade face à punibilidade da lei, da moral e da ética; a característica narcísica está presente na maior parte dos sujeitos; apresentam estruturas de personalidade similares e divergentes; e, por fim, o abusador apresenta alguma psicopatologia ou transtorno da personalidade. A perspectiva psicanalítica permite uma compreensão do abuso sexual pelas questões da natureza humana, não sublimadas mas direcionadas, com a importância do complexo de Édipo e da angústia da castração. Quando os indivíduos cometem atos incestuosos, formula-se a hipótese de o mesmo não conseguir circunscrever os seus desejos delimitados às definições da lei e à ética social, sendo o seu desejo sexual mais forte. Posto isto, os abusadores não dispõem da capacidade de introjetar os princípios morais, com inibidores do desejo, de modo a que a barreira incestuosa não é delimitada e fortalecida, ou seja, as figuras familiares e os laços inerentes às mesmas não garantem a forma mais adequada da procura de um outro como objeto sexual. É importante salientar a particularidade de cada essência psicológica do indivíduo em particular, mesmo quando as estruturas mentais são semelhantes. Os contextos familiares que se regem pelos constructos do domínio, do poder, do machismo e do autoritarismo apresentam relações assimétricas disfuncionais construídas ao longo do tempo, na história e na cultura. Características como a introversão social, sentimentos de inadequação da figura masculina, culpabilização do outro e responsabilização do mesmo referem possivelmente o perfil do abusador. O indivíduo é um resultado de múltiplos desejos internos que são circunscritos numa sociedade que se estabelece por leis e regras, com objetivo a estabilidade comunitária nas relações interpessoais. A perversão sexual segrega-se à luz de um trauma sexual ocorrido na infância do abusador, onde o culminar do abuso produz a situação sexual vivida, obtendo internamente a recusa da castração e estabilizando a identidade sexual ameaçada anteriormente.

Segundo Geneviève & Tardif (2014) a intimidade no agressor sexual está intrinsecamente articulada a noções de ligação/apego, sendo que, a relação com os pais (memórias da infância) ou a ligação a um parceiro sexual agressor, define a evolução das disposições e défices com

os parceiros sexuais. Ou seja, existindo uma relação primária deficiente não é possível a elaboração positiva de modelos de funcionamento de si e do outro.

Os défices de intimidade nos agressores sexuais são percebidos como dificuldades interpessoais, estando na origem da ansiedade social e do medo de intimidade, juntamente aos sentimentos de insatisfação nas relações e à incapacidade de alterar este padrão, provocam sentimentos de solidão que motivam estes agressores a procurar formas alternativas de satisfação na intimidade (Geneviève M. & Tardif, M., 2014).

Toutin (2000, cit. *in*. Soeiro,2009) ordena quatro grupos elementares onde a aplicação do perfil criminal do ofensor violento é possível:

1. Comportamento de violência extrema que abrange situações de homicídio, tentativas de homicídio e outros comportamentos voluntários com níveis de violência elevados;
2. Crimes sexuais, como a violação e agressões sexuais, envolvendo perversão e crueldade;
3. Destruição de bens públicos ou privados motivados por reivindicações;
4. Comportamentos violentos que afetam aspetos morais, comprometendo a coação psicológica.

Segundo Jackson & Richards (cit. *in* Fabian, 2012), o perfil do agressor sexual inclui-se no seguinte registo: Pedofilia 56,3%; Abuso de álcool ou dependência 43,6%; Parafilia não especificada 42,6; Transtorno de personalidade não especificado 42,15%; Outro abuso ou dependência 41,6% e Transtorno de personalidade anti-social 41,1%. Sendo que a prevalência de distúrbios cognitivos apresenta a seguinte informação: Desordem de Aprendizagem 5,3%; Funcionamento Border-line 12,6 %; Retardamento Mental 4,7%; Demência 1,1% e Distúrbios ao nível da Linguagem 0,5%.

2.1.2. Perturbação da Personalidade Antissocial e Psicopatia

Segundo Yu et al. (2012, cit. *in* Howard *et al.*, 2014) a probabilidade de determinado sujeito com presença de distúrbios de personalidade apresentar comportamentos violentos tende a ser 3 vezes superior quando comparada à população geral. A comorbidade da Personalidade Anti-social ou Border-line é identificada numa panóplia de comportamentos anti-sociais, nomeadamente, comportamento violento com presença de comorbidades do Eixo

I, designadamente, transtornos de conduta na infância, dependência de substâncias e álcool, e distúrbios cognitivos (Freestone, Howard, Coid, & Ullrich, 2012, cit. in Howard et al., 2014).

Segundo Kernberg (1992, cit. in Larochelle et al., 2010) a desordem da personalidade anti-social é quantificada pela patologia de personalidade narcísica mais grave circunscrita às organizações borderline. Caracterizada pelas seguintes dimensões psicológicas: difusão, mecanismos de defesa primitivos (tais como, negação, controlo onnipotente, idealização e projeção primitiva, e desvalorização) e débeis testes à realidade sob contextos socio-relacionais. O ataque é caracterizado sob aspetos de auto-representações grandiosas, incutindo agressividade das suas representações mentais e sob falta de valores éticos e morais. Tendo em consideração que estes sujeitos apresentam desonestidade, exploração, desvalorização, agressão e reações de desprezo face a um outro, as relações interpessoais dos mesmos têm por base patologias de representações mentais e agressivas.

Vários estudos demonstram a prevalência da personalidade psicopata dos diferentes tipos de agressores sexuais. Deste modo, pela escala de PCL-R, verifica-se que os abusadores sexuais de menores apresentam valores inferiores aos violadores ou abusadores designados “mistos”, com mais que uma tipologia de crime sexual (Hare, 199; Abrunhosa Gonçalves & Vieira, 2005, cit. in Rebocho, 2007). Segundo Barbaree et al. (1994), agressores sexuais que apresentem psicopatia apresentam características mais violentas e sádicas comparativamente a agressores sexuais com outra personalidade (Rebocho, 2007).

2.3. Comportamento do Agressor Sexual

Segundo Serafim et al. (2009) os agressores sexuais não tendem a modificar aspetos psicológicos, culturais ou sexuais mesmo que possam ser identificados. O *Modus Operandi* é designado pelo comportamento repetitivo do agressor, tendo como objetivo o sucesso do seu crime e a identidade do agente. Este torna-se, à medida que o agressor desenvolve mais experiência e confiança sob as suas ações, dinâmico e flexível.

O ritual do mesmo comportamento abusivo é definido tendo em conta as necessidades psicosexuais do agressor, sendo este crítico para obtenção do seu próprio prazer, desejos e impulsos sexuais (Holmes, 2002; Lanning, 1991; Leclerc et al., 2008, cit. in Serafim, 2009). Segundo Lannung (1991, cit. in Serafim, 2009), o modus operandi é executado ao longo da atividade sexual, alguns dos seus aspetos tornam-se ritualizados para comportamentos

posteriores, determinados por constructos eróticos fornecidos pelas fantasias de natureza bizarra.

2.2. Avaliação dos Agressores Sexuais

É possível referenciar uma vasta panóplia de características associadas à avaliação dos agressores sexuais, nomeadamente, a origem do comportamento, o modo como se manifesta, o risco envolvente, imediatamente após o ato e a longo prazo, e um possível prognóstico de tratamento (Gonçalves, 2005 cit. *in* Gonçalves & Machado, 2005).

Segundo Gonçalves (2005, cit. *in* Gonçalves & Machado, 2005), os fatores fulcrais a ter em consideração na avaliação deste tipo de sujeitos, são:

- Abuso de Substâncias: apreensão de existência ou ausência de consumo de substâncias por parte do sujeito; que tipo de substâncias são comumente consumidas pelo agente; compreender se as mesmas são facilitadoras do comportamento abusivo; qual a importância dada ao consumo, pelo abusador, como fator explicativo das suas ações;

- Agressividade: compreender qual o tipo de *score* alcançado pelo sujeito na escala AQ (versão portuguesa de Vieira & Soeiro, 2002 cit. *in* Gonçalves & Machado, 2005), se o mesmo na sua totalidade apresenta um cariz elevado e que tipo de agressividade (e.g., física, verbal, raiva, hostilidade) é utilizado pelo abusador como abordagem à vítima;

- Disfunções Orgânicas: considerando os comportamentos sexuais agressivos ou bizarros consequência de possíveis perturbações psicóticas, demências, consumos abusivos e crónicos de substâncias, temores cerebrais ou traumatismos cranianos é fundamental que exista uma avaliação de possíveis disfunções orgânicas;

- Disfunções Sexuais: a exploração de parceiros sexuais menores, com cariz psicológico para o agente de poder, onnipotência e não julgamento da sua incapacidade sexual, tende a estar direta ou indiretamente correlacionada com disfunções erécteis e ejaculações precoces. Assim como, a procura excessiva e anormal de relações sexuais pelo abuso de estimulantes erécteis contribui para que o sujeito apresente comportamentos sexuais agressivos;

- Distorções Cognitivas: para o agente existe um espectro de crenças enraizadas que permitem e facilitam os comportamentos sexuais agressivos, deste modo, é necessária a avaliação da prevalência e tipologia das mesmas;

- Parafilias: é necessário avaliar o papel desempenhado pela(s) parafilia(s) no comportamento agressivo sexual, pois são consideradas responsáveis diretos. Do mesmo modo, qual a amplitude, o grau de compulsividade e o tempo que assume(m) na vida do sujeito;

- Perigosidade: ligada ao risco e associada ao contexto legal, avaliada quando existem suspeitas de anomalias psíquicas;

- Psicopatia

- Tratabilidade: prognóstico do agente agressivo, após o término na intervenção psicológica.

3. Abordagens da Agressão Sexual

3.1. Perspectiva Biológica

As teorias biológicas colocam o seu foco na evolução e nas influências genéticas no comportamento criminoso e assentam sob a premissa de que as mudanças nos humanos e nas sociedades se devem à passagem dos genes de geração em geração (Bakker, 2004).

O paradigma biológico descreve o comportamento sexual desviante através de fatores neurológicos, biológicos e orgânicos, sendo que, o impulso sexual ocorre devido à descarga hormonal e aos aspetos fisiológicos (Vieira, 2011). Modificações cerebrais, doenças mentais, traumatismos cranioencefálicos, elevados níveis de testosterona, traumas ou obsessões-compulsões são pressupostos que contribuem para agressões sexuais (Balaias *et al.*, 2012)

3.2. Perspectiva Evolucionista

A perspectiva evolucionista refere que, o meio ambiente desenvolve ou inibe determinadas aptidões psicológicas inerentes ao ser humano, pelo que, os processos de desenvolvimento possibilitam determinados fatores internos. Portanto, a agressão sexual é compreendida pela incapacidade ao longo do desenvolvimento do sujeito para adaptações psicológicas (Thornhill & Palmer, 2000 cit. *in* Vieira, 2011).

Segundo Rebocho (2007, cit. *in* Balaias *et al.*, 2012) ao ato de procriação estão subjacentes as agressões sexuais como comportamentos instintivos, acrescentando que, a

agressão sexual é inerente ao longo dos tempos. Pelas regras de seleção natural a violação torna-se reflexo das mesmas (Maria, 2004, cit. *in* Balaias *et al.*, 2012).

3.3. Perspectiva Comportamentalista

Segundo esta perspectiva, a energia agressiva é oriunda de uma determinada frustração que, por sua vez, dá origem ao comportamento agressivo (Miller, Sears, Mowrer, Doob & Dollard, 1941, cit. *in* Kristensen *et al.*, 2003). Deste modo, ao estímulo da agressão está subjacente, entre outros fatores, a posição hierárquica ocupada. Sendo que, a intensidade do mesmo irá depender da força que é colocada para chegar a determinado objetivo, do valor atribuído ao objetivo e do grau de intervenção (Kristensen *et al.*, 2003).

As experiências sexuais desviantes tendem a fomentar práticas sexuais distorcidas, designadamente, fantasias e papéis de masturbação (Balaias *et al.*, 2012).

3.4. Perspectiva Cognitivista

Partindo do pressuposto que o agressor tende a apresentar uma visão de si e da vida negativa e distorcida, os atos cometidos pelo mesmo são colmatados pela racionalização, justificação e minimização (Balaias *et al.*, 2012).

3.5. Perspectiva Psicanalítica

Contrariamente às pulsões de vida, as pulsões de morte tendem a eliminar as tensões. Inicialmente estas pulsões estão dirigidas para o interior do próprio sujeito visando uma autodestrutividade. Posteriormente, quando dirigidas para o exterior manifestam-se sob a forma de agressão ou de destruição. A pulsão de morte quando conduzida para o mundo externo do sujeito, origina agressão e destrutividade, destruindo outro objecto que não o próprio *self* (Kristensen *et al.*, 2003).

O modelo dinâmico, refere como principal exponencial para a prática de comportamentos sexuais não consentidos, o Complexo de Édipo, uma vez que, existe uma falha de identificação ao pai, resultando na dominância da figura materna e, por consequente, desejos inconscientes de incesto ou persistência do medo da castração nas relações heterossexuais. Ou seja, a criança não completou e ultrapassou o complexo de Édipo de forma esperada, deste modo, existe uma identificação ao agressor e um desejo de vingança. Segundo Freud (1990, cit. *in* Vieira, 2011) o desenvolvimento de condutas sexuais agressivas tende a evoluir do

ponto de vista criminal para procedimentos mais graves, nomeadamente, o voyeurismo e o froteurismo.

Segundo Flora (2011) a perspectiva psicanalítica está relacionada com uma estrutura de ego deficitária, desenvolvendo sentimentos de inadequação, ansiedade e desenvolvimento de perversões, deste modo há externalização sob forma de agressividade, pensamentos e sentimentos sexuais do sujeito (Rebocho, 2007, cit. *in* Balaias *et al.*, 2012).

3.6. Perspectiva Sociocultural

Na perspectiva Sociocultural há uma predisposição para determinados comportamentos sexuais e inibição para outros (Vieira, 2011). A cada cultura estão subjacentes determinados pré-conceitos do que é socialmente aceite ou não, desse modo, o que se torna sexualmente aceitável por determinada cultura está condicionado à estrutura de poder atual (Balaias *et al.*, 2012).

3.7. Perspectiva da Aprendizagem Social

Para Bandura (Berkowitz, 1998, cit. *in* Kristensen *et al.*, 2003) o que está no cerne da agressão de determinado comportamento são as recompensas e os incentivos oferecidos pelo mesmo. Ou seja, existe um contrabalanço entre os benefícios e custos desse determinado comportamento. Sendo os benefícios superiores para determinado sujeito alcançar os seus objetivos, então o mesmo manifestará comportamentos agressivos.

A agressão torna-se apreendida pela imitação e sustentada pelo reforço. Deste modo, a agressão sexual torna-se apreendida pelas influências culturais, apreendidas sob determinadas atitudes, estereótipos sexuais e aprendizagem da socialização masculina face à agressão física e ao ato sexual (Maria, 2004, cit. *in* Balaias *et. al.*, 2012).

PARTE II – Estudos Empíricos

Capítulo II

“O sentido é único e específico na medida em que tem de ser preenchido e pode ser preenchido, somente por ele; só então assume um significado capaz de satisfazer a sua própria vontade de sentido”

Neste capítulo torna-se exequível compreender os pressupostos básicos que se encontram subjacentes à investigação. Deste modo, ao estudar a experiência vivida dos agressores sexuais sob a luz fenomenológica é possível conceptualizar os conteúdos internos face à mesma experiência.

Tendo por base a psicologia, ciência que procura compreender o comportamento humano e o significado do mesmo, torna-se importante a globalidade da existência do sujeito, assim como, os fatores diretos e indiretos ao mesmo. Do mesmo modo, a determinação da ação exercida e determinada pelos fenómenos intra e inter ao próprio sujeito. Posto isto, a propriedade do estudo passa pela compreensão do fenómeno na sua plenitude, no cerne objetivo para o próprio sujeito.

O homem é o único que consegue ter consciência de si mesmo, possibilitando-se a observar a si mesmo, investigando-se a si e às suas finalidades (Ducceschi, 1970).

1. Questão de Investigação

Considerando as agressões sexuais atos coercivos, que implicam um comportamento abusivo por parte do agressor, visando uma violência física, psicológica e sexual. Surge a necessidade de compreender este fenómeno pela via do agressor. A forma como a agente da ação atribuí significado ao seu ato e o modo como é para si experienciada a ação.

Posto isto, sendo possível a interação com os agressores sexuais pelo contato diário com o estágio, torna-se fundamental para a atualidade criminal a investigação do crime sexual.

Assim sendo, a questão de investigação visa compreender a experiência vivenciada pelo agressor, ou seja, ***“O prazer de não sentir – Experiência vivida pelos agressores sexuais”***.

2. Objetivos da Investigação

O presente estudo tem como objetivo a compreensão do fenómeno de agressão sexual sob o olhar do agente da ação. Enquadrando-se na investigação qualitativa, à luz da fenomenologia, procura-se entender e compreender pelo sentido do sujeito o significado do seu “ser ativo” naquela experiência.

Segundo Heidegger (1993) a experiência do sujeito advém de um ser de possibilidades e compreensões, pelo que, a compreensão e interpretação do seu mundo dá-se através do é-aí

(situação) a partir de um modi de *se-encontrar-em* (circunstancia significativa) (Kahlmeyer-Mertens, 2014).

3. A Fenomenologia

Através do movimento filosófico de Edmund Husserl surge a fenomenologia, com influência sobre a arte, cultura, estética, literatura e ciências contemporâneas, caracteriza-se pela “linha de pensamento que extravasou limites da ação filosófica inicial, permanecendo ativa até aos dias de hoje” (Giorgi & Sousa, 2010, p.33). Segundo Husserl (2001^a, p.629) a fenomenologia elabora noções gerais sobre os seres humanos em articulação com o seu mundo (Sousa, 2014).

Um dos objetivos da fenomenologia passa pela especificidade da pessoa, nomeadamente, a sua história pessoal vivida e a história do que será (Sousa, 2014). Posto isto, centra-se no self, nas características do próprio, nas motivações e intenções (Husserl, 1977, p.21, cit. *in* Sousa, 2014).

Segundo Sousa (2014) o individuo cria-se a partir do conhecimento e reconhecimento do espaço intersubjetivo, sendo que, os processos de constituição do mundo interno, do desvelamento do eu e da constituição de subjetividade caracterizam-se pela interdependência e simultaneidade. A questão central da teoria fenomenológica depara-se da consciência pré-reflexiva da dimensão experiencial, toda e qualquer experiência vivida narrada na primeira pessoa, implica imediatamente a consciencialização do próprio self.

3.1.A Psicologia Fenomenológica

Segundo Husserl (1928/1997), a Psicologia Fenomenológica é definida como ciência inerente e fundamental, mediadora entre a fenomenologia Transcendental e a Psicologia Empírica. A fenomenologia funda-se com um duplo sentido, designadamente, fornecer princípios filosóficos que determinassem paradigmas científicos e, conjuntamente, criar um método subjacente aos processos mentais. Deste modo, a fenomenologia é descrita pelo seu fundador como “um método original e novo de investigação do puramente mental e, simultaneamente, como um novo tratamento de questões que estão relacionadas com princípios específicos de filosofia, a partir dos quais começou a emergir à superfície, como anteriormente referimos, uma nova forma de ser científico (um método científico moderno)” (Husserl, 1928/1997, cit. *in* Giorgi & Sousa, 2010).

Segundo Husserl, a Fenomenologia Psicológica juntamente com a Fenomenologia Transcendental dão origem ao duplo significado da verídica fenomenologia, isto é, ciência radical fundamental para a psicologia e, simultaneamente, ciência filosófica das fontes (Husserl, 1928/1997, p.214, cit. in Giorgi & Sousa, 2010).

Segundo Giorgi & Sousa (2010), a vivência dos processos mentais, subjacente à experiência está intrinsecamente ligada a uma corporalidade, a uma dimensão física, dependente de leis de tempo, espaço e causalidade. Posto isto, o objeto de estudo subjacente à Psicologia Fundamental é o conceito de *intencionalidade*, caracterizando-se pela consciência de qualquer ato cometido. Deste modo, o cerne da Psicologia Fenomenológica centra-se na vivência intencional do sentido da experiência vivida.

Assim sendo, o exercício da fenomenologia passa pelo paralelismo entre o objeto e a subjetividade do ato de consciência que se dirige a esse mesmo (Giorgi & Sousa, 2010).

Segundo Husserl, “tudo quanto se torne acessível para nós através da reflexão tem uma qualidade geral de nota: que é o de ser consciência de algo, de ter algo como um objeto de consciência, ou de estar ciente dele correlativamente – falamos aqui de intencionalidade”(1928/1997, p.217, cit. in Giorgi & Sousa, 2010). Deste modo, para a Psicologia Fenomenologia, o sentido da experiência humana, nomeadamente, a vivência intencional torna-se a visão do objeto de estudo. Assim, a intencionalidade submete sempre um objeto intencional, independentemente de este mesmo se apresentar existente ou não à consciência, sob objetos reais (percecionados) e ideais (não percecionados) (Giorgi & Sousa, 2010).

Aos conteúdos noéticos correspondem os atos intencionais, provenientes do sentido do objeto. Assim, o *noema* caracteriza-se sob a forma intencional como o objeto é percecionado e o *noesis* corresponde ao próprio ato intencional, à perceção (Giorgi & Sousa, 2010).

3.1.1. Investigação Fenomenológica em Psicologia

A investigação qualitativa em Psicologia requer mediação do pesquisador quando utilizada a fenomenologia. Deste modo, os conceitos fenomenológicos sofrem alterações para que se tornem fundamentais à prática da Psicologia. Segundo Husserl, a representação psíquica não se submete ao objeto intencional, deverá existir uma descrição onde possam

surgir os elementos de determinada experiência, diferenciados e hierarquizados, ou seja, diferenciar objetos ideais e objetos reais (Giorgi & Sousa, 2010).

De acordo com Giorgi & Sousa (2010), “ao pretender estudar a consciência intencional e o fenómeno tal como se dá, no seu modo de aparecer, sem pressuposições de nenhuma ordem, de modo a alcançar a essência das vivências intencionais, Husserl irá propor um dispositivo metodológico que viria a distinguir claramente a especificidade do seu método – a *redução fenomenológica*” (p.47).

A essência do fenómeno é submersa pela Redução Fenomenológica ou Epoché. Esta análise do método implica “descrição em síntese dos significados psicológicos essenciais da experiência dos participantes”(cit. *in* Giorgi & Sousa, 2010, p.76). Uma vez que, os mesmos representam componentes da descrição da vivência (Giorgi & Sousa, 2010).

O cerne da redução fenomenológica-psicológica passa por atingir determinados objetos e situações contidos aos atos da consciência dos sujeitos. Posteriormente, à redução fenomenológica deverá ser alcançado o significado psicológico pela Variação Livre Imaginativa. Posto isto, cabe ao pesquisador deparar a estrutura psicológica do fenómeno, ou seja, a perspetiva psicológica do individuo face a determinada experiência vivida (Giorgi & Sousa, 2010).

“A síntese final de significado psicológico remete para uma generalização eidética dos resultados de investigação” (cit. *in* Giorgi & Sousa, 2010, p.77).

4.O método Fenomenológico IPA

A Análise Fenomenológica Interpretativa tem como principal objetivo a exploração em detalhe de como os sujeitos dão sentido ao seu mundo pessoal e social, sendo o significado das experiências pessoais e o modo como os mesmos as realizam a fundamentação da análise. A abordagem envolve a análise detalhada da experiência vivida pelo sujeito, nomeadamente, a exploração da experiência ao nível pessoal, a perceção do indivíduo sob o evento vivido e a produção objetiva do próprio acontecimento. Paralelamente a investigação do IPA passa pelo papel dinâmico do pesquisador, no sentido em que, o mesmo produz o acesso às perceções do sujeito (Smith & Osborn, 2008).

A abordagem envolve a exploração do mundo da pessoa, designadamente, a sua perspetiva face a determinado fenómeno. Deste modo, o IPA pretende a partir de uma interpretação detalhada, a elaboração de perguntas para compreender o evento. A partir das

perguntas estruturadas a Análise Fenomenológica Interpretativa (IPA) visa compreender a experiência vivida (Langdridge, 2007; Smith & Osborn, 2008).

A pesquisa tende a ser ideográfica, com amostra de pequenas dimensões, devido à natureza demorada do processo analítico. A amostra tem um cariz intencional, de modo a reunir informação sobre determinado evento num grupo específico. O processo de recolha pode ser efetuado através de entrevistas semiestruturadas, diários ou testemunhos escritos. A entrevista torna-se o procedimento mais utilizado pelo método, com perguntas abertas, de forma a alcançar a interpretação dos significados (Langdridge, 2007; Smith & Osborn, 2008).

Segundo Smith e Osborn (2008), a compreensão e a análise do que é partilhado pelo sujeito passa pela preocupação ativa do pesquisador em relação à transcrição. Isto é, existe uma primordialidade da interpretação do pesquisador face às transcrições do sujeito, quer por entrevistas quer por documentos escritos.

Após o processo de transcrição da entrevista, há releitura do texto, com o objetivo de obter conteúdos significativos do que disse o participante. Quando se dá o processo de releitura, são anotados comentários, associações ou interpretações, ao lado esquerdo da margem do texto, sobre determinados significados do tema (Langdridge, 2007; Smith & Osborn, 2008).

Posteriormente dá-se o processo interpretativo que dá origem às temáticas subjacentes aos temas obtidos. Ou seja, as notas iniciais passam a ter um significado específico no texto, colocadas à margem direita (Langdridge, 2007; Smith & Osborn, 2008).

Por uma ordem cronológica os temas são listados separadamente em papel, identificando ligações comuns (Langdridge, 2007). Por fim, dá-se a produção dos temas principais, referentes aos significados dos sujeitos e da experiência. Sendo que, esta fase final envolve um texto elaborado com as temáticas analisadas e os seus significados (Langdridge, 2007; Smith & Osborn, 2008).

5. Metodologia

5.1. Participantes

A amostra desta investigação é constituída por quatro participantes, do sexo masculino, de nacionalidade Portuguesa, Angolana e Cabo Verdiana, todos residentes em Portugal. Com idades compreendidas entre os 21 e os 29 anos.

<i>Sujeito</i>	<i>Idade</i>	<i>Sexo</i>	<i>Nacionalidade</i>	<i>Escolaridade</i>
<i>P1</i>	21	Masculino	Portuguesa	2ºCiclo
P2	22	Masculino	Cabo Verdiana	3ºCiclo
P3	26	Masculino	Angolana	3ºCiclo
P4	29	Masculino	Portuguesa	1ºCiclo

Sendo o objetivo desta investigação a compreensão da experiência vivida, pelo agressor, numa agressão sexual, os participantes do mesmo foram selecionados tendo em conta os seguintes pré-requisitos: individuo do sexo masculino, apresentando maior idade; recluso pertencente ao Estabelecimento Prisional do Linhó; sujeito condenado por crime sexual; e, por fim, aceitação da sua participação no estudo de forma voluntária, tendo em conta a metodologia utilizada.

5.2. Procedimentos

A investigação iniciou-se pelo pedido de autorização à Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (Anexo I), solicitando a recolha da amostra do mesmo ao Estabelecimento Prisional do Linhó. Tendo em conta o estágio curricular do pesquisador no E.P., houve possibilidade ao acesso dos processos jurídicos dos sujeitos, assim como, uma maior flexibilização no contato com os mesmos para a realização das entrevistas.

Deste modo, após a autorização da DGRSP (Anexo II), procedeu-se à investigação dos processos judiciais com os sujeitos inqueridos pelo processo-crime sexual (Art.163º e Art.164º do CP) e, paralelamente, foi agendado com a Direção do Estabelecimento Prisional a calendarização e procedimentos das entrevistas.

Numa primeira fase, os participantes foram instigados, pelo pesquisador, sobre a investigação proposta ao ISPA, como finalidade do grau de mestre, com o tema agressão

sexual. Seguidamente, são informados sobre a metodologia do estudo, a garantia de anonimato e sigilo após a recolha dos dados obtidos, assim como, a aceitação da sua desistência a qualquer momento (Anexo III).

Posteriormente, são recolhidos documentos escritos onde os mesmos sujeitos expõem as experiências vividas com o seu meio familiar, grupo de pares, experiências de namoro e experiência prisional.

Por fim, para uma análise mais profunda da experiência de agressão sexual, foram realizadas entrevistas individuais. As entrevistas foram suportadas por um guião (Anexo IV), contudo era possível que os sujeitos direcionassem a mesma. A duração das entrevistas variou consoante a capacidade de verbalização de cada sujeito face à experiência, designadamente, o tempo das entrevistas encontra-se entre 8 (duração mínima) a 26 min (duração máxima).

Cada documento escrito e cada entrevista individual é submetida a análise do método fenomenológico IPA (Anexo X). Após a transcrição das entrevistas, procedeu-se aos comentários mais significativos ao longo do texto e, seguidamente, à interpretação dos mesmos, possibilitando os *significados psicológicos* da experiência.

5.3. Instrumentos

Para tornar possível a investigação foi elaborado um Guia de Entrevistas (Anexo IV) e um Consentimento Informado (Anexo III), apresentados em Seminário de Dissertação e aprovados pelo Professor Doutor Victor Amorim Rodrigues. As entrevistas realizadas e os documentos escritos pelos sujeitos (Anexo V) permitirão a recolha de dados para a análise dos resultados.

Capítulo III

Neste capítulo, a investigação procura apresentar os resultados apreendidos sob o método fenomenológico IPA e as suas respetivas conclusões. Assim sendo, procura-se compreender que significados psicológicos se encontram subjacentes à vivência de praticar atos sexualmente abusivos.

6. Resultados

Com a primeira recolha da amostra pretende-se dar início à exploração das vivências dos sujeitos. Posto isto, é elaborado um documento escrito que analisa, com base no IPA, os

significados psicológicos face à visão do próprio sobre si, às experiências familiares, de grupo e de namoro, aspirando a uma síntese global. Posteriormente, elabora-se uma análise individual de cada sujeito face à transcrição da entrevista, com os respectivos significados psicológicos (Anexo VI).

Assim, pretendendo-se chegar a uma estrutura comum é elaborado um documento escrito onde reside a estrutura final dos quatro participantes, nomeadamente, as estruturas comuns dos significados psicológicos da experiência vivida do agressor sexual.

6.1. Análise Geral dos Documentos Elaborados pelos Participantes

Após uma análise detalhada dos documentos elaborados pelos quatro participantes, da amostra, identificaram-se quatro temas, designadamente, *Visão de Si*, *Experiência com outros* (namoro e grupo de pares), *Experiência Familiar*, *Experiência de Abuso*.

	Visão de Si	Experiência com Outros	Experiência Familiar	Experiência de Abuso
P1	Grandioso Narcísico Anormalidade Frieza	Incapacidade de relação Desinteresse Desinvestimento Emocional Aversão a sentimentos amorosos Necessidade do controlo de sentimentos	Figura paterna desidealizada Idealização da família Ambiente conflituoso Abandono Instabilidade	
P2	Valorização do futuro Visão do outro como diferente	Idealização do grupo de pares Pensamento grupal por homogeneidade	Conflitos parentais Problemas monetários	Não premeditação da violação Roubo

	de si	Consumo de Álcool e de Haxixe em grupo Pouco investimento afetivo 1 Relacionamento de longa duração	Ambiente conflituoso Idealização da figura materna Desidealização da figura paterna Desinvestimento na relação com os irmãos Vivência com avós	Espaço público Banalização do ato Consciencialização do crime Responsabilização Abuso grupal
P3		Consumos pelo grupo de pares Visão dos pares como importantes pelos consumos Namorada vista como problema – Traição 1 Relacionamento de longa duração	Violência familiar Violência física e psicológica à sua pessoa Relação conflituosa com irmãos Dificuldades financeiras	Espaço público Beleza feminina Prazer no ato Roubo Sexo vaginal Consciencialização do crime Distanciamento à vítima
P4	Narcísico Ideia de Futuro	Problemas Escolares Pertença grupal (segurança, união, coesão) Consumo de Álcool e Haxixe	Vivência com avós Pai alcoólico Agressões familiares Dificuldades financeiras	Local isolado Desvalorização da vítima Sexo oral e vaginal Roubo

		Gosto nos relacionamentos Pouca demonstração afetiva Pouco investimento na fidelidade		Abuso grupal
--	--	---	--	--------------

Com o tema *Visão de Si*, torna-se perceptível que os participantes, na sua maioria, apresentam traços narcísicos, ideias de grandiosidade, valorização do futuro/ideia de futuro e conceitos de anormalidade ou visão do outro como diferente de si. Quando aprofundada a *Experiência com Outros* é de salientar que existe idealização do grupo de pares, nomeadamente, consumos de álcool e haxixe por pertença ao grupo, pensamentos e pertenças grupais. Ao nível afetivo os sujeitos manifestam, maioritariamente, 1 relacionamento amoroso de longa duração, contudo, posteriormente, refletem pouco investimento afetivo, incapacidade de relação, pouca demonstração afetiva e necessidade de controlar sentimentos. Nas *Experiências Familiares* assiste-se a ambientes conflituosos, violência familiar, agressões familiares, figuras parentais alcoólicas, idealização da figura materna, desinvestimento nas relações com os irmãos e investimento nas relações com os avós. Por fim, a análise da *Experiência de Abuso* reflete maior heterogeneidade, porém é comum a intenção de roubo, a banalização do ato sexual, a prática do sexo vaginal e a consciencialização do crime. Como pontos divergentes surgem: o local do ato sexual (público vs isolado/privado), abuso grupal vs abuso cometido pelo próprio, prazer no ato sexual, desvalorização da vítima e não premeditação da violação.

6.2. Análise Individual das Entrevistas dos 4 Participantes

1. Análise da Entrevista do P1 sob o Método IPA

Com a análise da entrevista do P1, são retirados 3 temas fulcrais, designadamente, *Vivência de namoro*, *Experiência de Abuso* e *Reflexo Após Abuso*.

<i>Vivência de Namoro</i>	<i>Experiência de Abuso</i>	<i>Reflexão Após Abuso</i>
---------------------------	-----------------------------	----------------------------

✓ Receio da Figura Feminina ✓ Pouco Investimento Afetivo ✓ Crença de Abandono	✓ Banalização do Ato ✓ Agressividade ✓ Passagem ao Ato ✓ Ausência de Culpa ✓ Abstração da Realidade Vivida ✓ 1ª Experiência Vivida	✓ Ausência de Culpa ✓ Alteração do “Self” ✓ Incapacidade de Visão de Si ✓ Aversão à Violação
---	--	---

Dentro da *Vivência de Namoro*, sobressaem 3 significados psicológicos, sendo estes:

✓ ***Receio da Figura Feminina***

O sujeito apresenta receio da figura feminina terminar o relacionamento, existindo mágoas dos términos de relações passadas e receio dos relacionamentos. Relatando na entrevista: “*tive relações que raparigas acabavam, não sei quê e... foi.... Chegou a um certo ponto que eu já não conseguia manter uma relação séria porque tinha medo, tinha receio que isso voltasse a acontecer. Sentia-me entre aspas demasiado magoado com essas situações. E deixei de ter relações (...)*”

✓ ***Pouco Investimento Afetivo***

Apresenta relações com pouco investimento afetivo, relações instáveis, com pouco contato afetivo. Porém apresenta 1 relacionamento de longa duração na sua experiência de vida, onde admite interesse, investimento pessoal e capacidade de sentir este outro. Apresenta um diálogo onde confessa: “*nunca fui daquele termo de ter uma grande relação, de querer avançar mais, nunca me deu para essa expectativa e alias até, sempre tive receio...(…) simplesmente ficava um dia, dois dias, três dias no máximo, uma semana e ficava só por ali... era... não havia cá namoros(...)*foi a primeira rapariga por quem eu me apaixonei, na altura andámos 3 anos(...)foi a primeira vez que... que tive um relacionamento, com quem eu gostei bastante dessa pessoa e respeitava-a nunca lhe faltei ao respeito”

✓ ***Crença de Abandono***

A crença de abandono é fomentada após o término da relação de longa duração, deste modo, o sujeito admite receio de relacionamentos e receio de ser abandonado. Referindo na sua entrevista: “*foi nessa altura que ela desapareceu mesmo... de um momento para o outro, do dia para a noite*”

Na *Experiência do Abuso* surgem 5 significados psicológicos, designadamente:

✓ ***Banalização do Ato***

O sujeito demonstra desapego/desinteresse à situação de abuso, desvalorização da situação, assim como, caracteriza-o com uma imagem de normalidade, banalizando o crime e o próprio acontecimento, apresentando o seguinte discurso: “*nem me senti mal nem me senti bem, foi uma coisa...como se fosse o quotidiano chamando*”.

✓ ***Agressividade***

Refere que o local do acontecimento como ambiente conflituoso, desencadeando um desentendimento amoroso com a sua companheira e terceiros no mesmo local. Apresentando estados psíquicos como o aborrecimento, a zanga e o tédio. Confessa na sua entrevista: “*estava chateado na festa, na altura foi numa festa que isso aconteceu, estava chateado estava... a rapariga com quem eu andava na altura, ela tinha lá ido ter comigo, depois saiu e eu tive uma discussão com ela... Depois foi quando eu vi essa rapariga e estava lá com os meus rapazes e quê... depois também tive uma pequena discussão, ainda tive lá uns problemas e... acabou por acontecer essa situação...*”

✓ ***Passagem ao Ato***

O sujeito apresenta conflitos internos e incapacidade de controlo, refere que há descarga de emoções através do ato, existindo frustração libertada pela descarga. Manifestando desinvestimento sexual, ou seja, não há desejo sexual pela vítima, referindo: “*Foi uma forma... digamos que foi uma forma de descarregar (...) Foi mesmo estava frustrado na hora e foi o facto de eu querer descarregar (...) foi uma coisa mesmo momentânea*”.

✓ ***Ausência de Culpa***

Incapacidade de sentir, de se sentir e incapacidade de sentir culpa, referindo a mesma do seguinte modo: “*na altura não senti nada... nunca me senti, nem me senti mal nem me senti bem*”

✓ ***Abstração da Realidade Vivida***

O participante é incapaz de descrever o crime, manifestando uma sensação de não estar em si, incapacidade de recordar totalmente o sucedido e imprevisão das consequências do

acontecimento. Mencionando na entrevista: *“Como é que eu descrevo?... Não sei se calhar... a experiencia... Não sei foi uma coisa que... não sei o que é que se passou no momento (...) não me recordo muito bem do que aconteceu no exato momento, lembro-me de algumas coisas mas não me lembro a 100% (...)”*

✓ ***1ª Experiência Vivida***

Refere este acontecimento como sendo a 1ª experiência de abuso no crime cometido, nomeadamente: *“esse termo de forçar das experiências sexuais, isso só foi mesmo nessa situação agora do crime, nunca me ocorreu fazer isso...”*; como também ,a proximidade à vítima, anunciando uma relação de amizade: *“foi uma rapariga que me marcou e que há-de marcar, há-de ficar sempre para o resto da minha vida na cabeça, não só por ter sido uma amiga mas pelo fato de eu a conhecer.”*

Por fim, na *Reflexão Após Abuso*, emerge:

✓ ***Ausência de Culpa***

Referindo que não sente culpa, a privação de liberdade torna-se a única consequência do abuso, focando interesse na liberdade: *“A única consequência que me trouxe sinceramente, foi o facto de estar preso, foi o fato de me terem tirado a melhor coisa que eu tinha que era a liberdade, era uma coisa que eu... que eu gostava muito, gostava e gosto, a liberdade sempre foi tudo para mim.. e... isso eu penso que, acho que foi a única coisa que me afetou foi só”*.

✓ ***Alteração do “Self”***

Existe diferenciação de si em meio exterior, necessidade de ser outro em contexto prisional, alteração pessoal, medo, angústia, e escuridade. Referindo: *“toda agente que entra aqui tem que mudar completamente, a pessoa que é lá fora não pode ser aqui dentro, aliás uma das coisas que mal entramos daquela porta para dentro isso acontece logo, ficamos logo alterados, mesmo que não queiramos, mudamos logo (...)haver com o susto, com o medo, tem haver com outro ambiente, uma pessoa que não conhece isto que só viu nos filmes e... é totalmente diferente... é um bocado isso, a angústia, a rotina também, é um misto de emoções é complicado, e a própria escuridade cá dentro”*

✓ ***Incapacidade de Visão de Si***

Há incapacidade da visão de si colocando o foco nos outros, desinvestimento, desinteresse e desidealização de si advém do pouco investimento dos outros sobre si. O sujeito menciona: “nunca tive ninguém para me dizer que eu era boa pessoa, se calhar nunca tive uma pessoa que me elogiasse, e eu não vou transmitir isso às outras pessoas... por isso é que eu não gosto de olhar para mim, gosto de olhar para os outros, aprender com os outros”

✓ **Aversão à violação**

Como autorreflexão que elabora o sujeito refere que há preferência sobre o homicídio, que é incapaz de responder a perguntas sobre o crime e demonstra aversão à violação e violência doméstica no passado, referindo: “Podia ter feito tanta coisa, podia ter matado alguém, era preferível... sempre fui contra esse tipo de situações, violações e violência doméstica e isso... Mas... Aliás eu, eu era contra tudo, mas há certos crimes que é pior uns que os outros... e se calhar a meu ver uma violação é pior que matar...”

2. Análise da Entrevista do P2 sob o Método IPA

A análise da entrevista do P2 permitiu elaborar 4 temas, sendo estes: *Vivência com outros, Ideia de Si, Experiência de Abuso e Reflexão Após Abuso.*

<i>Vivência com Outros</i>	<i>Ideia de Si</i>	<i>Experiência de Abuso</i>	<i>Reflexão após Abuso</i>
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Comportamentos Violentos ✓ Pouco investimento Afetivo ✓ Abandono 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Dualidade entre capacidade e incapacidade de empatizar ✓ Monstruosidade ✓ Visão de si e como diferente 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Banalização do Ato ✓ Incapacidade de Sentir ✓ Adrenalina ✓ Agressividade ✓ Experiência Grupal ✓ Abstração da Realidade Vivida ✓ Intencionalidade 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Consciencialização Criminal ✓ Culpa ✓ Alteração do “Self”

Na *Vivência com Outros* sobressaem 3 Significados Psicológicos:

✓ ***Comportamentos Violentos***

É de notar que o sujeito apresenta comportamentos agressivos em grupo, desencadeados pela união grupal, referindo: *“Esse tipo de comportamento violento, ou seja, já e tínhamos parado antes de acontecer isso e tínhamos parado de fazer, de roubar e de roubar e... depois, e depois de pararmos um mês já tínhamos perseguição de policia, parávamos um mês e no dia aconteceu aquele primeiro caso”*. Como também, o seu próprio desenvolvimento e crescimento são circunscritos à violência parental, citando: *“já vivi e... vi a minha mãe a sofrer de violência doméstica, eu pequeno a ver isso..”*.

✓ ***Pouco Investimento Afetivo***

Relações com pouco investimento afetivo e apenas 1 relação de longa duração. É importante realçar que, o mesmo está em relação quando pratica o desvio sexual, mencionando: *“não me apego muito às pessoas, facilmente, gosto que as coisas fluam... Tinha a minha namorada... naquela altura já estávamos... 3/4, 3 anos”*.

✓ ***Abandono***

O sujeito apresenta crença de abandono, fomentada pelo abandono parental em criança e após a separação da relação com a companheira, referindo: *“o meu pai, veio para Portugal me deixou pequeno e a minha mãe também veio e deixou-me com 12/13 anos e fiquei com os meus avós”*.

Na *Ideia de Si* surge:

✓ ***Dualidade entre Capacidade e Incapacidade de Empatizar***

Há demonstração de incapacidade de sentir a dor e desespero da vítima, como a incapacidade de imaginar mas, paralelamente, há capacidade de se colocar no lugar da vítima e incapacidade de se rever naquele momento. Mencionando ao longo da entrevista o seguinte discurso: *“agora que já passou muito tempo nem consigo imaginar como é que eu fiz aquilo e tão rápido no espaço e no tempo (...) nem eu consigo imaginar o que é que se passou naquele dia nunca fui assim e sempre fui bem educado a respeitar os outros (...) não consigo entender (...)ponho-me no lugar, no lugar da vitima e...(...) e não consigo entender como fui assim*

tão cruel que eu nunca esperava fazer tal coisa(...)e era impossível pôr, pôr, pôr-me no lugar da vitima e, e, tentar sentir o desespero e a dor que ela sentiu com aquilo que eu lhe fiz”

✓ **Monstruosidade**

Apresenta revolta para consigo, ideia do seu eu como nojento, ódio, raiva, revolta em relação à sua figura e ideia de monstruosidade criada pela vítima, refere que: *“Após o mesmo senti revoltado comigo mesmo e, e senti uma pessoa nojenta posso dizer (...)tem me ideia de mim que é um monstro (...)imagem de mim, um monstro, uma pessoa nojenta (...)sinto um bocado de... não é nojo, um bocado de ódio, raiva por mim mesmo”*

✓ **Visão de Si como Diferente**

O sujeito apresenta ideia de imaturidade na altura do abuso, referindo ideias da sua figura como diferente, definindo-se como humilde, educado e prestável. Refere ao longo da entrevista: *“não pensei se calhar naquela altura e... era mais jovem e... mais imaturo (...)todos sabem mesmo que eu sou, sou, sou um rapaz mesmo educado e ... e, e, dou bem com as pessoas e sou humilde, e tento ajudar sempre as pessoas”*

Na *Experiência de Abuso* emergem 7 Significados Psicológicos:

✓ **Banalização do Ato**

O sujeito demonstra banalização do ato sexual em vários momentos, chegando a caracterizá-lo como: *“fazer por fazer”*.

✓ **Incapacidade de Sentir**

Demonstra incapacidade de sentimentos e incapacidade de sentir, referindo: *“Não senti nada, não, não senti qualquer prazer”*

✓ **Adrenalina**

A adrenalina do momento, a satisfação momentânea, a promoção através do momento é descrita como condicionante da ação, *“senti apenas adrenalina de estar a fazer aquilo mas não tive ereção nem nada, naquele momento queria, queria... queria aproveitar, era um momento meu, da vitima e do meu irmão e nesse momento queria aproveitar (...)Não tinha fazer tal coisa mas... fui na emoção na adrenalina”*.

✓ **Agressividade**

Descreve muitas vezes o seu comportamento na ação do abuso com muita agressividade, caracterizando-o: *“O comportamento? Fogo.... Essa aí... o comportamento.... Foi agressivo na hora, na hora, pelo efeito de álcool”*.

✓ ***Experiência Grupal***

Este sujeito apresenta experiência de abuso em 2 momentos, num primeiro momento a intenção surge através do grupo de pares sendo a sua posição de controlar e observar, não tendo participação ativa, mas num segundo momento assume a participação no abuso. Relatando os acontecimentos do seguinte modo: *“Primeiro não tive, primeiro fiquei com aquele receio e fiquei só a olhar as pessoas a controlar mas não, não estava com, os meus amigos tinham aquela intenção e já tinham, eu e... só eu roubei a mala, tirei a mala e fiquei logo, e fiquei longe e depois no outro caso e... fui eu, fui eu”*

✓ ***Abstração da Realidade Vivida***

O participante é incapaz de descrever o crime, manifestando incapacidade de rever aquele dia, incapaz de recordar totalmente o sucedido, referindo: *“Como é que eu descrevo? Como assim? Como é que eu descrevo? Humhum.... Não sei como explicar...”*

✓ ***Intencionalidade***

A intencionalidade dá-se através da ideia que permaneceu na sua cabeça, desde o 1º abuso que não teve participação ativa, como descreve em vários momentos da entrevista, relatando: *“no primeiro não queria, dizia aos meus amigos para ir embora, para ir embora e no segundo deu-se, não sei fiquei com aquela ideia na cabeça, com aquela obsessão”*.

Por fim, na *Reflexão Após o Abuso*, o sujeito apresenta 3 Significados Psicológicos:

✓ ***Consciencialização Criminal***

Existe uma confissão, assim como, uma consciência da punição criminal e da marca que o abuso deixou na sua vida, referindo: *“Na minha opinião, eu acho, eu acho, muito bem porque pessoas que cometem crime, estes tipos de crime ou qualquer tipo de crime têm que pagar”*. Apesar de referir, em apenas num momento, que há excessividade da pena.

✓ ***Culpa***

O sujeito apresenta capacidade de autorreflexão, arrependimento, culpa e desejo de redimir-se perante a vítima, confessando: “*Neste momento... neste momento... sinto.... Sinto, culpado e... com vontade de chegar ao pé da vítima e pedir desculpa*”.

✓ ***Alteração do “Self”***

Manifesta ao longo do discurso uma ideia de si diferente pela cadeia, não havendo investimento no olhar do outro ou no pensamento do outro, citando: “*Qualquer tipo de pessoa, quem seja for, e... e eu estou a pagar por isso e... e, não, não, não fico com raiva de mim mesmo e agradeço todos os dias porque, agradeço todos os dias que estou cá porque fez-me tornar uma pessoa melhor, uma pessoa capaz de ajudar qualquer pessoa com dificuldades de fazer algo...*”.

3. Análise da Entrevista do P3 sob o Método IPA

Com a análise da Entrevista do P3 são elaborados 3 temas essenciais: *Vivência no Namoro, Experiência de Abuso, Reflexão após Abuso.*

<i>Vivência no Namoro</i>	<i>Experiência de Abuso</i>	<i>Reflexão após Abuso</i>
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Satisfação das Relações Sexuais ✓ Descarga de Tensão ✓ Dualidade entre submissão e traição 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Ideia de maldade ✓ Alteração da realidade ✓ Incapacidade de sentir ✓ Ideia de normalidade 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Arrependimento ✓ Responsabilização do Grupo de Pares ✓ Conceção de Violador

Com o tema *Vivência no Namoro*, emergem 3 Significados Psicológicos:

✓ ***Satisfação das Relações Sexuais***

O sujeito relata boas intimidades, não existência de comportamentos agressivos para com a sua companheira, 1ªrelação sexual descrita como boa, assim como, as relações sexuais posteriores, referindo: “*Eram boas... ela fazia tudo o que eu pedia (...)Eram bons*”.

✓ ***Descarga da Tensão***

Existe a noção, por parte deste participante, da atividade sexual consistir na descarga da tensão, mencionando na entrevista: “*Mas foi bom, foi bom..... para aliviar o stress*”.

✓ ***Dualidade entre Submissão e Traição***

Há confissão do sujeito relativamente à submissão da sua companheira, chegando a defini-la como chata, como também há exposição da traição neste relacionamento fomentada pela própria. P3, refere: “*ela fazia tudo o que eu pedia (...) Mas ela era muito coiso, ela era muito chata, traia-me com outros rapazes, ia à discoteca com outros rapazes*”.

Na *Experiência de Abuso* encontram-se 4 significados psicológicos, são eles:

✓ ***Ideia de maldade***

O sujeito apresenta ideia de algo mau no seu comportamento abusivo, ideia de errado, há noção do comportamento abusivo como algo mau, apresentado a noção de ter causado sofrimento à vítima, relatando: “*Má. Fiz muito mal aquela rapariga*”.

✓ ***Abstração da Realidade***

Há pouca consciência do ato, há incapacidade de recordar o seu comportamento e incapacidade de distinguir o bem e o mal, referindo: “*não tive cabeça naquilo que eu fiz (...) não distingui se era bem ou mal*”

✓ ***Incapacidade de Sentir***

Apresenta incapacidade de sentir no momento da ação.

✓ ***Ideia de Normalidade***

Para este sujeito o abuso sexual é uma prática comum a outros sujeitos, há noção do crime ser comum a muitos sujeitos, definindo-o “*Eu acho, por mim eu acho. Por mim eu estou a achar que é um crime que toda agente pratica*”.

Por fim, na *Reflexão após Abuso*, surge:

✓ ***Arrependimento***

Apresenta arrependimento do seu comportamento após o ato sexual, refere que existem mágoas relativamente a ação cometida e o mesmo arrependimento é intensivamente conotado pela vítima apresentar menor idade.

✓ **Responsabilização do Grupo de Pares**

O grupo de pares é responsabilizado pela consequência atual do seu estado, uma vez que, o próprio fomento a ideia que os comportamentos disruptivos e agressivos cometidos em grupo, assim como, o consumo de tabaco e drogas no cerne do mesmo são fatores desencadeadores para a prática da ação.

✓ **Conceção de Violador**

Incapacidade de admitir o seu comportamento a outros sujeitos, sentindo-se péssimo com a conceção de violador.

4. Análise da Entrevista do P4 sob o Método IPA

A análise da entrevista de P4 permitiu elaborar 3 temas subjacentes à experiência, sendo estes: *Ideia de Si*, *Experiência de Abuso*, *Reflexão Após Abuso*.

<i>Ideia de Si</i>	<i>Experiência de Abuso</i>	<i>Reflexão após Abuso</i>
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Narcisismo ✓ Atratividade da Figura Feminina 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Banalização do Ato ✓ Planeamento Grupal ✓ Abstração da Realidade Vivida ✓ Desvalorização da Vítima 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Excentricidade ✓ Alteração do “Self” ✓ Conceção de Violador

Na *Ideia de Si*, o sujeito apresenta 2 Significados Psicológicos:

✓ **Narcisismo**

Refere ideias narcísicas e não se identifica com o crime cometido.

✓ **Atratividade da Figura Feminina**

Para este sujeito há investimento na figura feminina, a beleza feminina é fator de atratividade, do mesmo modo, há investimento em relações sexuais com estas figuras.

A Experiência de Abuso, impulsiona 4 Significados Psicológicos:

✓ ***Banalização do Ato***

Existe para este sujeito indiferença face ao ato cometido, banalização do ato sexual, desapego à situação vivida, descrevendo o mesmo como algo normativo, desvalorizando o acontecimento, assim como, cria a ideia de que há aceitação do ato sexual pela vítima. Referindo o mesmo do seguinte modo: *“para eu não me lembrar é porque não me fez diferença nenhuma tá a perceber? (...)é como eu lhe estou a dizer eu fiz aquilo tipo assim do nada (...)aquilo aconteceu e... depois eu fui à minha vida (...)Normal, como se tivesse, epah como se não tivesse acontecido nada”*.

✓ ***Planeamento Grupal***

Nesta experiência existe um planeamento da ação pelo grupo, há intenção grupal em ter sexo com a vítima, levando a vítima para um local isolado, abusando da mesma anal, vaginal e oralmente. É importante referir que, esta experiência de abuso é a primeira na vivência do sujeito. Reconstitui o acontecimento do seguinte modo: *“Recordo-me que ainda era de dia quando tipo o meu amigo resolveu, tipo convidar essa rapariga para vir ter com ele. Ya depois estava com ele, depois passado um bocado afastei-me dele, depois fui ter com ele outra vez e... e depois ele levou a rapariga lá a esse tal sítio (...) E depois eu apareci lá depois eu e ele tivemos relações com a rapariga, anal, vaginal, oral e depois apareceram esses indivíduos também tiveram relações com ela.”*

✓ ***Abstração da Realidade Vivida***

Há incapacidade de explicar a razão do sucedido, incapacidade de compreender o sucedido, cria a crença de que algo superior o dominou, incapacitando-o de explicar, referindo: *“eu fiz aquilo tipo assim do nada, tipo alguma coisa me levou até ali e aquilo aconteceu (...)parecia que.. tipo que alguma coisa, tipo tinha entrado dentro de mim”*.

✓ ***Desvalorização da Vítima***

Ao longo do discurso o sujeito apresenta elevada desvalorização da vítima, incapacidade de se identificar com a mesma, revelando raiva e ódio direcionados à mesma, levando à

desvalorização desta figura e do acontecimento. É, ainda, importante realçar que este sujeito apresenta a ideia de que a vítima obteve prazer e que houve aceitação por parte da mesma pela incapacidade de reação, referindo: “*Ela não reagiu, não disse que não, não disse que sim, não disse nada (...) Ela não saiu dali porque não quis (...) tipo eu não sei porque é que eu fiz sexo com ela, nem.. nem é uma rapariga do meu tipo (...) não era propriamente bonita e prontos não é do meu tipo (...) tenho pena dela.... Só que ao mesmo tempo tenho raiva dela porque ela se não quisesse nada dizia mas ela não disse nada*”.

Por fim, na *Reflexão Após Abuso*:

✓ ***Excentricidade***

O sujeito confessa aquele dia como dia de loucura, com grandes consumos de álcool e haxixe, com atos de rebeldia e, uma vez que, apresenta companheira quando ocorre o abuso.

✓ ***Alteração do “Self”***

Considera que há uma mudança total na sua vida e há visão de si como diferente, citando: “*Mudou completamente a minha vida, porque desde esse dia eu acho que nunca mais fui o mesmo*”.

✓ ***Conceção de Violador***

Apresenta incapacidade de ouvir comentários sobre o seu abuso, há ideia de que os outros sujeitos o observam, há noção de incomodo, há necessidade de não contar o cometido em contexto prisional, apresentado foco no pensamento dos outros.

6.3. Análise Global das Entrevistas dos 4 Participantes

Com a análise geral das 4 entrevistas dos participantes é pretendido sintetizar os Significados Psicológicos que todos os sujeitos apresentam face à experiência de abuso sexual. Assim como, pormenorizar os elementos-chave que se distinguem uns dos outros.

Deste modo, é apresentada uma síntese dos significados psicológicos subjacentes aos temas principais da experiência.

<i>Experiência de Abuso</i>	<i>Reflexão Após Abuso</i>
------------------------------------	-----------------------------------

<ul style="list-style-type: none"> ✓ Banalização do Ato ✓ Abstração da Realidade Vivida ✓ Agressividade ✓ Incapacidade de Sentir 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Alteração do “Self” ✓ Conceção de Violador
--	---

A identificação destes dois temas principais, após uma análise detalhada dos significados psicológicos constituintes da ação de cada sujeito, permitiu identificar dois momentos cruciais desta experiência. Designadamente, a experiência de agressão sexual e a reflexão sob a mesma em contexto prisional. Apesar de se referirem a momentos distintos todos os participantes demonstram interligação entre estes momentos.

Os participantes P1, P2, P3 e P4 dão ênfase a momentos anteriores à experiência de violação, contudo atribuem temas e significados psicológicos distintos, sendo estes: **a vivência com outros**, **a experiência de namoro** e **a ideia de si**. Ainda assim, com uma visão macro destas vivências é perceptível o pouco investimento afetivo e as crenças de abandono subjacentes, mas também ideias distintas face às figuras femininas, designadamente, a atratividade ou o receio da mesma.

Apesar da **incapacidade de sentir**, os sujeitos tendem a demonstrar que a vítima não aceita o ato sexual, contudo, e não menos importante, as distorções cognitivas aparecem sustentadas por crenças em que as vítimas não se apresentam assustadas e/ou manifestam aceitação à prática abusiva. Deste modo, é perceptível que os mesmos fomentem más interpretações sobre os comportamentos, desejos e atitudes da vítima. Porém é, necessário frisar que, a incapacidade de sentir o outro, a incapacidade de empatizar com este outro e a incapacidade de colocar-se no lugar do outro fomentando ideologias que permitem a aceitação das suas práticas e a imprevisão das consequências das mesmas, quer para si quer para o outro.

Em relação à prática sob este comportamento todos os participantes conferem a mesma como sendo a primeira experiência sexual de abuso. No que respeita à situação jurídico-penal demonstram consciencialização criminal, interiorizando e aceitando a moldura penal. Do mesmo modo, tende a existir a **alteração do self**, o seu modo de estar e de pensar é modificado após a entrada em contexto prisional.

Num primeiro momento, a experiência de abuso torna-se para P1, P2, P3 e P4 o foco da contextualização da ofensa sexual. Principiando-se com a tentativa de relato sexual, os mesmos, dão significado à vivência através da **Banalização do Ato**, da **Abstração da Realidade Vivida**, da **Agressividade** e da **Incapacidade de Sentir**.

Assim sendo, o **modus operandi** é caracterizado pela passagem ao ato com um **comportamento agressivo** e com **espontaneidade** (a promoção dá-se através do momento). Contudo, curiosamente, para todos os participantes existe **abstração da realidade vivida**, isto é, existe uma incapacidade tempo-espacial de recordar detalhadamente o momento do abuso, assim como, a razão e a atitude evocada. Para estes sujeitos, a experiência aparece à luz de uma realidade pouco sólida e consistente. Ou seja, a realidade e a consciencialização do momento é filtrada, evocando apenas alguns momentos e apresentando incapacidade de explicar as razões e as motivações do sucedido.

Deste modo, a incapacidade de compreensão e racionalização do momento vivido, nomeadamente, o comportamento, os desejos e as necessidades subjacentes à ação leva a que os mesmos não refiram necessidades físicas ou sexuais. Por consequente, o abuso surge banalizado, como se tratasse de um ato de normalidade, comumente vivido e aceite. Ou seja, a vontade e interesse do seu “self” sobrepõe-se à do outro, deixando de existir a capacidade de sentir o outro, a liberdade do outro, existindo apenas a impulsividade de agir.

Posteriormente, os participantes identificam a conduta das ofensas sexuais com a presença de agressividade, relatando resistência por parte da vítima, não aceitação ou consentimento do ato sexual. É importante realçar que, após a prática de abuso sexual, os mesmos sujeitos, tendem a exercer roubo sobre os pertences pessoais da vítima.

Para todos os participantes os consumos de álcool, tabaco, haxixe e os contextos físicos e temporais onde foram elaboradas as práticas abusivas são consequentes deste mesmo comportamento abusivo, existindo uma desculpabilização massiva. Ou seja, por fim, o comportamento é colocado no exterior como a causa e responsabilização do mesmo, tendendo a não apresentar poder e comando sobre as suas ações.

Posto isto, surge para todos os participantes, a **Reflexão Após Abuso** onde a **alteração do “self”** se torna fulcral. Ou seja, há necessidade de alteração do seu eu pela conduta praticada na ação sexual, uma vez que, por se encontrarem em contexto prisional todos apresentam o se foco nos pensamentos, olhares e conceções dos outros sujeitos inseridos no

meio. Do mesmo modo, a **conceção de violador** é dificilmente ou mesmo incapacitada de ser trabalhada internamente, demonstrando fáceis passagem ao ato ou agressividade quando confrontados com citações de outros sujeitos. Assim sendo, existe uma tendência para encobrir o seu próprio eu e reconstruir uma nova identidade dentro do meio prisional, fomentando a crença de poder, domínio e controlo, escondendo os medos, angústias e os receios das possíveis consequências.

6.2.2. Análise da Estrutura Psicológica

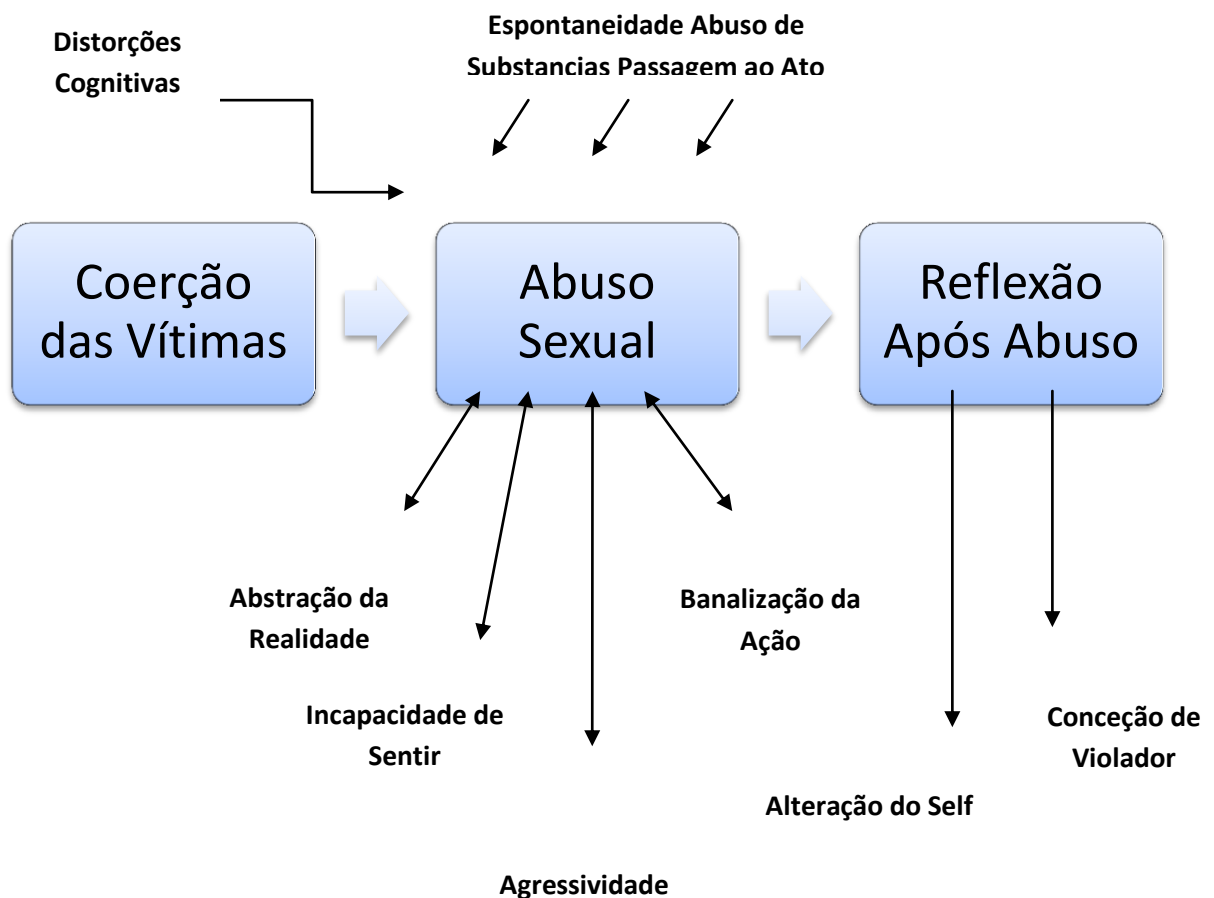


Figura 1→ Estrutura das Concepções Psicológicas da Experiência de Abuso Sexual

Apesar da dimensão espaço temporal ser divergente nos diferentes sujeitos, todos eles apresentam estas concepções psicológicas, onde o abuso surge sem uma explicação ou razão. Ao longo dos diálogos em entrevista há incapacidade de reviver o momento do abuso e perguntas às quais os sujeitos referem que não têm resposta. Sendo o abuso considerado consequência do momento, estes sujeitos referem-se ao mesmo com naturalidade e

caracterizando-o como algo normativo ou comumente vivenciado. Do mesmo modo, apresentam pouca contenção dos atos instintivos, havendo passagem ao ato sem consciencialização do mesmo.

Por fim, é importante referir que para metade dos sujeitos, na reflexão após abuso, há o desejo ou intenção de redimirem-se perante a vítima, pela culpa sentida dos atos praticados. Paralelamente, para outra metade, apresenta-se ausência de culpa e, ainda, conceção do sentir prazer por parte da vítima, o que fomenta as distorções cognitivas.

Torna-se, ainda, interessante, ao nível psíquico, o facto de estes sujeitos não suportarem a conceção externa das suas ações, omitindo as suas penas criminais e os seus comportamentos face ao crime dentro da cadeia. Levando os mesmos a alterarem o seu próprio “eu” para que terceiros desconheçam a sua realidade sentida. Ou seja, há a procura interna da omissão deste eu vulnerável face às condições internas dentro do contexto prisional.

7. Discussão

Consoante a análise fenomenológica do método IPA é aprofundada a experiência de abuso sexual sob a visão de 4 sujeitos que se encontram em meio prisional. Tendo em conta, os abusos sexuais vividos atualmente na sociedade, torna-se fulcral a clarificação da experiência, assim como, a relevância da mesma na vida do abusador. Deste modo, há intuito de especificar e elaborar a mesma vivência que apresenta uma enorme relevância para os contextos clínicos e forenses da área da psicologia.

7.1. Diálogo com a Literatura

No que respeita à exploração da questão central, *experiência de abuso*, os participantes demonstram constructos essenciais que suportam o corpo teórico de diversas investigações.

O primeiro significado psicológico face à experiência de abuso é a **banalização do ato**. Isto é, após a análise das entrevistas dos participantes é possível compreender que existe, de forma generalizada, a ideia de normalidade sob a imposição dos seus impulsos sexuais em relação à vítima. Segundo Marques (2005) existem aspetos do funcionamento dos abusadores, tais como, a conceção das figuras femininas é definida de forma desqualificada e sem valor; os significados psicológicos subjetivos ao abuso são desqualificados, negados e desculpabilizando-se; existe uma distorção da realidade face à punibilidade da lei, da moral e

da ética; a característica narcísica está presente na maior parte dos sujeitos; apresentam estruturas de personalidade similares e divergentes; e, por fim, o abusador apresenta alguma psicopatologia ou transtorno da personalidade.

Com base nos relatos dos participantes é possível constatar estes aspetos psíquicos do funcionamento psicológico, onde a figura feminina tende a ser desqualificada para alguns sujeitos, os valores do ato sexual abusivo não são conotados, permitindo muitas vezes a desculpabilização por fatores externos e, por fim, os traços de personalidade narcísica subjacentes ao discurso. Para ilustrar esta constatação, o participante P4 refere: *“eu acho que aquilo foi, foi indiferente.. aquele sexo foi tipo banal... não era propriamente bonita e prontos não é do meu tipo... aquilo foi uma coisa assim normal para mim... tipo alguma coisa me levou até ali e aquilo aconteceu”*. Ou seja, para este participante, a figura feminina é desqualificada, não existindo qualquer tipo de culpabilização ou responsabilização do ato cometido, colocando no exterior a causa da sua ação.

Os abusadores não dispõem da capacidade de introjectar os princípios morais, com inibidores do desejo, de modo a que a barreira incestuosa não é delimitada e fortalecida, ou seja, as figuras familiares e os laços inerentes às mesmas não garantem a forma mais adequada da procura de um outro como objeto sexual (Marques, 2005). Tendo em conta Pagelow (1984, cit. Doerner & Lab, 1995), as causas que tendem a explicar os maus tratos dos agressores perante as vítimas incluem perturbações psicológicas, stress, baixa autoestima, dificuldades na empatia, comunicação e autocontrolo, pobreza nas relações sociais e irritabilidade conduzida por um estilo de personalidade hostil/agressivo.

Deste modo, surge a **incapacidade de sentir** como significado psicológico fundamental para a perceção do estado emocional e psíquico dos abusadores no momento da ofensa sexual. Todos os sujeitos do estudo revelam como característica comum esta incapacidade de sentir o outro no abuso. Ou seja, para estes indivíduos não é possível criar empatia e capacidade de sentir o outro no momento do abuso, a capacidade de empatizar com a vítima e de colocar-se no lugar da mesma não é realizável no momento do impulso sexual. Sendo que, como consequência desta incapacidade de sentir este outro, há passagem ao ato, por impulsos incontrolláveis fomentando a prática abusiva. Como exemplo, P1 referiu que: *“acabou por acontecer essa situação... foi uma forma de descarregar... na altura não senti nada... nem me senti mal nem me senti bem...”*.

Tal como referido por Geneviève & Tardif (2014) a intimidade no agressor sexual está intrinsecamente articulada a noções de ligação/apego, sendo que, a relação com os pais (memórias da infância) ou a ligação a um parceiro sexual agressor, define a evolução das disposições e défices com os parceiros sexuais. Ou seja, existindo uma relação primária deficiente não é possível a elaboração positiva de modelos de funcionamento de si e do outro. Com base em todos os relatos das vivências familiares dos participantes é facilmente perceptível que os mesmos apresentam, em todas as realidades vividas, violências físicas e psicológicas no seio familiar, lares perturbados ao nível emocional e comportamentos violentos entre todos os elementos do núcleo familiar. Os contextos familiares que se regem pelos constructos do domínio, do poder, do machismo e do autoritarismo apresentam relações assimétricas disfuncionais construídas ao longo do tempo (Marques, 2005).

Os défices de intimidade nos agressores sexuais são percebidos como dificuldades interpessoais, estando na origem da ansiedade social e do medo de intimidade, juntamente aos sentimentos de insatisfação nas relações e à incapacidade de alterar este padrão, provocam sentimentos de solidão que motivam estes agressores a procurar formas alternativas de satisfação na intimidade (Geneviève M. & Tardif, M., 2014).

O padrão de agressão destes sujeitos, nomeadamente, o *Modus operandi*, rege-se pela **agressividade** das suas condutas comportamentais que os mesmos descreveram. O ataque é caracterizado sob aspetos de auto-representações grandiosas, inculcando agressividade das suas representações mentais e sob falta de valores éticos e morais. Tendo em consideração que estes sujeitos apresentam desonestidade, exploração, desvalorização, agressão e reações de desprezo face a um outro, as relações interpessoais dos mesmos têm por base patologias de representações mentais e agressivas (Kernberg, 1992, cit. in Larochelle et al., 2010).

A título de exemplo, P2 refere: “*Foi agressivo na hora... fui muito agressivo e nem senti na hora o que eu estava a fazer*”. O modo agressivo como os participantes conduziram a sua conduta é comumente em todas as agressões sexuais descritas com objetivo de intimidar o sexo oposto. Sendo que o mesmo, não consentia com as práticas abusivas. É ainda importante realçar que, após a vítima ser abusada sexualmente, os abusadores extraem da mesma objetos pessoais dando continuidade aos comportamentos disruptivos e ofensivos.

Por fim, dentro do tema experiência de abuso, surge a **abstração da realidade vivida**, os sujeitos apresentam incapacidade de explicar o sucedido, incapacidade de compreender o que

aconteceu e não fomentam nenhuma razão para a sua ação. Existindo inconsciência do ato praticado, incapacidade de recordar totalmente o seu comportamento, incapacitando-os de descrever o crime. Deste modo, o discurso e a manifestação de não estarem em si é comum, o que leva à imprevisão das consequências. Ou seja, não há para estes sujeitos consciencialização de todo o seu comportamento, como se algo tivesse sido filtrado não conseguindo relatar e colocar-se novamente na vivência. É importante referir que todos estes participantes indicam estas experiências de abuso como sendo as primeiras cometidas no papel de abusador.

Por fim, com a análise das entrevistas sob o método fenomenológico surgem dois novos significados psicológicos referentes ao tema **reflexão após abuso**, sendo estes, a **alteração do self** e a **conceção de violador**. A alteração do self dá-se para todos os participantes após a entrada no meio prisional, uma vez que, o tipo de crime cometido não é aceite e concordável pelos outros sujeitos dentro do contexto. Posto isto, torna-se facilmente perceptível que os mesmos abusadores alterem o seu modo de estar e camuflem ou omitam o seu percurso criminal. Do mesmo modo, subjacente a este significado psicológico encontra-se a conceção de violador, os abusadores dentro do meio prisional começam a interiorizar a conceção de abusadores. Contudo, apresentam grandes dificuldades de aceitação, ao ponto de não se sentirem como tal manifestam passagens ao ato agressivas quando confrontados com a realidade.

Sendo assim, é colocada a seguinte questão retórica: *“Até que ponto é que a realidade interna destes sujeitos está delimitada e elaborada sob os seus comportamentos e as suas vivências?”*

8. Conclusão

A experiência de abuso sexual sob o olhar do abusador encontra-se, dentro da área de investigação psicológica, pouco explorada, essencialmente, no que concerne ao domínio da metodologia fenomenológica existencial.

Como foi possível observar ao longo da investigação, as vivências passadas, relativamente, ao sistema familiar, ao grupo de pares e às experiências de namoro, contribuem significativamente para os comportamentos de passagem ao ato, comportamentos violentos e disruptivos. Deste modo, apesar destes sujeitos apresentarem apenas uma experiência de

abuso sexual como agentes da ação, é perceptível que o meio envolvente predispõe os seus comportamentos agressivos e, não menos importante, fomenta os mesmos.

O meio ambiente desenvolve ou inibe determinadas aptidões psicológicas inerentes ao ser humano, pelo que, os processos de desenvolvimento possibilitam determinados fatores internos. Portanto, a agressão sexual é compreendida pela incapacidade ao longo do desenvolvimento do sujeito para adaptações psicológicas (Thornhill & Palmer, 2000 cit. *in* Vieira, 2011).

Os resultados obtidos vão ao encontro de investigações anteriores, sendo que, a agressão torna-se apreendida pela imitação e sustentada pelo reforço, pelo que, a agressão sexual torna-se apreendida pelas influências culturais, apreendidas sob determinadas atitudes, estereótipos sexuais e aprendizagem da socialização masculina face à agressão física e ao ato sexual (Maria, 2004, cit. *in* Balaias *et. al.*, 2012).

Por fim, os sujeitos apresentam estruturas internas com traços narcísicos e de elevada agressividade nos seus comportamentos abusivos, corroborando com Flora (2011), afirmando que, uma estrutura de ego deficitária, desenvolvendo sentimentos de inadequação, ansiedade e desenvolvimento de perversões, externaliza sob forma de agressividade, pensamentos e sentimentos sexuais (Rebocho, 2007, cit. *in* Balaias *et al.*, 2012).

A utilização do método fenomenológico IPA permitiu compreender o fenómeno do abuso sexual e interpretar o mesmo sob a visão do agente da ação. Alcançando, ainda, novos significados psicológicos subjacentes à experiência que não se encontram na literatura. Deste modo, é expectável que num futuro próximo sejam elaboradas novas investigações neste campo, para completar os resultados obtidos.

Referências

- Antunes, M. (2002). *Medida de Segurança de Internamento e Facto de Inimputável em Razão de Anomalia Psíquica*. Coimbra: Coimbra Editora.
- Araújo, A. C. & Neto, F. L. (2014). A nova classificação Americana para os Transtornos Mentais – o DSM-5. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 16 (1).
- Artime, T.M., McCallum, E.B. & Peterson, Z.D. (2014). Acknowledgment of sexual victimization among heterosexual men. *Psychology of Men and Masculinity*, 15, 313-323.
- Bakker, E. (2004). *Nature versus nurture: a criminological perspective*. Retrieved from <http://web.viu.ca/crim/Student/Erin%20VZBakker.pdf>
- Balaias, D., Oliveira, V. & Almeida, F. (2012) In F. Almeida & M. Paulino, *Profiling, Vitimologia e Ciências Forenses – Perspectivas Actuais*. (pp.393-427). Lisboa: Pactor.
- Cortés, D. C. & Cortés, M. R. (2015). Consecuencias del abuso sexual infantil: una revisión de las variables intervinientes. *Anales de psicología* (pp. 552-561). Universidad de Murcia.
- Costa, L.M., Zucatti, A. P. & Dell’aglio, D. D. (2011). Violência contra a mulher: levantamento dos casos atendidos no setor de psicologia de uma delegacia para a mulher. *Estudos de psicologia*, 28(2), 219-227.
- Cruz, M. A., Peña, M. E. & Andreu, J.M. (2015). Creencias desadaptativas, estilos de afrontamiento y apoyo social como factores predictores de la vulnerabilidad psicopatológica en mujeres víctimas de agresión sexual. *Clínica y Salud*, 33-39.
- Ducceschi, E. (1970). *Psicoterapia Existencial*. Editora: Sulina.
- Fabian, J. M. (2012). Neuropsychology, neuroscience, volitional impairment and sexually violent predators: A review of the literature and the law and their application to civil commitment proceedings. *Aggression and Violent Behavior*. Vol 17 (1), pp. 1-15.

- Geneviève, M. & Tardif, M. (2014). What we do and don't know about sex offenders intimacy. *Aggression and Violent Behavior*. Vol 19 (4), pp. 372-382.
- Georgiev, A. V., Klimckuz, A. C., Traficante, D. M. & Maestripieri, D. (2013). When violence pays: a cost-benefit analysis of aggressive behaviour in animals and humans. *Evol Psychol*. 11:678-699
- Giacomo, E., Alamia, A., Cicolari, F., Cimolai, V., Tabacchi, T. & Clerici, M. (2014). Abuso sessuale nel sesso maschile: quando la sofferenza di psiche e soma si fonde. *Journal of Psychopathology*, 20: 171-179.
- Giorgi, A., Sousa, D., (2010). *Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia*. Edições: Fim de Século.
- Gonçalves, R. A., & Machado, C. (Coords.). (2005). *Psicologia forense*. Coimbra: Quarteto.
- Howard, R. C., Khalifa, N. & Duggan, C. (2014). Antisocial personality disorder comorbid with borderline pathology and psychopathy is associated with severe violence in a forensic sample. *The Journal of Forensic Psychiatry & Psychology*, 25(6), pp.658-672.
- Kahlmeyer-Mertens, R. (2014) In A. Feijoo & M. Lessa, *Fenomenologia e Práticas Clínicas*. (pp.101-120). Rio de Janeiro: IFEN.
- Kristensen, C. H., Lima, J. S., Ferlin, M., Flores, R. Z. & Hackmann, P. H. (2003). Fatores etiológicos da agressão física: Uma revisão teórica. *Estudos Psicológicos*, 8(1), pp.175-184.
- Langdrige, D. (2007). *Phenomenological psychology: Theory, research and method*. Harlow, England: Pearson Education Ltd.
- Larochelle, S., Diguier, L., Laverdière, O., Gamache, D., Greenman, P.S., Descôteaux, J. (2010). Psychological dimensions of antisocial personality disorder. *Bulletin of the Menninger Clinic*, 74(1), pp.1-28.
- Lordello, S. R. & Costa, C. L. (2013). A metodologia qualitativa no estudo do abuso sexual intrafamiliar. *Revista Psicologia e Saúde*, 5 (2):127-135.

- Marques, H. M. (2005). *A voz do abusador: aspectos psicológicos dos protagonistas de incesto*. Brasília.
- Matos, M., Negreiros, J., Simões, C. & Gaspar, T. (2009). *Violência, Bullying e Delinquência* (1ªed). Lisboa: Coisas de Ler Edições.
- McGrath, R., Cumming, G., Burchard, B., Zeoli, S. & Ellerby, L. (2010). Current practices and emerging trends in sexual abuser management: The Safer Society 2009 North American Survey. Safer Society Press, Brandon, VT.
- Miffitt L. A. (2014). State of the science: Group therapy interventions for sexually abused children. *Archives of Psychiatric Nursing*, 28(3), 174-179
- Peterson, Z.D., Voller, E.K., Polusny, M.A. & Murdoch, M. (2011). Prevalence and consequences of adult sexual assault of men: Review of empirical findings and state of the literature. *Clinical Psychology Review*,31(1),1-24.
- Pereira, J. (2007). *Distorções Cognitivas e Agressão Sexual: Estudo Exploratório com agressores intra e extra-familiar. Dissertação de Mestrado*. Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. Porto.
- Rebocho, M. F. (2007). Psicopatia e risco de recidiva em Violadores Portugueses. *Psiquiatria, Psicologia & Justiça*, (1), pp.83-100.
- Serafim, A. P., Saffi, F., Rigonatti, S. P., Casoy, I. & Barros, D. M. (2009). Perfil psicológico e comportamental de agressores sexuais de crianças. *Rev Psiq Clín.*, 36(3), pp.105-11.
- Smith, JA and Osborn, M (2008). *Interpretative phenomenological analysis. In JA Smith (ed) Qualitative Psychology*. London: Sage. (2nd ed)
- Sousa, D. (2014) In A. Feijoo & M. Lessa, *Fenomenologia e Práticas Clínicas*. (pp.101-120). Rio de Janeiro:IFEN.
- Souza, F. B., Drezett, J., Meirelles, A. C. & Ramos, D. G. (2013). Aspectos psicológicos de mulheres que sofrem de violência sexual. *Reprodução & Climatério*,27(3):98-103. Elsevier Editora

- Stoddard, S.A., Heinze, J.E., Choe, D. E. & Zimmerman, M.A. (2015). Predicting violent behavior: The role of violence exposure and future educational aspirations during adolescence. *Journal of Adolescence*, 44, 191-203.
- Turchik, J. T., & Edwards, K. M. (2012). Myths about male rape: A literature review. *Psychology of Men and Masculinity*, 13, 211-226.
- Vieira, S. (2011). Ofensores sexuais: das crenças ao estilo de pensamento. *Tese de Doutoramento em Psicologia*. Universidade do Minho.
- Wosu, A. C., Gelaye, B. & Williams, M. A. (2014). Childhood sexual abuse and posttraumatic stress disorder among pregnant and postpartum women: review of the literature. *Womens Ment Health*, 18, 61-72.
- Zucker, Kenneth J. (2013). DSM-5: Call for Commentaries on Gender Dysphoria, Sexual Dysfunctions, and Paraphilic Disorders. *Arch Sex Behav*.

ANEXO – I



Para finalizar o Mestrado em Psicologia Clínica, no Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida (ISPA), o currículo do curso prevê a realização de um trabalho de investigação nas áreas e temáticas estudadas ao longo do curso:

Tema: Experiência Vivida, pelo Agressor, numa Agressão Sexual.

Objetivo: Analisar a experiência vivida de agressores sexuais. Isto é, o objetivo do estudo é a compreensão dos significados psicológicos e a exploração da experiência subjetiva dos sujeitos que vivenciaram a experiência de agredir sexualmente outrem. Percebendo experiência da agressão sob o olhar do agressor e não da vítima.

Metodologia: Realização de Entrevista numa investigação qualitativa (gravada), que será analisada através de um Método Fenomenológico.

Características e dimensão da Amostra: Amostra é constituída por 3 ou 4 participantes do sexo masculino, que se encontram a cumprir pena no Estabelecimento Prisional do Linhó, não importa a idade, desde que sejam condenadas por crimes sexuais.

Temas a abordar Entrevista:

- Dados Demográficos – Idade

- Breve História Familiar:

- Composição familiar;
- Ambiente familiar (emocional, estabilidade)
- Pares (influencia do grupo de pares; relações amorosas)
- Experiências e memórias relevantes.
 - Sofreu algum tipo de abuso físico na infância?
 - Por parte de quem é que sofreu esse abuso?
 - Que mecanismo utilizou para superar
 - Como se sentiu
 - O que desejou na altura
- Perspetivas de um Agressor
 - O que o levou ao estatuto de agressor
 - Como se sentiu com a mudança
 - Como se sente enquanto agressor
 - O que sentiu e desejou na altura
- Mudança de ser-estar no mundo
 - Vê-se como um criminoso?
 - O que sente pelo grupo de reclusos ?
 - Que receio tem da cadeia?

O guião iniciar-se-á com o tópico dos dados demográficos. Este tópico irá permitir a recolha de informações demográficas/biográficas que, permitem perceber a situação atual em que os participantes se encontram, nomeadamente para saber a idade. Deste modo, este tópico permite também iniciar a entrevista de forma mais descontraída e colocar as participantes com à-vontade, sem se sentirem pressionadas. O tópico que se segue, história familiar, permite perceber o meio familiar das participantes, ou seja, se é saudável, ou não, e quantos elementos fazem parte da família. Mas ainda, explorar todo o envolvimento do meio familiar e social onde estes sujeitos se desenvolveram, nomeadamente, que tipos de práticas eram frequentemente utilizadas como ferramenta de educação e cuidados. O tópico seguinte, Pares, quer a compreensão de como era o seu meio social, como era a sua relação com os pares, quais as dificuldades sentidas na aproximação ao sexo oposto, no estabelecimento de uma relação íntima e amorosa. É essencial compreender se houve alguma mudança no comportamento social. O tópico, Experiências e memórias relevantes, é onde pretendo que os participantes contem as suas memórias e experiências vividas, antes de se tornarem agressores,

nomeadamente, compreender se existiu um abuso na sua infância, por parte de quem, como se sentiu em relação a essa figura e que mecanismos utilizou dentro de si para externalizar o que sentiu. O tópico Perspetivas de um Agressor irá constituir o cerne fundamental na entrevista, uma vez que se espera ter existido uma passagem de vítima a abusador, compreender todo o comportamento do agressor, o que sente perante a vítima, que satisfação lhe trás enquanto significado psicológico este estatuto de agressor e explorar toda esta vivência de desejos e sentimentos da experiência de agressão. Por fim, o tópico Mudança de ser-estar no mundo, é sobretudo, para compreender como a vida na prisão está a afetar a sua vida, como é que isso vai influenciar a sua vida futuramente.

Posto isto, pretende-se compreender a visão do lado oposto ao que por norma é estudado, de modo a compreender a experiência vivida pelos agressores a um nível claro e límpido. Para terminar a entrevista, pretende-se que os sujeitos não sintam que o trabalho tem como objectivo fazer alguma crítica ou tipo de observação mais negativa e, desse modo, no fim da sessão é pretendido que fique claro para os sujeitos que a sua participação irá trazer um contributo ao nível pessoal, académico e social deste meio envolvente. Criando uma dinâmica mais empática para com os mesmos e um ambiente mais positivo.

Exm.º Senhor Director da Direcção-Geral
De Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP)

Eu, Maria Inês Feijão Bastos, encontro-me a finalizar o Mestrado Integrado de Psicologia Clínica, no Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Nesse âmbito, o currículo prevê a realização de um trabalho de investigação nas áreas e temáticas estudadas ao longo do curso.

Deste modo, encontro-me a realizar a dissertação, sendo que a área que decidi abordar foi as experiências vividas, pelos agressores, numa agressão sexual. Tendo unicamente como objectivo a experiência vivida pelo sujeito, bem como a compreensão e percepção dos mesmos nestas vivências, visando os sentidos globais do fenómeno, ou seja, dos significados psicológicos. Os indivíduos seleccionados serão reclusos que cumprem medidas privativas de liberdade no Estabelecimento Prisional do Linhó, estabelecimento onde me encontro a realizar o estágio curricular (2015/2016).

Para a recolha de dados aplicarei a entrevista clínica, textos e/ou diários escritos pelos sujeitos, uma vez que será um estudo qualitativo,

Em anexo a este pedido envio a cópia do consentimento informado que utilizarei e a autorização ao estabelecimento mencionado.

Para qualquer esclarecimento estarei disponível em: maria_inesbastos@hotmail.com ou 936 710 081.

Certa de um parecer favorável ao meu pedido agradeço, desde já, a atenção dispensada.

Com os melhores cumprimentos,
Maria Bastos

Exma. Senhora Directora
Estabelecimento Prisional do Linhó

Eu, Maria Inês Feijão Bastos, encontro-me a frequentar o Mestrado Integrado de Psicologia Clínica, no Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Nesse âmbito, tenho uma dissertação para realizar, sendo que a área que decidi abordar foi as experiências vividas, pelos agressores, numa agressão sexual. Tendo unicamente como objectivo a experiência vivida pelo sujeito, bem como a compreensão e percepção dos mesmos nestas vivências, visando os sentidos globais do fenómeno, ou seja, dos significados psicológicos.

Este trabalho é orientado pelo Doutor Victor Amorim Rodrigues, docente do Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

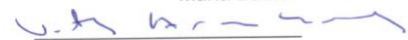
Para a recolha de dados aplicarei a entrevista clínica, textos e/ou diários escritos pelos sujeitos, uma vez que será um estudo qualitativo,

Assim, venho por este meio solicitar que me seja autorizada a aplicação dos referidos instrumentos aos reclusos do estabelecimento. Posteriormente, se assim vos parecer conveniente, divulgarei os resultados do estudo na instituição acima referida em data a designar. Em anexo a este pedido envio a cópia do consentimento informado que utilizarei.

Para qualquer esclarecimento estarei disponível em: maria_inesbastos@hotmail.com ou 936 710 081.

Certa de um parecer favorável ao meu pedido agradeço, desde já, a atenção dispensada.

Com os melhores cumprimentos,
Maria Bastos



(Orientador da Dissertação)

10 / 12 / 2015

Consentimento Informado

Eu, Maria Inês Feijão Bastos, aluna do 5º ano do mestrado Integrado em Psicologia Clínica, do Instituto Superior de Psicologia Aplicada, no âmbito do Seminário de Dissertação, encontro-me em fase de elaboração da investigação da dissertação de tese, de final de curso, com o tema “Experiência vivida, pelo agressor, numa agressão sexual”.

Na sequência do estudo, solicito a sua colaboração, sendo possível a sua desistência a qualquer momento sem que isso o prejudique em qualquer aspecto. Durante o processo, é assegurada a confidencialidade dos seus dados e é dada a garantia de que os mesmos serão apenas utilizados no âmbito do projecto em questão. Após a conclusão do trabalho, os resultados do estudo podem ser facultados pela solicitação à direcção do Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

Grata pela disponibilidade e atenção,

Melhores Cumprimentos,

Eu, _____, declaro ter sido informado de todos os procedimentos metodológicos, éticos e deontológicos da investigação e concordo em participar, como voluntário, na investigação acima descrita.

_____, de _____ de _____

(Assinatura do Participante)



(Assinatura do Orientador da Dissertação)

ANEXO – II



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

Exmo(a) Senhor(a)

Dra. Maria Inês Feijão Bastos

maria_inesbastos@hotmail.com

<i>V/ referência</i>	<i>N/ referência</i>	<i>Ofício N.º</i>	<i>Data</i>
		12/DSOPRE	15.01.2016

Assunto: Investigação académica para Mestrado em Psicologia Clínica pelo Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida - ISPA

Tenho a honra de informar V. Exa que, por despacho do Senhor Diretor – Geral, Dr. Rui Sá Gomes, datado de 15/01/2016, foi autorizada, no âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica, a realizar a investigação académica no Estabelecimento Prisional do Linhó.

Considerando o interesse do projeto, este estudo, foi autorizado, mediante as seguintes condições:

- a calendarização e modo de organização da pesquisa seja acordada com a Direção dos estabelecimentos prisionais, por forma a que se conciliem os objetivos académicos com a exequibilidade do trabalho, sem perturbação do quotidiano;
- o desenvolvimento do estudo esteja sempre dependente da disponibilidade dos reclusos para, após consentimento informado, colaborarem, reservando-se-lhes o direito de, a qualquer momento, poderem interromper a sua cooperação, devendo também ser dado o consentimento para a gravação das entrevistas;
- a investigadora fique obrigada a preservar o anonimato dos dados e das pessoas que venham a cooperar;
- do resultado final do trabalho, deve ser remetida cópia à Direção de Serviços de Organização, Planeamento e Relações Externas.

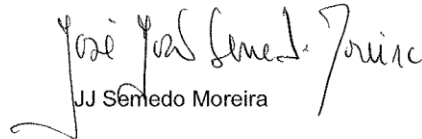
Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais
Direção de Serviços de Organização, Planeamento e Relações Externas
Travessa da Cruz do Torel, n.º 1 – 1150-122 Lisboa – Tel. 218812200 – Fax. 218853896 – E-mail: dsopre@dgrsp.mj.pt
Apartado 21207 – 1131-001 Lisboa



Considerando o número de investigações académicas, atualmente a decorrer em estabelecimentos prisionais, alerta-se para a possibilidade de a direção do estabelecimento prisional poder vir a calendarizar a investigação para um momento mais oportuno.

Com os melhores cumprimentos

O Diretor de Serviços


JJ Semedo Moreira

ML/2016

ANEXO – III

Consentimento Informado

Eu, Maria Inês Feijão Bastos, aluna do 5º ano do mestrado Integrado em Psicologia Clínica, do Instituto Superior de Psicologia Aplicada, no âmbito do Seminário de Dissertação, encontro-me em fase de elaboração da investigação da dissertação de tese, de final de curso, com o tema “Experiência vivida, pelo agressor, numa agressão sexual”.

Na sequência do estudo, solicito a sua colaboração, sendo possível a sua desistência a qualquer momento sem que isso o prejudique em qualquer aspecto. Durante o processo, é assegurada a confidencialidade dos seus dados e é dada a garantia de que os mesmos serão apenas utilizados no âmbito do projecto em questão. Após a conclusão do trabalho, os resultados do estudo podem ser facultados pela solicitação à direcção do Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

Grata pela disponibilidade e atenção,

Melhores Cumprimentos,

Eu, _____, declaro ter sido informado de todos os procedimentos metodológicos, éticos e deontológicos da investigação e concordo em participar, como voluntário, na investigação acima descrita.

_____, de _____ de _____

(Assinatura do Participante)



(Assinatura do Orientador da Dissertação)

ANEXO – IV

Guião de Entrevista

Descreva a sua experiência de Abuso Sexual / Como descreve a sua experiência de Abuso Sexual?

- **Qual o comportamento no Abuso Sexual?**

Como se sentiu no ato sexual? E após o mesmo?

- **Se teve sentimentos**
- **Que tipo de sentimentos**

Que tipo de contato sexual, anteriormente ao abuso, existia?

- **Que tipo de relações tinha anteriormente**
- **Como vê a sua intimidade sexual?**
- **Como descreve a sua 1ª experiência sexual**
- **Que idade tinha? (tentar perceber se foi com um homem ou mulher, se existia vínculo afetivo ou se houve algum abuso)**

Como vê a vítima e como se vê a si mesmo?

- **No caso, a figura feminina**

Que / Quais marcas ou consequências teve o abuso na sua vida?

Como descreve o estar privado de liberdade por crime sexual?

- **O olhar dos outros sobre si, o olhar da sociedade e o contexto envolvente sob um indivíduo que praticou o abuso sexual**

ANEXO – V

1. Entrevista P1 – Duração 17 min.

Comentários	Entrevista Transcrita	Significado Psicológico
	Como é que descreve a sua experiência do Abuso Sexual?	
Incapaz de descrever o momento	<i>Como é que eu descrevo?... Não sei se calhar... a experiencia... Não sei foi uma coisa que... não sei o que é que se passou no momento mas...</i>	Incapacidade de Descrição do Crime
Estranho na altura	<i>foi estranho na altura...</i>	Estranheza
Nunca pensou em cometer o abuso	<i>nunca pensei, nunca pensei fazer uma coisa dessas e foi uma coisa que na altura... não sei, não sei o que é que me passou na cabeça na hora, se calhar não estava em mim mas também não me recordo muito bem do que aconteceu no exato momento, lembro-me de algumas coisas mas não me lembro a 100%</i>	Não há premeditação
Não sabe o que lhe passou pela cabeça na altura Não estava em si		Sensação de não estar em si na experiência do crime
Não se recorda totalmente		Incapacidade de recordar totalmente o sucedido
	Recorda-se do tipo de comportamento que teve no abuso?	
	<i>Sim!</i>	Aborrecido/ Tédio/ Zanga
Estava chateado,	Pode-me falar um bocadinho sobre isso?	
O abuso ocorre numa festa,	<i>Então... Lembro-me, Sei que ... estava chateado na festa, na altura foi numa festa que isso aconteceu, estava chateado estava... a rapariga com quem eu andava na altura, ela tinha lá ido ter comigo, depois saiu e eu tive uma discussão com ela... Depois foi</i>	Ambiente festivo
Discute com a namorada		Desentendimento Amoroso com a companheira
Vê a vítima enquanto está com os seus amigos		
Teve outra discussão no local e refere que a situação acabou por ocorrer		Desentendimento no local Desapego / Desinteresse à situação Desvalorização da situação

<p>Chateado e acontecimentos anteriores acabam por desencadear o abuso</p>	<p><i>quando eu vi essa rapariga e estava lá com os meus rapazes e quê... depois também tive uma pequena discussão, ainda tive lá uns problemas e... acabou por acontecer essa situação... passado um bocado...</i></p>	<p>Ambiente conflituoso, conflitos internos, incapacidade de controlo</p> <p>Desencadear de acontecimentos</p>
<p>Descarregar</p>	<p><i>foi mais ou menos isso, foi um misto de... um misto de estar chateado e dos acontecimentos também que tinham vindo a acontecer há uns tempos atrás...</i></p>	<p>Descarga de emoções através do ato</p>
<p>Uso da força no abuso (coito vaginal)</p>	<p><i>Foi uma forma... digamos que foi uma forma de descarregar, se calhar...</i></p> <p>Como é que caracteriza o próprio ato sexual?</p> <p><i>Como é que eu caracterizo como assim?</i></p> <p>Qual foi o tipo de abuso?</p>	<p>Imagem de normalidade, Poder, banalidade</p>
<p>Não refere sentimentos no ato</p> <p>Frustração vs Descarga</p>	<p><i>Qual foi o tipo de abuso? Foi o normal, o que muita gente conhece... Foi... Foi normal, foi, foi... foi à força, como é normal!</i></p>	<p>Incapacidade de sentimentos</p> <p>Frustração VS Descarga – Passagem ao ato</p>
<p>Não foi um ato planeado</p>	<p>E como é que se sentiu no ato sexual?</p> <p><i>Não sei, na altura não senti nada... não... como eu já disse estava mesmo...</i></p>	<p>Não há premeditação/planeamento</p>
<p>Refere que é contra os abusos</p> <p>Situação que deriva do momento</p>	<p><i>Foi mesmo estava frustrado na hora e foi o facto de eu querer descarregar e não...</i></p>	<p>Condenação moral Promoção do abuso através do momento,</p>

<p>Refere que não se sente</p> <p>Não se sentiu mal nem bem</p>	<p><i>nem era, nem era uma coisa que estava nos meus planos eu nunca pensei fazer uma coisa daquelas, não sei o que é que...</i></p>	<p>Incapacidade de sentir e de se sentir</p> <p>Incapacidade de sentir culpa</p>
<p>Como se fosse o cotidiano</p>	<p><i>Já no passado sempre fui contra essas situações e não sei o quê... foi uma coisa mesmo momentânea,</i></p>	<p>Banalização do crime</p>
<p>Raiva, ódio</p>	<p><i>mas não... nunca me senti, nem me senti mal nem me senti bem, foi uma coisa...</i></p>	<p>Raiva / Ódio</p>
<p>Aceita a tensão sexual mas não coloca tanto ênfase na mesma</p>	<p><i>como se fosse o cotidiano chamando, se é que se pode chamar</i></p>	<p>Tensão Sexual pouco conotada</p>
<p>Refere que podia ter feito outra coisa, como matar alguém</p>	<p>Quando fala em descarregar, é descarregar o quê? Raiva?</p> <p><i>Sim pode ser.. Raiva, ódio, por vezes...</i></p> <p>Ou estamos a falar de descarregar tensão sexual?</p> <p><i>Sim...</i></p>	<p>Procura de agressão a um outro (independentemente do crime)</p>
<p>Aconteceu... Poderiam ter acontecido mais coisas...</p>	<p>É isso?</p> <p><i>Não, nem tanto mas...</i></p> <p><i>não na altura podia ter feito montes de coisas e não ter feito nada disso, podia ter chegado ali ao pé de alguém... eu estava armado, como é obvio e podia ter matado algum, alguém que estava ali, só que...</i></p>	<p>Possibilidade de outros acontecimentos</p>
<p>Não sente nada apos o abuso, continua a sua vida como se nada tivesse acontecido, continuando na festa</p>	<p><i>ter matado algum, alguém que estava ali, só que...</i></p>	<p>Incapacidade de sentir</p> <p>Banalização do acontecimento</p> <p>Ausência de culpa</p>
<p>Refere que se tivesse</p>		

consciência tinha saído do local	<i>Aconteceu, podia ter acontecido muita coisa ali... naquele exato momento</i>	Autorreflexão/ Inconsciência Imprevisão das consequências
	<p>E após o Abuso como é que se sentiu?</p> <p><i>Pfff... não senti nada.. não, normal, continuei a minha vida como se nada acontecesse, aliás se eu...</i></p>	
Refere que sempre teve alguém	<p><i>se eu tivesse, se eu soubesse, tivesse a mínima consciência do que fiz na altura tinha saído logo daquela zona como é obvio! E continuei ali, continuei ali o tempo que fosse preciso</i></p>	
Contudo não tinha grandes relações, projeções no futuro, receava as mesmas	<p>Continuou nessa festa?</p> <p><i>Sim...</i></p> <p>Que tipo de contacto sexual é que tinha antes deste abuso? Ou seja, que tipo de intimidades é que tinha? E de relacionamentos?</p>	Relações com pouco investimento afetivo Receio do relacionamento
Esse receio é referente a outras situações	<p><i>Não com essa pessoa mas com outras?</i></p> <p><i>É assim eu posso dizer que nunca... por</i></p>	
Relações conturbadas, as raparigas deixavam-no, chegando ao ponto de ter medo de relações sérias porque tinha medo vs receio que o deixassem novamente	<p><i>acaso sempre tive alguém, sempre, sempre tive uma rapariga, sempre tive alguém ao meu lado mas não... nunca fui daquele termo de ter uma grande relação, de querer avançar mais, nunca me deu para essa expectativa e alias até, sempre tive receio...</i></p>	Referências passadas Relacionamentos instáveis Receio da figura feminina terminar o relacionamento
Mágoa	<p>Receio?</p> <p><i>Respeito a várias situações...</i></p>	

<p>Contato de pouca duração</p>	<p>O que é que temia? O que é que tinha receio dessas relações?</p>	<p>Mágoa dos termos das relações</p>
<p>Receio de se apaixonar como no passado e que fosse abandonado/deixado</p>	<p><i>Tinha... tive, tive várias relações conturbadas, tive... tive relações que raparigas acabavam, não sei quê e...</i></p>	<p>Pouco investimento e Pouco contato afetivo</p>
<p>Refere que esteve apenas com duas raparigas Quando se apaixonou as relações acabaram</p>	<p><i>foi.... Chegou a um certo ponto que eu já não conseguia manter uma relação séria porque tinha medo, tinha receio que isso voltasse a acontecer.</i></p> <p><i>Sentia-me entre aspas demasiado magoado com essas situações. E deixei de ter relações simplesmente ficava um dia, dois dias, três dias no máximo, uma semana e ficava só por ali... era... não havia cá namoros</i></p>	<p>Crença de Abandono Receio de ser deixado</p>
<p>Relação de 3 anos com a primeira companheira</p>	<p>O que é que tinha receio que voltasse a acontecer?</p> <p><i>Tinha receio que ... que me apaixonasse, como no passado... por alguma rapariga especial e ... e que acontecesse que ela me deixasse...</i></p>	<p>Análise dos relacionamentos</p>
<p>Curso de Equitação</p> <p>Refere que tinham uma boa relação</p>	<p>Investimento em 2 relações</p> <p><i>porque no fundo, no fundo, no fundo as raparigas com quem ... foram só duas, as raparigas por quem me apaixonei a sério todas acabaram comigo ...</i></p> <p>Esse sentimento, essa angústia era perturbadora e, por isso, tinha esse tipo de relacionamento com as outras raparigas, era isso?</p>	<p>Investimento em 2 relações</p>
<p>Primeiro relacionamento Gostava da pessoa e respeitava-a</p>	<p><i>Sim...sim, digamos que sim...</i></p>	<p>Primeiro Investimento emocional de longa duração Relacionamento mais profundo</p> <p>Investimento pessoal</p>

Rapariga desaparece “do dia para a noite”	Como é que descreve a sua primeira experiencia de iniciação na vida sexual?	Visão de bom relacionamento
Nunca obrigou a primeira namorada a nada, nunca a forçou a nada	<i>Foi, foi a primeira rapariga por quem eu me apaixonei, na altura andámos 3 anos e faltava às aulas na altura, apanhava o comboio para ir ter com ela, estava a tirar na altura um curso de equitação... Sempre tivemos uma boa relação e...</i>	Interesse, Capacidade de sentir o outro, Ideia de Respeito
Refere que só forçou alguém a ter sexo no crime cometido, nunca o fizera anteriormente	<i>foi, foi a primeira vez que... que tive um relacionamento, com quem eu gostei bastante dessa pessoa e respeitava-a nunca lhe faltei ao respeito...</i>	Abandono
Não se vê	<i>foi nessa altura que ela desapareceu mesmo... de um momento para o outro, do dia para a noite</i>	Nunca abusou da namorada
Conhecia a vítima, refere que a mesma o marcou, apesar de não ter tido muito contato com ela	Quando diz que respeitava, nunca a forçou a qualquer tipo de experiência sexual é isso?	1ªExperiência de Abuso no crime cometido
Amizade	<i>Não, não!</i>	Incapacidade de visão de si
Marcou-o para o resto da sua vida, por ter sido sua amiga e por conhece-la	<i>E aliás essa... esse termo de forçar das experiências sexuais, isso só foi mesmo nessa situação agora do crime, nunca me ocorreu fazer isso...</i>	Proximidade com a vítima Marca na sua vida
Afirma amizade com a vítima	Neste momento como é que se vê a si e à vítima olhando para trás?	Relação de amizade
Não tem desejo sexual pela vítima,	<i>Não me vejo...</i>	

referência ao facto de esta ser menor	<i>é assim conheço, conhecia-a, conheci e conheço a rapariga... foi, foi, foi uma pessoa que me marcou também, apesar de não ter tido assim grande contato com ela mas foi uma rapariga que me marcou.</i>	Desinvestimento sexual
É passado	<i>Nem que fosse só pela amizade,</i>	
Amigos que o odeiam	<i>foi uma rapariga que me marcou e que há-de marcar, há-de ficar sempre para</i>	
Grandes amigos, comparação a irmãos	<i>o resto da minha vida na cabeça, não só por ter sido uma amiga mas pelo fato de eu a conhecer.</i>	
	Ela era sua amiga?	
	<i>Hum hum...</i>	Visão dos outros sobre si
	E tinha desejo sexual por essa sua amiga?	Idealização do grupo de pares
	<i>Não.. nunca, aliás ela até era menor</i>	
A única consequência é a privação de liberdade	Ela era menor, mas não se sentia atraído por essa figura?	
A liberdade é a melhor coisa para si, sempre foi tudo para si	<i>Não...</i>	
	E quando diz que ela o marcou, que tipo de marca é que ela trás para si	
Gostava e gosta,	neste momento, para a sua vida?	
Foi a única coisa que o afetou	<i>É passado, é aqueles amigos que me odeiam,</i>	Visão de privação de liberdade como única consequência
	<i>grandes amigos, grandes amigas,</i>	Ausência de culpa
	<i>peessoas que sempre nos apoiaram,</i>	
	<i>peessoas que... aqueles chamados</i>	
Pessoa totalmente diferente em meio exterior,	<i>amigos quase como irmãos, se é que se</i>	
Referencia a dupla personalidade por	<i>pode chamar assim, e outros</i>	Interesse pela sua liberdade

<p>estar preso, Tem de ser outra pessoa dentro da cadeia, “lá fora bastava ser eu mesmo”</p>	<p><i>acontecimentos... dentro desse aspeto</i></p> <p>Quais são as consequências que acha que isso trouxe para a sua vida? As consequências desse abuso?</p>	
	<p><i>A única consequência que me trouxe sinceramente, foi o facto de estar preso,</i></p>	<p>Diferenciação de si em meio exterior</p>
<p>Mudança completa dentro da cadeia A pessoa que é na rua não pode ser dentro da cadeia</p>	<p><i>foi o fato de me terem tirado a melhor coisa que eu tinha que era a liberdade, era uma coisa que eu... que eu gostava muito, gostava e gosto, a liberdade sempre foi tudo para mim.. e... isso eu</i></p>	<p>Auto-defesa Necessidade de ser outro em contexto prisional</p>
<p>Alteração após entrada na cadeia</p>	<p><i>penso que, acho que foi a única coisa que me afetou foi só</i></p>	
<p>Mudança</p>	<p>O que é que a liberdade lhe trazia que neste momento não tem?</p>	
<p>Mudança pelo susto, medo, outro ambiente</p>	<p><i>Tudo... trazia-me, eu tinha outra maneira de pensar, tinha, tinha... era outra pessoa totalmente diferente, não tinha que ter dupla personalidade, aqui dentro tenho que ser outra pessoa a não ser eu, lá fora bastava ser eu mesmo. e podia ir para onde eu</i></p>	<p>Mudança de si em contexto prisional</p>
	<p><i>quisesse, esteja bem, esteja mal, podia ir para Espanha, podia ir para qualquer sítio....</i></p>	<p>Alteração pessoal</p>
<p>Angústia, rotina, Escuridade, misto de emoções, Complicado</p>	<p>Essa questão da dupla personalidade é uma consequência da privação de liberdade...</p>	<p>Susto, medo, angústia, misto de emoções, escuridade</p>
<p>Crimes que não se toleram dentro da cadeia</p>	<p><i>Sim... toda agente que entra aqui tem que mudar completamente, a pessoa que é lá fora não pode ser aqui dentro,</i></p>	

<p>Ato de Cobardia, Não faz ideia de como é visto</p>	<p><i>aliás uma das coisas que mal entramos daquela porta para dentro isso acontece logo, ficamos logo alterados, mesmo que não queiramos, mudamos logo...</i></p>	<p>Análise dos tipos de crime Visão da cadeia em relação aos crimes</p>
<p>Não sabe como se vê a si mesmo, não olha para si, olha mais para os outros que para si mesmo</p>	<p>Como é que considera essa mudança? Como é que descreve essa mudança? <i>Como é que eu descrevo...o susto. Tem haver com o susto, com o medo, tem haver com outro ambiente, uma pessoa que não conhece isto que só viu nos filmes e... é totalmente diferente... é um bocado isso, a angústia, a rotina também, é um misto de emoções é complicado, e a própria escuridade cá dentro</i></p>	<p>Ato de cobardia pelos outros Incapacidade de se ver através do outro Fuga de si, Incapacidade da visão de si</p>
<p>Não gosta de olhar para si, não tem orgulho na sua pessoa, nunca teve orgulho</p>	<p>Acha que este tipo de crime que cometeu agrava ainda mais esta vivência dentro da cadeia? <i>Sim, sem dúvida. Cada crime é um crime, dentro da cadeia há crimes que não se toleram</i></p>	<p>Foco nos outros</p>
<p>Tinha orgulho da sua liberdade, ações, escolhas e família</p>	<p>E como é que acha que é visto pelos outros reclusos? <i>Cobardia, como um ato de cobardia..... não sei não faço ideia....</i></p>	<p>Desinteresse por si, Desinvestimento do próprio, Desidealização de si</p>
<p>Referência ao passado, nunca teve ninguém para lhe dizer que era boa pessoa, nunca teve ninguém que o elogiasse</p>	<p>E como é que se vê a si neste momento? <i>Como é que eu me vejo a mim neste momento?..... Não sei, eu cá dentro por</i></p>	<p>Investimento na liberdade, ações, escolhas, família</p>
<p>Por isso é que não gosta de olhar para si</p>	<p><i>incrível que pareça não olho para mim,</i></p>	<p>Referência ao passado, Pouco investimento dos outros sobre si,</p>

	<p><i>eu olho mais para os outros do que o que olho para mim..</i></p> <p>Olha mais para os outros?</p> <p><i>Hum hum...</i></p> <p>O que é que quer dizer com isso?</p> <p><i>Não gosto de olhar para mim, não gosto de olhar para a minha pessoa, não... não tenho orgulho na minha pessoa, apesar do que aconteceu não... nunca tive orgulho...</i></p> <p>Nunca teve orgulho, então la fora também não tinha?</p> <p><i>Não, tinha orgulho na minha liberdade, tinha orgulho nas minhas ações, nas minhas escolhas mas nunca tive orgulho. E tenho orgulho na minha família</i></p> <p>Porque é que considera que nunca teve orgulho da sua pessoa?</p>	<p>desinvestimento dos outros</p> <p>Incapacidade de se olhar pelo desinvestimento de outros</p> <p>Autoanálise do seu crime</p>
Há perguntas do abuso para as quais não tem resposta e espera vir a ter		
Pensa bastante no abuso	<p><i>Não sei, sinto-me... deve ter sido pelo passado, deve ter sido, se calhar nunca tive ninguém para me dizer que eu era</i></p>	Incapacidade de Resposta a perguntas sobre o crime
Porque comete o abuso? Como? Porquê aquela pessoa? São perguntas que quer saber a resposta	<p><i>boa pessoa, se calhar nunca tive uma pessoa que me elogiasse, e eu não vou transmitir isso às outras pessoas... por isso é que eu não gosto de olhar para mim, gosto de olhar para os outros, aprender com os outros</i></p>	
Preferível matar alguém	<p>Acha que o seu tipo de crime reflete um bocadinho o que está a dizer? Essa procura de olhar para os outros e</p>	

Era preferível matar alguém porque sempre foi contra violência e violação

aprender com os outros?

No crime e não só, em muitas outras coisas...

Preferência sobre o homicídio

Era contra tudo

Há crimes piores que outros

Violação é pior que matar

Mas quando me falava há pouco da sua experiência de abuso sexual e agora me diz que gosta mais de olhar para os outros e de aprender com os outros do que propriamente consigo, será que esta experiência de abuso sexual não foi uma procura de algo nessa sua amiga, de algo que não via em si nela?

Aversão à violação e violência doméstica no passado

Visão do Crime

Não, eu acho que não Não, eu acho que não... ainda há muitas perguntas para as quais não tenho respostas e espero vir a encontra-las

Ainda pensa muito sobre isso?

Penso.. penso... bastante...

Quais são as perguntas que espera a vir ter resposta que ainda não tem?

O porquê? Como? Porquê àquela pessoa? Porque é que eu não fiz outra coisa qualquer sem ser aquilo?

Podia ter feito tanta coisa, podia ter matado alguém, era preferível...

Considera que era preferível cometer homicídio do que abusar sexualmente de outra pessoa?

Era... na minha maneira de pensar era porque... como eu disse eu sempre fui

contra esse tipo de situações, violações e violência doméstica e isso... Mas... Aliás eu, eu era contra tudo, mas há certos crimes que é pior uns que os outros... e se calhar a meu ver uma violação é pior que matar...

Sempre pensou assim?

Hum hum...

Obrigada!

De nada.

2. Entrevista P2 – Duração 26 min.

Comentários	Entrevista Transcrita	Significado Psicológico
Incapaz de descrever a experiência	<p>Como é que descreve a sua experiência de Abuso Sexual?</p> <p><i>Como é que eu descrevo? Como assim? Como é que eu descrevo? Humhum.... Não sei como explicar... é.... Esses tipos de ação e.... não é esperança que eu já tive... mas... explica melhor a pergunta, é um pouco complicado.</i></p>	Incapacidade de Descrição do Crime
Agressivo	<p>Qual é que foi o comportamento que teve no abuso sexual?</p> <p><i>O comportamento? Fogo.... Essa aí... o comportamento.... Foi agressivo na hora, na hora, pelo efeito de álcool e</i></p>	Agressividade
Efeito de álcool Não imaginava o que estava a fazer Fazia o que vinha à cabeça	<p><i>não... estava... no sitio não, não imaginava o que é que estava a fazer naquela hora só, só, fazia o que vinha</i></p>	Efeito de álcool Não planeamento Espontaneidade
Muito agressivo		Muita agressividade

Não sentiu	<i>na cabeça e... e.... fui muito agressivo e</i>	Incapacidade de sentir
Não foi pensado nem planeado	<i>nem senti na hora o que eu estava a fazer e... e... surgiu de repente não foi pensado nem planeado.</i>	Não há premeditação /planeamento
Surgiu na hora Nunca teve esses comportamentos	Portanto, não foi uma coisa que tivesse planeado é isso? <i>Sim sim sim. Foi uma coisa que surgiu mesmo naquela hora, nunca tive esses tipos de comportamento. Mas não sei</i>	Promoção do abuso através do momento Autorreflexão dos comportamentos
Efeito do álcool leva ao comportamento	<i>se, na minha opinião, eu acho que foi por causa do álcool, levou a ter esses tipos de comportamento.</i>	Efeito do álcool predispõe o abuso
Estava com o irmão	Ok, então pode-me falar um bocadinho sobre isso? Podemos voltar então a esse acontecimento e descrever-me como é que estava e qual foi a situação?	
Dois casos No primeiro: receio, fica apenas a observar, a controlar	<i>Qual... e... estava... naquele dia estava eu e o meu irmão... é para contar os dois casos? Primeiro não tive, primeiro</i>	Dois casos de abuso Primeiro caso: Apresenta receio ficando apenas a controlar e a observar
Amigos tinham intenção	<i>fiquei com aquele receio e fiquei só a olhar as pessoas a controlar mas não,</i>	Intenção de abuso surge pelos amigos
Roubo	<i>não estava com, os meus amigos</i>	Roubo consumado pelo próprio
Segundo caso: assume que foi o próprio, O irmão não queria Estava alcoolizado	<i>tinham aquela intenção e já tinham, eu e... só eu roubei a mala, tirei a mala e fiquei logo, e fiquei longe e depois no outro caso e... fui eu, fui eu, nem o meu irmão queria, fui eu e estava um bocado bêbado e estava... já tínhamos</i>	Segundo caso: assume o abuso Alcoolizado
Surge de repente, não consegue imaginar o que se passou	<i>bebido eu e os meus amigos, e naquele momento, naquele momento surgiu de</i>	Promoção do abuso através do momento, Incapacidade de rever aquele

<p>Nunca foi assim Educado a respeitar os outros</p>	<p><i>repente e nem eu consigo imaginar o que é que se passou naquele dia nunca fui assim e sempre fui bem educado a</i></p>	<p>dia Ideia de si diferente Foco na educação</p>
<p>Não sabe o que lhe passou na cabeça</p>	<p><i>respeitar os outros e os mais velhos, principalmente, não sei, não sei, só o que se passou na minha cabeça...</i></p>	<p>Incapacidade de se recordar o que se passou na sua cabeça</p>
<p>No primeiro não queria, dizia aos amigos para ir embora</p>	<p>Então o que me está a dizer é que houve dois acontecimentos, no primeiro assistiu e no segundo participou, é isso?</p>	<p>No primeiro abuso: desejo de sair do local, não há intenção de cometer o abuso</p>
<p>No segundo deu-se, ficou com a ideia na cabeça, obsessão</p>	<p><i>Sim sim sim. No primeiro... no primeiro não queria, dizia aos meus amigos para ir embora, para ir embora e no</i></p>	<p>Segundo: banalização (“deu-se”) Ideia de abuso permaneceu na sua cabeça Obsessão</p>
<p>Adrenalina misturada com efeito de álcool é visto como condicionante</p>	<p><i>segundo deu-se, não sei fiquei com aquela ideia na cabeça, com aquela obsessão e não sei se é por causa da</i></p>	<p>Adrenalina e efeito de álcool são condicionantes do abuso</p>
<p>A intenção não era consumir o abuso, tentativa, missão Já tinha na cabeça</p>	<p><i>adrenalina ou também misturado com o álcool e que fez aquilo. Mas a minha intenção não era levar para frente, tipo só, hummm.... Não sei como explicar, uma tentativa, um... como missão... já, já tinha na cabeça</i></p>	<p>Intenção de tentativa Ideia de abuso permaneceu na sua cabeça</p>
<p>Efeito de álcool Consumo de álcool antes dos comportamentos violentos</p>	<p>Nesses dois acontecimentos que me está a descrever estava com algum tipo de substância no organismo? Estava com algum tipo de droga ou estava alcoolizado ou estava sóbrio?</p>	<p>Efeito de álcool</p>
<p>Não era planeado</p>	<p><i>Não, estava com álcool, já tinha bebido muitas garrafas de sangria e sempre quando fazíamos esse tipo de coisas, sempre bebíamos antes, depois</i></p>	<p>Não há premeditação /planeamento Promoção do abuso através do momento</p>

Comportamentos violentos em grupo, roubo, perseguição policial	<i>fazíamos, não era planeado nem nada, surgia de repente.</i>	Comportamentos violentos em grupo
Paragens	Esse tipo de coisas é o quê? <i>Esse tipo de comportamento violento, ou seja, já e tínhamos parado antes de acontecer isso e tínhamos parado de</i>	
Não participa no primeiro caso	<i>fazer, de roubar e de roubar e... depois, e depois de pararmos um mês já tínhamos perseguição de policia, parávamos um mês e no dia aconteceu</i>	Não participação no 1º abuso
Procura emprego e deixa de estudar aos 16 anos	<i>aquele primeiro caso, aquele primeiro caso que eu não participei e no segundo, e o segundo caso foi no ano,</i>	Desinvestimento escolar Tentativa de procura de trabalho
Ocupar a cabeça	<i>no que, que, que já tínhamos parado tudo para... já tinha procurado</i>	Trabalho visto como ocupação
Incapacidade de arranjar emprego	<i>emprego já tinha 16 anos e desisti de estudar e queria trabalhar para ocupar a cabeça e .. não, não conseguia</i>	Incapacidade de arranjar trabalho
Acontecimentos ocorridos em grupo	<i>arranjar emprego... foi assim...</i>	
O irmão não queria	Quando ocorrem esses dois acontecimentos esteve sempre em grupo?	União grupal. Acontecimentos ocorridos em grupo
Sujeito tenta		No segundo abuso: irmão não tem intenção Tentativa por parte do sujeito
Desaperta as calças da vítima Não percebe na altura	<i>Sim sim, sempre em grupo e no segundo fui eu e o meu irmão, mas o meu irmão não queria, nem viu-me a</i>	
Não consegue imaginar como fez aquilo Rápido	<i>fazer aquilo, só tapou a senhora na cara e eu tentei... desapertei a calça da senhora mas... na altura, na altura nem percebi, agora que já passou</i>	Incapacidade de compreensão na altura Incapacidade de imaginar o sucedido atualmente
Vítima dá luta e o sujeito desiste	<i>muito tempo nem consigo imaginar como é que eu fiz aquilo e tão rapido</i>	Rapidez Sujeito desiste após a defesa da vítima

<p>Não existe contacto sexual Não chega a tirar o órgão sexual Desaperta as calças da vítima</p>	<p><i>no espaço e no tempo, e depois, e ela... e... e... como é que eu vou dizer? Consegui dar luta e desisti, desisti, fui-me embora. Não sei se... acho que é um bocado isso</i></p> <p>Chegou a existir algum tipo de contacto sexual?</p>	<p>Incapacidade de realizar o ato sexual</p>
<p>Intenção</p>	<p><i>Nunca, nunca, nunca, nunca, nem cheguei a tirar o sexo ou a tocar-lhe, só desabotoei a calça</i></p>	<p>Intenção de cometer o abuso</p>
<p>Emoção, adrenalina,</p>	<p>Mas houve intenção de?</p>	<p>Emoção / Adrenalina</p>
<p>Fazer por fazer</p>	<p><i>Sim ,sim, houve... intenção mas... na mesma.... Não tinha fazer tal coisa mas... fui na emoção na adrenalina...</i></p>	<p>Banalização</p>
<p>Incapacidade de entender o sucedido na altura, agora entende um bocadinho</p>	<p><i>... não, a minha intenção naquela altura não era chegar mesmo até ao... só fazer por fazer, não, não, não consigo entender, hoje entendo um bocadinho assim mas na altura não conseguia entender mesmo</i></p>	<p>Incapacidade de compreender totalmente o sucedido</p>
<p>Não sente nada</p>	<p><i>entender, hoje entendo um bocadinho assim mas na altura não conseguia entender mesmo</i></p>	<p>Incapacidade de sentimentos Adrenalina</p>
<p>Adrenalina</p>	<p><i>entender mesmo</i></p>	<p>Incapacidade de ter ereção sexual</p>
<p>Não teve ereção</p>	<p>E como é que se sentiu no próprio ato?</p>	<p>Satisfação momentânea Momento tríade</p>
<p>Aproveitar o momento Momento seu, da vítima e do irmão</p>	<p><i>Não senti nada, não, não senti qualquer prazer, senti apenas adrenalina de estar a fazer aquilo mas não tive ereção nem nada, naquele momento queria, queria... queria aproveitar, era um momento meu, da</i></p>	<p>Revolta para consigo Ideia de si como nojento</p>
<p>Revoltado consigo mesmo após o abuso Pessoa nojenta</p>	<p><i>vitima e do meu irmão e nesse momento queria aproveitar, acho eu..</i></p>	<p>Capacidade de se colocar no lugar da vítima</p>
<p>Não consegue imaginar</p>	<p>E após o mesmo como é que se</p>	<p>Incapacidade de imaginar</p>

	sentiu?	
Levar com isso eternamente	<i>Apos o mesmo senti revoltado comigo mesmo e, e senti uma pessoa nojenta</i>	Marca na sua vida
Se pudesse voltava atras e pedia desculpa	<i>posso dizer ... ponho-me no lugar, no lugar da vitima e... tenho a minha mãe e tenho a minha irmã mais pequena e não consigo imaginar isso. É por isso</i>	Capacidade de autorreflexão
Arrependido	<i>que ás vezes... lido com isso mas, penso sempre nisso, tento ultrapassar e... passar uma borracha mas</i>	Arrependimento
Não consegue entender como foi tão cruel	<i>difícilmente... vou, vou levar com isso eternamente, eu, se, se, se pudesse</i>	Incapacidade de se rever
Não esperava fazer tal coisa	<i>voltava atras e pedia desculpa e não voltava a fazer aquilo e, arrependo-me</i>	Ideia grupal Efeito do álcool
Não sabe se foi por estar em grupo ou se pelo álcool	<i>muito hoje por isso ... e não consigo entender como fui assim tão cruel que eu nunca esperava fazer tal coisa, não se foi por causa de estar em grupo ou</i>	Não sabe o que despertou esse comportamento
Não sabe o que o levou a fazer isso	<i>estar em grupo ou por causa de já estar nessa situação, beber, não sei o</i>	
Indignado consigo mesmo pela prática cometida	<i>que me levou a fazer isso mas até hoje fico indignado comigo mesmo pelo tal ato que eu fiz e.. e... e... imagino</i>	Receio que a mãe seja mal tratada
Receio que a mãe seja mal tratada	<i>sempre a minha mãe, a minha mãe levanta-se sempre de manhã, de madrugada, imagine se um dia acontecer com ela isso, não consigo</i>	
Até aos 16 anos não apresenta comportamentos violentos	<i>mesmo, não consigo, e nunca fui educado para isso, e.... até aos 16 anos da minha idade, até aos 16 nunca fiz....</i>	
Diferenciação de culturas	<i>Sim, vim para aqui, até 15/16 nunca fiz</i>	

	<p><i>nenhum ato de maldição ou qualquer tipo de roubo, nunca, e tive ... o 9ºano, até ao 9ºano nunca tive faltas nada, tive sempre boa nota, nunca tive negativas e... vim para cá não sei se foi por causa da cultura, ou... por causa de aqui há mais dinheiro e.... na minha opinião acho que é por causa disso, aquela rejeição logo de ver outra cultura não.. não... não consigo adaptar-me ao mesmo</i></p>	
Ficou na cabeça	O que é que acha que despoletou naquele dia, no segundo acontecimento, porque foi no segundo acontecimento que tomou a iniciativa de abusar de alguém, o que é que acha que o despoletou naquele dia para ter essa predisposição, essa vontade?	Ideia de abuso permaneceu na sua cabeça
Brincadeira		Banalização
Ficou mesmo na cabeça		Ideia de abuso permaneceu na sua cabeça
Afastamento no 1ºabuso	<i>.... Posso dizer que, que, que fiz aquela ação ou ato porque ficou na cabeça, tanto de dizer, de dizer, de dizer, de dizer, “ah vamos violar, vamos violar”, de dizer na brincadeira ficou aquilo na minha cabeça depois do primeiro ato, ficou mesmo na cabeça e eu nunca, e... e.... nunca queria compartilhar com isso, sempre dizia aos meus amigos “não dizer isso, não dizer isso”, mas nunca pensava que ia fazer aquilo, mesmo naquele primeiro ato eu</i>	Afastamento no 1ºabuso
Maldade tão grande		Ideia de maldade grandiosa

Refere várias namoradas Vs. Uma namorada	<i>afastei-me já tirei a mala da senhora e afastei-me, e... e... mas não... não consigo até ainda o que levou... a fazer essa maldade tão, tão grande..</i>	Pouco investimento afetivo
Não é muito de se apaixonar	Acha que foi então aquela ideia do grupo que ficou dentro da sua cabeça?	Investimento em duas relações passadas
2 Pessoas de que gostou muito	<i>Sim, sim, na minha cabeça, sim</i>	Pouco investimento afetivo
Contacto de pouca duração	<i>senhora</i>	
	Que tipo de contacto sexual é que tinha antes do abuso? Ou seja, que tipo de intimidades e de relacionamentos é que tinha?	Pouco investimento afetivo
Refere que não se apega facilmente	<i>Tinha, tinha várias namoradas e ... tinha uma namorada, já estávamos há muito tempo juntos e eu não conseguia... ter mais que ficar com uma ou outra, tinha sempre outra...não sou muito de me apaixonar, mas já tive duas pessoas que eu gostei muito... de resto só tinha uma relação de, como eles dizem, curtir...e assim..</i>	Em relação quando tenta abusar da vítima
Refere que tinha namorada quando houve tentativa de abuso		Relacionamento de longa duração
Relacionamento de longa duração		
Separção dentro da cadeia		Separção após investimento noutra mulher
Investimento noutra mulher	Não é muito de se apaixonar, o que quer dizer com isso?	Ideia de excessividade da pena
Ideia de pena excessiva contribuí para separação	<i>Que não me apego muito às pessoas, facilmente, gosto que as coisas fluam...</i>	Desconhecimento do abuso por parte da namorada
Namorada não soube do abuso	Ok. E quando o abuso ocorreu, tinha alguém nessa altura?	
Conhecimento de roubos e de consumo de álcool	<i>Sim, sim, sim. Tinha a minha namorada... naquela altura já</i>	

	<p><i>estávamos... 3/4, 3 anos juntos, 3 anos juntos. E até aqui veio visitar-me mais dois anos e tal. separamo-nos. E já não temos mais nada, por causa daquela situação, ela soube que tive outra namorada e com... também, com a minha pena, um bocado excessiva também contribuiu para isso, para nos separarmos.</i></p>	
8 A quando inicia a vida sexual	<p>Ela soube do abuso na altura?</p> <p><i>Não, não soube, não soube. Ela sabia que eu, que eu fazia coisas erradas mas não tinha ideia se era aquilo. Tipo roubava as coisas, sabia que eu andava nas confusões com os meus colegas, sempre me dava conselhos, “F. vai estudar”, “vens a horas”, e isso... mas ela nunca soube a realidade da situação, sabia que às vezes bebia um bocado ...</i></p>	<p>Iniciação da vida sexual em criança</p>
Brincar		
Brincadeiras de mamã e papá		
	<p>Como é que descreve a sua primeira experiencia sexual?</p> <p><i>A minha experiencia sexual...</i></p>	<p>Atos sexuais infantilizados</p>
Sente-se culpado		
Vontade de pedir desculpa à vítima	<p>Que idade é que tinha?</p> <p><i>Isso foi já há muito tempo... era pequeno não me lembro assim, mas... cerca de 8/9 anos, 8 / 9 anos, sabes que na África, na África começamos a ter vida sexual cedo...</i></p>	<p>Culpa</p> <p>Redimir-se perante a vítima</p>
Jovem, imaturidade	<p>E recorda-se com quem foi?</p> <p><i>Anh? Sim! Sim, sim recordo. Com uma</i></p>	<p>Ideia de si como imaturo na altura do abuso</p> <p>Impossibilidade de colocar-se no lugar da vítima, de sentir a dor e o desespero no abuso</p>

<p>Impossível colocar-se no lugar da vítima Desespero e dor sentidos pela vítima</p>	<p><i>menina mais velha, um bocadinho mais velha. Aqueles tipo brincar assim... não foi bem um ato sexual, com 8 /9 anos não é um ato sexual.</i></p>	
<p>Visão da vítima sobre si como um monstro</p>	<p><i>Brincadeiras, tipo ... mamã, papá, esse tipo de brincadeiras, na escola e assim... brincadeira, brincadeira...</i></p>	
<p>Foi um monstro na altura</p>	<p>Como é que se vê a si, neste momento, e à vítima?</p>	<p>Ideia de monstro pela vítima</p>
<p>Monstro, pessoa nojenta</p>	<p><i>Neste momento... neste momento... sinto.... Sinto, culpado e... com vontade</i></p>	<p>Nojento</p>
<p>Não se sente como tal</p>	<p><i>de chegar ao pé da vítima e pedir desculpa, que naquela altura, naquela</i></p>	<p>Questiona-se pela razão do abuso</p>
<p>Porque fez aquilo?</p>	<p><i>altura foi, não foi erro, não, eu mesmo não fui eu. Na altura, não, não, não</i></p>	
<p>Levantar a cabeça, não vale a pena pensar, seguir em frente</p>	<p><i>pensei se calhar naquela altura e... era mais jovem e... mais imaturo e, e... e era impossível pôr, pôr, pôr-me no</i></p>	
<p>Levantar a cabeça, não vale a pena pensar, seguir em frente</p>	<p><i>lugar da vítima e, e, tentar sentir o desespero e a dor que ela sentiu com</i></p>	
<p>Levantar a cabeça, não vale a pena pensar, seguir em frente</p>	<p><i>aquilo que eu lhe fiz. E, e, penso naquilo que a vítima tem, tem me ideia</i></p>	
<p>Levantar a cabeça, não vale a pena pensar, seguir em frente</p>	<p><i>de mim que é um monstro. Que, que isso na verdade, eu fui, fui na altura,</i></p>	
<p>Levantar a cabeça, não vale a pena pensar, seguir em frente</p>	<p><i>mas não sou, fui na altura, mas não sou agora. Mas não sou aquilo que ela</i></p>	
<p>Levantar a cabeça, não vale a pena pensar, seguir em frente</p>	<p><i>pensa. Nesse momento ela tem uma imagem de mim, um monstro, uma</i></p>	
<p>Levantar a cabeça, não vale a pena pensar, seguir em frente</p>	<p><i>pessoa nojenta, e.. e eu mesmo sinto que não sou assim. E pessoas que me</i></p>	<p>Não é indiferente aos atos violentos</p>
<p>Atualmente não é</p>	<p><i>conhecem sabem que eu não sou</i></p>	

distante a atos violentos	<p><i>assim, que, que eu, que eu fiz aquilo e até hoje penso, “porque é que eu fiz aquilo?”.... “porque é que eu fiz aquilo?”....ainda fico mal nessa situação, às vezes mesmo fico a pensar, a pensar, mas digo não vale a pena, já, já, já fiz aquilo e agora só tenho que levantar a cabeça e...e, e, seguir e, e não tentar esquecer tudo, levar sempre comigo o que eu fiz no meu futuro, nos meus dias, dia-a-dia</i></p>	Violência doméstica do pai sobre a mãe
Presenciou violência doméstica	<p>Porque é que acha que é importante não esquecer tudo desse acontecimento?</p>	Não há culpabilização do pai Idealização da fig. Paterna
Não culpabiliza o pai	<p><i>Porque, porque, porque... é importante para quando vir uma situação dessas ou tentar ou.... Como é que eu vou dizer? Ver uma situação dessas e condenar isso, eu agora não consigo ver e passar e ver alguém a ser agredido ou algo desse género para não fazer nada se calhar na altura, se calhar na altura, passava e... passava e não olhava a nada mas agora... pondo-me na situação, já pass... já vivi e... vi a minha mãe a sofrer de violência doméstica, eu pequeno a ver isso.. e agora eu penso, se a minha mãe sofreu disso porque é que eu fiz aquilo?, porque é que eu fiz aquilo se não.... defendeu os outros, e eu a fazer o</i></p>	Crescimento com avos
Bom pai	<p><i>Porque, porque, porque... é importante para quando vir uma situação dessas ou tentar ou.... Como é que eu vou dizer? Ver uma situação dessas e condenar isso, eu agora não consigo ver e passar e ver alguém a ser agredido ou algo desse género para não fazer nada se calhar na altura, se calhar na altura, passava e... passava e não olhava a nada mas agora... pondo-me na situação, já pass... já vivi e... vi a minha mãe a sofrer de violência doméstica, eu pequeno a ver isso.. e agora eu penso, se a minha mãe sofreu disso porque é que eu fiz aquilo?, porque é que eu fiz aquilo se não.... defendeu os outros, e eu a fazer o</i></p>	Abandono dos pais
Crescimento com os avos	<p><i>Porque, porque, porque... é importante para quando vir uma situação dessas ou tentar ou.... Como é que eu vou dizer? Ver uma situação dessas e condenar isso, eu agora não consigo ver e passar e ver alguém a ser agredido ou algo desse género para não fazer nada se calhar na altura, se calhar na altura, passava e... passava e não olhava a nada mas agora... pondo-me na situação, já pass... já vivi e... vi a minha mãe a sofrer de violência doméstica, eu pequeno a ver isso.. e agora eu penso, se a minha mãe sofreu disso porque é que eu fiz aquilo?, porque é que eu fiz aquilo se não.... defendeu os outros, e eu a fazer o</i></p>	Questiona-se pela razão do abuso
Questiona-se porque cometeu o abuso	<p><i>Porque, porque, porque... é importante para quando vir uma situação dessas ou tentar ou.... Como é que eu vou dizer? Ver uma situação dessas e condenar isso, eu agora não consigo ver e passar e ver alguém a ser agredido ou algo desse género para não fazer nada se calhar na altura, se calhar na altura, passava e... passava e não olhava a nada mas agora... pondo-me na situação, já pass... já vivi e... vi a minha mãe a sofrer de violência doméstica, eu pequeno a ver isso.. e agora eu penso, se a minha mãe sofreu disso porque é que eu fiz aquilo?, porque é que eu fiz aquilo se não.... defendeu os outros, e eu a fazer o</i></p>	

mesmo que já passei, que já presenciei isso e muito. E pequeno tenho essa imagem mas... eu não culpo... culpo um pouco o meu pai, não culpo... esse tipo de atitude eu não gostava que... que... nele mas sentia que era um bom pai. E eu, e o meu pai, veio para Portugal me deixou pequeno e a minha mãe também veio e deixou-me com 12/13 anos e fiquei com os meus avós, fiquei com os meus avós, e... e... dai para cima comecei a mudar o meu comportamento porque a minha mãe e o meu pai..... tipo, tinham, sempre andavam em cima de nós para estudar, para...sempre a dar-nos conselhos para ser um homem de futuro, um homem com cabeça levantada, sempre... sempre para seguir aquele tipo de educação, mas até hoje... fico mesmo... “porque é que eu fiz aquilo?”, se já passei muitas vezes por essa situação, já vi... esses tipos de agressões, eu não consigo compreender quando... quando... e... dessa vez não consigo, não consigo mesmo...

Odio e raiva por si mesmo

Odio e raiva

Rapaz educado, humilde, prestável

Visão de si como educado, humilde e prestável

Acha que foi... acha que o facto de eles não continuarem consigo a partir dos 12 anos influenciou esse percurso de vida que estava a dizer, que eles

Desejo de redimir-se perante a vítima

<p>Vontade de pedir desculpa à vítima</p>	<p>sempre tentaram educa-lo e ensina-lo com estudos e essa preocupação de futuro. Acha que isso teve impacto?</p>	
<p>Falar o que sente com a mesma</p>	<p><i>Sim sim. Acho, acho, acho, eu tenho a certeza se, se, se, se tivesse com os meus pais até hoje, mesmo o meu pai, o meu pai morreu há pouco tempo, mesmo não fazia tal coisa, pensava... acho que teve um pouco de influência sobre isso...</i></p>	<p>Revolta</p>
<p>Revolta pela situação de agressão</p>	<p><i>mesmo não fazia tal coisa, pensava... acho que teve um pouco de influência sobre isso...</i></p>	<p>Pensar nos outros</p>
<p>Consequência boa após o abuso, pensar nos outros</p>	<p>Que ou quais as consequências ou marcas é que o abuso teve na sua vida?</p>	<p>Facilidade em passar ao ato</p>
<p>Fazia as coisas consoante as ideias que lhe vinham à cabeça</p>	<p><i>As consequências... e.... tipo.... Marcou a minha vida, humm.... Deixou uma marca profunda mesmo quando olho para mim, sinto um bocado de... não é nojo, um bocado de ódio, raiva por mim mesmo, porque não corresponde na... não corresponde na minha pessoa e, e... as pessoas que me conhecem... e todos sabem mesmo que eu sou, sou, sou um rapaz mesmo educado e ... e, e, dou bem com as pessoas e sou humilde, e tento ajudar sempre as pessoas, e... é assim... e.... e fico, e fico sempre com... aquela vontade de pedir desculpa mesmo à vitima..... De pedir à vítima desculpa, e para falar o que eu sinto, o que vai na alma, naquela altura que eu lhe fiz mal e até hoje a</i></p>	<p>Consciência da punição criminal, dos comportamentos</p>
<p>As pessoas têm que pagar pelos crimes</p>	<p><i>sempre com... aquela vontade de pedir desculpa mesmo à vitima..... De pedir à vítima desculpa, e para falar o que eu sinto, o que vai na alma, naquela altura que eu lhe fiz mal e até hoje a</i></p>	<p>Confissão</p>
<p>As pessoas têm que pagar pelos crimes</p>	<p><i>altura que eu lhe fiz mal e até hoje a</i></p>	<p>Ideia de si diferente pela cadeia</p>

Cadeia torna-o uma pessoa melhor, capaz de ajudar os outros

consequência é.... Fico, fico, fico um bocado revoltado de, com, ver uma situação de agressão, e... e... e também teve uma consequência boa na minha vida e passei a pensar, passei a pensar nos outros, e se calhar na altura pensava só, só no eu não havia muitas pessoas e fazia as coisas consoante... consoante ideias que vieram na minha cabeça, faço e agora não, agora para fazer uma coisa penso uma, duas, três

Não há investimento no olhar do outro, no pensamento do outro

Não leva nada a mal, Sabe o que é

vezes para fazer, para fazer qualquer coisa

Acha que dantes os outros tinham mais impacto nas suas ideias e nas suas ações é isso?

Confiança em si

Confiança em si

Sim, sim, sim, um bocado, um bocado, tinham.

Valor de si através do conhecimento com os outros

Como é que descreve o estar privado da liberdade por ter cometido este crime?

Na minha opinião, eu acho, eu acho, muito bem porque pessoas que cometem crime, estes tipos de crime ou qualquer tipo de crime têm que pagar. Qualquer tipo de pessoa, quem seja for, e... e eu estou a pagar por isso e... e, não, não, não fico com raiva de mim mesmo e agradeço todos os dias porque, agradeço todos os dias que estou cá porque fez-me tornar uma

pessoa melhor, uma pessoa capaz de ajudar qualquer pessoa com dificuldades de fazer algo...

Como é que acha que os outros olham para si, sabendo deste tipo de crime?

Os outros reclusos, aqui no contexto prisional.

Eu não sei se eles sabem mas tenho a certeza que muitos sabem e porque tenho outros amigos noutra cadeia que sabem, eu não levo a mal nada, porque eu sei quem sou e por... e tenho mais ou menos ideia ou não a cerca do que eu fiz e tem alguém a olhar para mim e não ligo a isso, porque tenho confiança em mim, sou quem sou, e, e, a pessoa, as pessoas vão-me conhecendo e reconhecem o meu valor, o meu eu.

Obrigada!

De nada. De nada. Obrigada eu.

3. Entrevista P3 – Duração 8 min.

Comentários	Entrevista transcrita	Significado psicológico
Algo mau Noção de ter causado sofrimento no outro Arrependido pelo ato	Como é que descreve a sua experiência de Abuso Sexual? <i>Má. Fiz muito mal aquela rapariga. Estou arrependido do que eu fiz... nunca mais vou voltar a fazer isso</i>	Ideia de algo mau Noção de ter causado sofrimento na vítima Arrependimento

Vítima menor Não teve cabeça	Qual foi o tipo de comportamento que teve no abuso? <i>Muito mau... uma menor, não tive cabeça naquilo que eu fiz</i>	Vítima menor Pouca consciência no ato
Não se recorda do seu comportamento	Ela era menor é isso? <i>Sim</i>	Incapacidade de recordar o seu comportamento
Sentiu-se mal	Mas recorda-se como é que agiu? <i>Ai não não</i>	Sentiu-se mal
Incapacidade de distinguir o bem do mal	Como se sentiu no ato sexual? <i>Mal porque abusei de uma pessoa que me era não sei explicar, não distingi se era bem ou mal</i>	Incapacidade de distinguir o bem do mal
Não sentiu nada	Mas teve algum sentimento no ato sexual? Sentiu alguma coisa? <i>Não não não não</i>	Incapacidade de sentir
Arrependimento	Não sentiu nada? <i>Não nada</i>	
Não se faz	E após o ato sexual como é que se sentiu? <i>Arrependido, porque era uma menor e eu arrependi-me. E isso não se faz</i>	Arrependimento após ato sexual Ideia de errado
Não se faz porque é menor Crime que muitas pessoas praticam	E porque é que não se faz? <i>Porque é menor e é um crime que, que muita gente pratica</i>	Vítima menor é explicação para não se cometer Noção de crime comum a muitos sujeitos
Noção de crime comum	Porque é que acha que é um crime que muita gente pratica? <i>Eu acho, por mim eu acho. Por mim eu estou a achar que é um crime que toda agente pratica</i>	Noção de crime comum a muitos sujeitos
	Que tipo de contacto sexual é que tinha anterior ao abuso? Ou seja, que tipo de	

	<p>intimidades e de relacionamentos é que tinha antes de abusar dessa rapariga?</p> <p><i>Nenhuns</i></p> <p>Nenhuns? Nunca teve nenhum tipo de contato ou de relação com alguma rapariga?</p> <p><i>Ah isso já tive, isso já tive</i></p>	
<p>“ela era muito chata” Traição na relação anterior</p>	<p>Pode-me falar um bocadinho sobre isso?</p> <p><i>Mas ela era muito coiso, ela era muito chata, traia-me com outros rapazes, ia à discoteca com outros rapazes</i></p>	<p>Ideia da companheira como chata Traição no relacionamento</p>
<p>Boas intimidades</p>	<p>E como é que era o tipo de relacionamento e de intimidades que tinha com essa rapariga?</p> <p><i>Eram bons</i></p>	<p>Boas intimidades</p>
<p>Não tinha comportamentos agressivos para com a companheira</p>	<p>Recorda-se se alguma vez foi agressivo ou tentou ter algum tipo de relação sexual com ela que ela não quisesse ter tido?</p> <p><i>Não não não</i></p>	<p>Não tinha comportamentos agressivos para com a companheira</p>
<p>Relações sexuais boas</p> <p>“ela fazia tudo o que eu pedia”</p>	<p>E então como eram essas relações sexuais com ela?</p> <p><i>Eram boas... ela fazia tudo o que eu pedia</i></p> <p>Não percebi, ela?</p> <p><i>Ela fazia tudo o que eu pedia</i></p>	<p>Relações sexuais descritas como boas Submissão por parte da companheira</p>
<p>Atividade sexual inicia-se aos 17 anos</p>	<p>Como é que descreve a sua 1ª experiencia sexual?</p> <p><i>Bom</i></p> <p>Recorda-se que idade tinha?</p> <p><i>Dezassete</i></p> <p>Dezassete anos?</p>	<p>1ªrelação sexual descrita como boa</p> <p>Atividade sexual inicia-se aos 17 anos</p>

<p>“foi bom... para aliviar o stress”</p>	<p>E recorda-se com quem foi?</p> <p><i>Recordo-me! Mas foi bom, foi bom..... para aliviar o stress</i></p> <p>Para aliviar o stress, o que quer dizer com isso?</p> <p><i>(Risos) humm nada</i></p> <p>Neste momento como é que se vê a si e à vítima?</p>	<p>Atividade sexual vista como descarga de tensão</p>
<p>Noção de que o comportamento abusivo não se faz Ideia de futuro</p> <p>Mudar a vida</p>	<p><i>Mal porque eu violei ela e isso não se faz e quando voltar a sair nunca mais vou fazer nada disso. Trabalhar, arranjar um trabalho, mudar a minha vida</i></p> <p>Que ou quais são as marcas e consequências que este abuso trouxe à sua vida?</p>	<p>Noção do comportamento abusivo como algo mau Ideia de futuro</p>
<p>Mágoas Prisão como consequência do seu comportamento</p>	<p><i>Mágoas, porque se eu não fizesse isso eu não estava aqui</i></p> <p>Como é que descreve o estar privado de liberdade por este tipo de crime?</p> <p><i>Mau</i></p> <p>Como é que se sente ao estar preso por ter cometido um abuso sexual? Ou seja, como é que se sente dentro do sistema prisional?</p>	<p>Mágoas Prisão como consequência do seu comportamento</p>
<p>Sente-se mal por outros reclusos o chamarem violador</p>	<p><i>Mal porque chamam-me todos violador</i></p> <p>Sente que os outros reclusos têm um comportamento para consigo diferente é isso?</p> <p><i>Sim sim</i></p> <p>Pode-me falar um bocadinho melhor sobre isso ?</p>	<p>Ideia de si pelos reclusos</p>

<p>Não admite o seu comportamento a outros sujeitos</p>	<p><i>Porque quando eu estou no pátio eles passam por mim e: “tão violaste a miúda né?” e eu digo: “népia” e eles dizem: “não violaste o quê? Violaste sim agente já sabe, só que agente não faz mal a ti porque tu tens problemas”</i></p>	<p>Incapacidade de admitir o seu comportamento a outros</p>
<p>Mal, péssimo Nunca pensou em cometer o abuso Más companhias como visão do seu mal</p>	<p>Como é que se sente quando eles lhe chamam violador?</p> <p><i>Mal, péssimo, uma pessoa que nunca fez isso, nunca pensei em fazer isso. Também andava com más companhias. As más companhias é que foram o meu mal</i></p>	<p>Mal péssimo com a conceção de violador</p> <p>Grupo de pares responsabilizado pela consequência atual</p>
<p>Ideia de que os outros o levaram a ter este tipo de comportamento</p>	<p>Acha que foram as más companhias que o levaram a ter esse comportamento?</p> <p><i>Sim, se não, não estava aqui. A esta hora não estava aqui a falar consigo</i></p> <p>Pode-me explicar um bocadinho melhor isso?</p> <p><i>Porque a esta hora não estava aqui a falar consigo</i></p>	
<p>Comportamentos agressivos e disruptivos com terceiros</p>	<p>Sim, mas porque é que acha que foram as más companhias que o levaram a cometer o abuso sexual?</p> <p><i>Porque a gente só fazíamos porcarias, merda, roubávamos pessoas, batíamos a pessoas, roubávamos deficientes, roubávamos tudo, tudo o que houvesse para roubar agente roubava</i></p>	<p>Comportamentos disruptivos e agressivos com grupo de pares</p>
<p>Sozinho quando comete o abuso Ressaca de haxixe e tabaco levam à pratica</p>	<p>Mas quando cometeu o abuso sexual estava sozinho?</p> <p><i>Estava, não tinha ganza estava a</i></p>	<p>Abuso sexual cometido sozinho</p> <p>Ressaca de droga e</p>

abusiva	<i>ressacar, não tinha nada estava a ressacar, não tinha cigarros não tinha ganza estava a ressacar... foi por isso que eu fiz isso</i>	tabaco como consequência do seu comportamento
Não ter droga levou-o no seu entender a cometer o abuso	Por causa da ressaca do haxixe? <i>Sim</i> Acha que foi o facto de não ter droga que o levou a ter este comportamento? <i>Sim sim</i>	
	Obrigada! <i>De nada</i>	

4. Entrevista P4 – Duração 20 min.

Comentários	Entrevista Transcrita	Significado Psicológico
Indiferente para o sujeito	Como é que descreve a sua experiência de Abuso Sexual? <i>Experiencia sobre o crime? Ou sobre...aquela experiencia sexual se eu gostei ou não gostei se... eu acho que aquilo foi, foi indiferente.. para mim porque aquilo foi num dia de</i>	Indiferença
Dia de loucura Álcool, haxixe	<i>prontos assim de loucura e coiso e depois... estava com álcool e haxixe na cabeça e ... aquilo foi uma noite</i>	Loucura Consumos de álcool e haxixe
Sexo banal	<i>assim que ... por isso não, não, prontos aquele sexo foi tipo banal</i>	Banalização do ato sexual
De noite	Foi de noite? <i>Foi</i>	Abuso ocorre de noite
	E recorda-se de onde estava? <i>Recordo...</i>	

<p>Convite por parte do amigo</p> <p>Planeamento anterior à chegada da vítima</p>	<p>E é capaz de me falar um bocadinho sobre isso?</p> <p><i>Sobre essa noite? Recordo-me que ainda era de dia quando tipo o meu amigo resolveu, tipo convidar essa rapariga para vir ter com ele. Ya depois estava com ele, depois passado</i></p>	<p>Planeamento</p>
<p>Local não público</p>	<p><i>um bocado afastei-me dele, depois fui ter com ele outra vez e... e depois ele levou a rapariga lá a esse tal sítio</i></p> <p>Esse sitio era um espaço publico era o quê?</p>	
<p>Arrecadação</p>	<p><i>Não era um terraço, é como se fosse uma arrecadação, né?</i></p> <p><i>E depois eu apareci lá depois eu e ele tivemos relações com a rapariga,</i></p>	<p>Abuso ocorre num local privado</p>
<p>Sexo anal, vaginal, oral,</p> <p>Apareceram outros indivíduos para ter sexo com a vitima, para além dos dois sujeitos</p>	<p><i>anal, vaginal, oral e depois apareceram esses indivíduos também tiveram relações com ela. Ela não reagiu, não disse que não, não disse que sim, não disse nada.. e depois olha... não sei o que é que me deu, vi o telefone dela dentro da mala e</i></p>	<p>Sexo anal, oral e vaginal</p> <p>Abuso em grupo</p> <p>Vítima não reage</p>
<p>Apanha o telefone da vítima</p>	<p><i>apanhei o telefone. E depois ainda descemos com ela do prédio, ainda lhe acompanhamos até à paragem e depois é que ela disse: “olha o meu telefone está onde?” eu disse olha ninguém sabe onde é que está, afinal eu é que tinha. E depois olha ela ainda veio, voltou para trás outra vez a</i></p>	<p>Roubo</p>
<p>Disse que não sabia do telefone mas tinha-o em sua posse</p>		

<p>Vítima apresenta queixa</p>	<p><i>perguntar pelo telefone, nós dissemos que não sabíamos, não sabíamos, depois ela foi-se embora. Foi-se embora e foi direta à esquadra apresentar queixa.</i></p>	<p>Vítima apresenta queixa na esquadra</p>
<p>Não tinha conhecimento que outros sujeitos iriam aparecer “não tenho nada a ver com isso”</p>	<p>Quando diz que apareceram outros sujeitos nesse terraço isso foi uma coisa que vocês já tinham planeada, aparecer outras pessoas ou não?</p> <p><i>Pelo menos o que estava comigo não tinha dito nada, não sabia que os outros iam vir, vieram. Também olha não sei, não tenho nada a ver com isso. Apareceram ya, tiveram relações com ela também</i></p>	<p>Desconhecimento de outros indivíduos no local</p> <p>Desapego à situação</p>
<p>Sítio fechado</p>	<p>Quando as outras pessoas apareceram já tinha praticado o ato sexual?</p> <p><i>Já</i></p> <p>Quando se refere ao sítio, o sítio em si era fechado? A vítima em si não consiga sair dali é isso?</p>	<p>Local isolado</p>
<p>“ela não saiu dali porque não quis”</p>	<p><i>Sim, sim.</i></p> <p><i>Não, não era fechado tinha duas portas, de um lado e do outro. Ela não saiu dali porque não quis.</i></p>	<p>Desvalorização da vítima</p>
<p>Rebeldia Não sabe porque fez sexo com ela, não é do seu tipo</p>	<p>Como se sentiu no próprio ato sexual? O que é que sentiu naquele momento?</p> <p><i>Eu acho que aquilo era mais ahh... como é que eu posso-lhe explicar?</i></p>	<p>Rebeldia</p> <p>Incapacidade de se identificar com a vítima</p>

<p>“só sei que naquele dia quis ter sexo com ela”</p>	<p><i>Mais rebeldia e sei lá, não sei... tipo eu não sei porque é que eu fiz sexo com ela, nem.. nem é uma rapariga do meu tipo, não sei pa não sei o que é</i></p>	<p>Intenção de ter sexo com a vítima Intenção grupal</p>
<p>Não sabe explicar o porquê</p>	<p><i>que se passou, só sei que naquele dia quis ter sexo com ela, o meu amigo também, tivemos sexo com ela... pois, agora explicar porquê não sei, não sei...</i></p>	<p>Incapacidade de explicar a razão do sucedido</p>
<p>Desvalorização da rapariga “não é propriamente bonita”</p>	<p>Não é uma rapariga do seu tipo, o que é que quer dizer com isso? <i>Não.</i> <i>Era uma rapariga forte, assim um bocadinho forte, não era propriamente bonita e prontos não é do meu tipo, tipo assim</i></p>	<p>Desvalorização da vítima Incapacidade de se identificar com a vítima</p>
<p>Não sente nada, foi normal para o sujeito</p>	<p>Portanto a beleza da figura feminina era um indicador de mulheres para si..</p>	<p>Beleza feminina fator de atratividade Incapacidade de sentimentos Normalidade</p>
<p>“como se não tivesse acontecido nada”</p>	<p><i>Sim</i> E após o mesmo como é que se sentiu? Teve algum tipo de sentimentos? <i>Como eu disse não senti nada..aquilo foi uma coisa assim normal para mim</i> Normal? <i>Normal, como se tivesse, epah como se não tivesse acontecido nada</i> Que tipo de contacto sexual é que tinha antes do abuso? Ou seja, que tipo de intimidades e de</p>	<p>Banalização do abuso</p>

<p>Relacionamentos normais</p> <p>Relações sexuais sempre</p>	<p>relacionamentos é que tinha?</p> <p><i>Nenhum, nenhum</i></p> <p>Nenhum? Nunca teve nenhum relacionamento com ninguém?</p> <p><i>Ahh! Sexual com outras pessoas?</i></p> <p><i>Sim</i></p> <p>Pode-me explicar um bocadinho sobre isso? Quando eu digo que tipo de intimidades, é que tipo de relacionamentos é que teve durante a sua vida e que tipo de intimidades é que tinha nesses relacionamentos.</p> <p><i>Tipo relacionamentos normais com algumas raparigas, uns que duraram mais tempo, outros menos. Relações sexuais sempre!</i></p>	<p>Visão de normalidade dos relacionamentos passados</p> <p>Investimento em relações sexuais</p>
<p>Normais</p>	<p>Como é que eram essas relações sexuais?</p> <p><i>Co... normais! Quando ela queria, quando eu queria</i></p> <p>Recorda-se se alguma vez exerceu algum tipo de comportamento que fosse mais forçoso? Tanto nas relações mais curtas ou nas mais longas</p> <p><i>Não, que eu saiba não.</i></p>	<p>Visão de normalidade das relações sexuais</p> <p>1ªExperiência de Abuso no crime cometido</p> <p>Incapacidade de compreender o sucedido</p>
<p>Não consegue perceber porque cometeu o abuso</p> <p>“ainda por cima não era uma rapariga do meu género”</p>	<p>Portanto este comportamento que teve com os seus amigos foi a primeira vez?</p> <p><i>Foi só naquele dia!</i></p> <p><i>Sim. Foi só mesmo naquele dia. Ate</i></p>	<p>Incapacidade de se identificar com a vítima</p> <p>Incapacidade de compreender o sucedido</p>

<p>“tinha entrado dentro de mim”</p>	<p><i>hoje não consigo perceber porque é que eu fiz aquilo não consigo perceber mesmo, às vezes fico na cela a pensar tipo, porque é que eu fiz aquilo? Ainda por cima não era uma rapariga do meu género nem nada, não sei, não sei mesmo, parecia que.. tipo que alguma coisa, tipo tinha entrado dentro de mim e... não sei, se calhar a Senhora não acredita nessas coisas mas eu acredito mais ou menos...</i></p> <p><i>Não sei explicar</i></p>	<p>Crença em algo superior que o dominou</p> <p>Incapacidade de explicar</p>
<p>Intimidades como saudáveis</p>	<p>Quando diz que alguma coisa entrou dentro de si, era como se não fosse você próprio?</p> <p><i>Sim, sim</i></p> <p>Como é que vê a intimidade sexual das suas outras relações? Quando olha para trás e vê os relacionamentos que teve, como é que ve essa intimidade que tinha com as mulheres?</p>	<p>Visão da intimidade como saudável</p> <p>Normalidade</p>
<p>Influência do álcool e drogas</p>	<p><i>Como é que eu vejo? Como uma coisa boa, saudável, dos jovens né? Uma coisa normal</i></p>	<p>Influência de álcool e drogas</p>
<p>“eu fiz aquilo tipo assim do nada” “alguma coisa me levou até ali”</p>	<p>Sente que naquele dia houve algum condicionante que despertou ter aquele comportamento? Ou seja, se sente que houve alguma coisa em si que o levou a ter aquele comportamento</p>	<p>Banalização do ato</p> <p>Crença em algo superior que o dominou</p>
<p>“depois fui à minha</p>		<p>Banalização do ato</p>

<p>vida”</p> <p>Não se recorda da 1ª experiência sexual</p>	<p><i>Eu sinto que houve uma coisa que me levou a ter, primeiro eu sei que tipo o álcool desinibe e influencia e depois a droga também a mesma coisa e depois com os dois ao mesmo tempo...</i></p>	<p>Incapacidade de recordar a 1ª experiência sexual</p>
<p>Brincadeiras atrevidas</p>	<p><i>e depois é como eu lhe estou a dizer eu fiz aquilo tipo assim do nada, tipo alguma coisa me levou até ali e aquilo aconteceu e... depois eu fui à minha vida, depois ela apresentou queixa</i></p> <p>Como é que descreve a sua 1ª experiência sexual?</p> <p>.....</p>	<p>Atos sexuais infantilizados</p>
<p>Beijinhos e coisas assim</p>	<p><i>Eu acho que eu não me recordo..... Porque eu quando era miúdo, antes de ter relações sexuais já brincávamos assim... brincadeiras atrevidas mas tipo sem ter relações mesmo, tá a perceber? Agora a minha primeira vez que eu tive relações mesmo...</i></p>	<p>Atos sexuais infantilizados</p> <p>Incapacidade de se recordar da 1ª experiência sexual</p>
<p>8/9 anos inicia a sua vida sexual</p>	<p>Sem ter relações mesmo o que quer dizer é sem coito vaginal é isso?</p> <p><i>É beijinhos... sim sim sim</i></p> <p><i>Beijinhos e coisas assim mais.... Eu acho que eu não me lembro... a primeira vez... não me lembro!</i></p> <p>Nem se recorda mais ou menos com que idade é que isso aconteceu?</p> <p><i>Eu acho que foi aos 8 ou 9 anos, para aí...</i></p> <p>E recorda-se de onde estava?</p>	<p>Iniciação da vida sexual em criança</p> <p>Incapacidade de se recordar da 1ª experiência sexual</p>

<p>Visão de atitude errada, negligente,</p>	<p><i>Se eu não me lembro da primeira vez... hummmm... calma aí deixa-me recuar no tempo, quando eu estava na primária.. eu acho que foi no 4º ano, primeira vez mesmo, epah não me lembro, não me lembro, não me lembro</i></p>	<p>Visão de atitude errada Negligente</p>
<p>“nem perguntei nada” “ela também não disse que não”</p>	<p>Mas tem uma vaga ideia que foi entre os 8 e os 9 anos é isso? <i>Sim, para aí sim.</i></p>	<p>Desvalorização da vítima</p>
<p>Pena da vítima</p>	<p>Neste momento como é que se vê a si e à vítima olhando para trás?</p>	<p>Pena da vítima</p>
<p>Ao mesmo tempo raiva</p>	<p><i>Olha... a mim? Olha me vejo vejo que naquele dia eu tive uma atitude muito errada, muito... como é que se diz? Muito negligente, muito... pá tive</i></p>	<p>Raiva da vítima Desvalorização da vítima</p>
<p>“ela não disse nada”</p>	<p><i>uma atitude mesmo errada, mesmo, nem sequer... cheguei, nem perguntei</i></p>	<p>Roubo</p>
<p>Roubou-lhe o telefone</p>	<p><i>nem nada, tipo... ya ela também não disse que não e foi... pa não sei.. puf...</i></p>	<p>Ódio e raiva sentidos pela vítima</p>
<p>Vitima cria ódio e raiva</p>	<p><i>e a ela, olha a ela tenho pena prontos, tenho pena dela.... Só que ao mesmo tempo tenho raiva dela porque ela se não quisesse nada dizia mas ela não disse nada. E depois eu lhe roubei o telefone, pelo que eu percebi quando eu lhe roubei o telefone ai é que ela</i></p>	<p>Incapacidade de se recordar se o amigo já tinha iniciado as relações sexuais com a vítima</p>
<p>Incapacidade de se recordar se o amigo já estaria a ter relações com a vítima</p>	<p><i>criou odio não sei qualquer coisa, ficou com raiva naquele momento e foi logo à esquadra</i></p>	<p></p>
<p></p>	<p>Mas quando diz que chegou e não</p>	<p></p>

<p>“é porque não me fez diferença nenhuma”</p>	<p>lhe disse nada é porque chegou ao tal sitio, nem sequer a abordou e começou logo a pratica sexual é isso?</p>	<p>Banalização do ato sexual</p>
<p>Raiva da vítima porque ela não disse que não,</p>	<p><i>Não, que eu me lembro o meu amigo já estava a ter relações, eu entrei também, epá e também tipo.....</i></p> <p><i>Não estou-me a lembrar se eu lhe disse alguma coisa ou se o meu amigo tipo lhe perguntou: então e ele? Ela também não... acho que foi uma coisa assim, tipo é como eu lhe estou a dizer tipo aquilo para eu não me lembrar é porque não me fez diferença nenhuma tá a perceber? Ya tipo acho que ele lhe perguntou: então e ele nada? E ela acho que fez assim ou qualquer coisa assim. Depois começamos, comecei-lhe a pegar, comecei a tocar e aquilo aconteceu</i></p>	<p>Visão de aceitação do ato sexual</p>
<p>Ideia de que nenhum dos elementos a força</p>	<p>Quando diz que ela lhe desperta raiva, porque é que sente isso em relação a ela?</p>	<p>Raiva direcionada à vítima</p>
<p>O prazer é visto pelo sujeito como aceitação do sucedido</p>	<p><i>Raiva, então raiva porque ela não disse que não, ela podia simplesmente dizer não quero, porque ninguém lhe pegou assim nem nada dessas coisas, tipo não disse nada ya ... Acha que se ela tivesse dito que não e estava a ter prazer! Pelo menos parecia. Não, não demonstrou, não chorou, não gritou, não disse ai larguem-me, não</i></p>	<p>Desvalorização da vítima</p>
<p>A não reação da vítima cria no sujeito ideia de aceitação</p>	<p><i>Raiva, então raiva porque ela não disse que não, ela podia simplesmente dizer não quero, porque ninguém lhe pegou assim nem nada dessas coisas, tipo não disse nada ya ... Acha que se ela tivesse dito que não e estava a ter prazer! Pelo menos parecia. Não, não demonstrou, não chorou, não gritou, não disse ai larguem-me, não</i></p>	<p>Desvalorização do acontecimento</p>
		<p>Visão de prazer em relação à vítima</p>
		<p>Ideia de aceitação pela não reação por parte da vítima</p>

<p>Abuso muda completamente a sua vida, acha que nunca mais foi o mesmo</p>	<p><i>disse nada disso, estava ali</i></p> <p>Acha que se ela tivesse pedido para a largarem ou qualquer coisa do gênero...</p> <p><i>Eu largava!</i></p> <p>Toda agente daquele sítio a largava?</p>	<p>Mudança total da sua vida</p> <p>Visão de si como diferente</p> <p>Visão do crime como difícil</p>
<p>Não é fácil</p>	<p><i>Acho que sim, eu pelo menos sim, eu acho que sim,</i></p>	<p>Foco no pensamento dos outros</p>
<p>“foi só uma vez”</p>	<p>Neste momento quais é que acha que são as marcas ou as consequências que esse abuso trouxe para a sua vida?</p>	<p>Ideia de quem o conhece sabe que não é assim</p> <p>Promoção através do momento</p>
<p>Ideia de quem não o conhece incomoda o que possam pensar</p>	<p><i>Mudou completamente a minha vida, porque desde esse dia eu acho que nunca mais fui o mesmo... ya, como você deve saber ter um crime desses não é nada fácil e depois saber tipo, tipo o que é que as outras pessoas vão</i></p>	<p>Incomodo</p> <p>Visão do crime como difícil</p>
<p>Tem consciência do sucedido em tribunal</p>	<p><i>pensar, porque, porque quem me conhece sabe que eu fiz aquilo mas sabe que eu não sou assim, sabe que</i></p>	<p>Consciencialização do cometido em tribunal</p>
<p>“vou ser preso por causa de uma cena destas”</p>	<p><i>aquilo foi só uma vez, foi só naquele dia e foi só naquela circunstância. Agora quem não me conhece pensa, não sei o que é que pensa e isso incomoda, normal né? Esse crime não é nada, não é uma coisa fácil, né? E depois quando eu fui a tribunal, quando eu vi o tempo que eu podia ficar preso, aí mesmo é que eu tipo, cáí mesmo em mim, disse fogo o que</i></p>	<p>Banalização do ato</p>

**“aqui não se deve contar muita coisa”
Não conhece as pessoas dentro do contexto prisional**

é que aconteceu assim do nada, prontos vou ser preso por causa de uma cena destas ya, eu tinha quê 17 anos na altura, ainda tinha outros processos por isso eu já sabia quando vinha preso tinha que ser tipo mais de 10 anos para a frente

Quando diz que foi a tribunal e caiu em si, o que quer dizer é que só em tribunal é que teve consciência daquilo que aconteceu é isso?

Humhum

Como é que descreve estar privado da liberdade por este crime? Ou seja, como é que acha que os outros olham para si dentro do contexto prisional?

Como é que eu acho? Que eu saiba um ou outro é que sabe esse meu crime porque aqui, aqui não se deve contar muita coisa da vida porque aqui agente não conhece as pessoa, agente pode estar preso no mesmo sitio mas agente não sabe. Aqueles que me conhecem, tipo é normal, é logo aquele choque mas prontos, tenho que lidar com isso né? Tipo aquelas, eu tenho uma pessoa, quer dizer mais uma pessoa que estava comigo nesse crime que está aqui também e tem outras que não e...

Necessidade de não contar o cometido em contexto prisional

Visão dos outros como desconhecidos

Necessidade de ninguém saber o sucedido

Ideia de que os outros o olham

Necessidade de não conhecimento por parte dos outros reclusos

“eu não sou uma pessoa que costuma fazer isso”

*aquelas que não, tipo ficam naquela
ya aquilo aconteceu uma vez e
prontos olham-me normal, tratam-me
normal e falam comigo normal, os
outros tipo não sabem não se passa
nada*

Não identificação ao crime cometido

“não estou para ouvir”

Acha que para este tipo de crime é necessário que os reclusos não o digam?

Incapacidade de ouvir comentários acerca do abuso

*Óbvio! Porque quem me conhece...
tipo eu posso dizer a quem me
conhece porque aí tipo a pessoa vai
pensar epá não, epá aquilo aconteceu
independentemente tipo de ter
acontecido ou não sabe que, tipo que
aquilo aconteceu ali, tipo que eu não
sou uma pessoa que costuma fazer
isso tá a perceber? E quem não me
conhece tipo imagina o que quiser, e
depois para não ter problemas aí,
porque eu não estou para estar a
ouvir tipo ou bocas ou qualquer coisa
assim porque aí eu não vou papar
ninguém me chamar seja o que for
sem me conhecer tá a perceber? É
normal que tem de haver o silêncio*

Não se sente julgado por conhecidos
Acontecimento único

Pessoas que o conhecem não o julgam porque sabem que só aconteceu uma vez

Para se salvaguardar?

Sim

Ideia de que os outros (que não o conhecem) pensam que os sujeitos forçaram a vítima

Difere muitas vezes ao longo da entrevista quem o conhece de quem não o conhece, o que é que acha que

Ideia de força exercida por desconhecidos

	<p>é a grande diferença das pessoas que o conhecem para as pessoas que não o conhecem?</p> <p><i>Porque as pessoas que me conhecem sabem que eu tenho um crime dessa natureza mas não me julgam porque sabem que aquilo só aconteceu naquele dia, naquelas circunstâncias, porque quem sabe eu já contei como aquilo aconteceu e a pessoa sabe como é que, agora outras pessoas não sabem como é que aquilo aconteceu é normal, podem pensar que aquilo foi uma coisa forçada, que nós pegamos nela, que amarramos ou qualquer coisa assim e podem-me julgar por causa disso e é normal que eu não diga nada</i></p> <p>E o que é que acha que há de si para essas pessoas não o julgarem?</p> <p><i>Porque essas pessoas sabem que nunca me faltou mulheres ou namoradas e sabem que para eu fazer aquilo eu tinha que ter tipo necessidade ou qualquer coisa assim ou não sei ou uma parafilia qualquer. Se eu nunca tive até aquele dia e depois daquele dia até hoje é porque eu não sou, não fiz aquilo intencionalmente, tipo consciente daquilo que estava a fazer. E quem</i></p>	
<p>Nunca lhe faltou mulheres</p> <p>“eu para fazer aquilo eu tinha que ter tipo necessidade”</p>		<p>Narcisismo Investimento na figura feminina</p> <p>Necessidade para cometer o ato</p> <p>Parafilia</p>
<p>“Não fiz aquilo intencionalmente”</p>		<p>Não há intencionalidade</p>
<p>“quem me conhece sabe que eu nunca precisei de fazer nada disso”</p> <p>“tenho as minhas parceiras quando quisesse alguma coisa fazia”</p>		<p>Ideia de muitas mulheres Narcisismo</p>
<p>Tinha companheira quando ocorre o abuso</p>		<p>Tinha companheira quando ocorre o abuso</p>
<p>Choque inicial por parte da namorada Continuam a relação</p>		<p>Choque inicial por parte da namorada Continuação da relação</p>
<p>Ideia de abuso como traição</p>		<p>Ideia de traição</p>

**“Gostava muito de mim e eu gostava muito dela”
“aquilo superou tudo”**

me conhece sabe que eu nunca precisei de fazer nada disso que eu tenho as minhas parceiras quando quisesse alguma coisa fazia

Investimento afetivo na namorada

Visão de superação do sucedido

E quando isso aconteceu tinha alguém? Tinha alguma companheira?

Tinha

E como é que isso influenciou a relação com a companheira?

Como é que isso influenciou? Claro que ela ficou chocada no início mas depois até teve comigo

Portanto, a relação continuou após o abuso?

Sim, ela ficou chateada porque aquilo aconteceu quando eu estava com ela, como se fosse uma traição, mas depois como ela gostava muito de mim e eu gostava muito dela ya, aquilo superou tudo

A relação?

Sim

Obrigada!

5. Doc. Escrito P1

Notas	Texto Escrito pelo Sujeito	Significados Psicológicos
	Esta é a minha história de vida, acabada no crime.	
Feliz, Isolado, Sozinho	Sempre me achei um rapaz feliz com pouco, sem muitos amigos, só	Solidão Isolamento Idealização

**Valorização da Beleza,
audácia e poder**

eu, a minha vida e um sonho de ser professor de Equitação... Sempre gostei da ideia de ensinar outras pessoas que os cavalos são animais belos, audazes e com grande representação de atitude e poder.

Tinha uma família, uma mãe que jamais poderia ser substituída e um pai perfeito, atencioso e presente.

Idealização da Família
Idealização das figuras parentais

**Visão de si idealizada,
Galã para as raparigas,
Inspiração para os rapazes**

Na escola era bem visto, como um galã para as raparigas, respeitado e exibicionista. Para os rapazes era quase como uma inspiração, amigo irmão, era como me sentia para todos, uma bela infância que qualquer miúdo pode desejar, mas como a vida tem os seus porquês a minha não era exceção.

Idealização do Ego, Ideia de Grandioso

Ideia de Respeito

Somos 5 irmãos, unidos, respeitadores e “com muito orgulho” quase todos iguais: Eu, o Luís, a Sara, o Miguel e a Sónia, todos mais novos do que eu.

**Ambiente Caótico e
infernol
Conflitos entre os pais
Pai alcoólico**

Bem o meu pai, Pedro, começou a beber álcool, a chegar tarde e bêbado a casa e a minha mãe era quem sofria com a má disposição do meu pai, chegando mesmo a ser agredida por ele. Eu apenas assisti

Desidealização da Figura Parental
Ambiente conflituoso
Abandono

**Questão do Respeito
Conceção de Relação**

a algumas situações dessas. Fui crescendo neste ambiente caótico e infernal, até que a minha mãe, Márcia, decidiu tomar um rumo e por termo àquela vida sem respeito e ao amor impossível de progredir futuramente, decidiu deixar tudo e partir sozinha para o Porto, para refazer a sua vida...

Pai não aceita a separação

O meu pai jamais aceitaria a separação e foi ter com ela. Quando a vimos à nossa frente ela ficou perplexa e não conseguiu reagir, mas disse ao meu pai que não queria mais aquela vida.

Pai ingeriu um veneno

Ele protestou e ingeriu um veneno que desconheço, ainda hoje e foi internado no hospital...

Graves Conflitos Parentais

Nunca mais o vi, até que um dia depois de vir da escola, a minha mãe disse-me que ele a queria matar nesse dia, mas eu não sabia como reagir depois do que me contou pois ainda era muito novo para saber e ter consciência do sucedido. À noite nesse dia estava na varanda e vejo a minha mãe na garagem fugir de alguém e depois numa questão de segundos ouço três sons como tiros que via nos

Angústia
Fraqueza
Incapacidade de relação

	filmes na televisão, e três clarões que me ofuscaram de imediato.	
Fugas Frequentes	Passados 3 ou 4 dias que me recordo vagamente recebo a notícia que a minha mãe tinha falecido. Desde essa altura passei a viver com a minha avó materna e passados 3 meses fugi de casa e fui encaminhado para uma casa de acolhimento para menores onde residi dos 13 aos 16 anos e neste tempo fugia constantemente da casa onde estava e fui para outra casa de acolhimento até aos 18 anos.	Instabilidade
Ausência de Sentimentos Amorosos		
Intenção de Saciar o Desejo	Saí e fui viver com a minha avó durante 3 meses até que arranjei um trabalho e fui viver sozinho... Durante a minha vida tive algumas relações amorosas, mas nunca senti qualquer sentimento amoroso, atenção ou quer que fosse. Apenas me atraía o nome delas e apenas para saciar o meu desejo. Odeio o facto de pensar sequer em ter algum sentimento por alguém. O sentimento é uma fraqueza do ser humano que pode trair ou até mesmo matar-nos. As pessoas perguntam-me se não	Desinteresse Desinvestimento Emocional Aversão aos sentimentos amorosos
Ausência de sentimentos	tenho remorsos, se choro quando	Necessidade de controlo dos sentimentos
Monstruoso		Imagem de anormalidade

Análise dos sentimentos enquanto fraqueza

estou sozinho devido ao meu passado, mas eu não compreendo as pessoas, porque eu não sou normal, pois não consigo chorar, não amo e se isso faz de mim invulgar ou até mesmo um “monstro” há uma diferença ainda maior: Eu sou diferente e serei sempre julgado por isso mas estas diferenças não são uma escolha, são permanentes e irão viver sempre comigo, mas são graças a estas diferenças que ainda hoje apesar de me encontrar detido, estou vivo porque se quando a minha mãe faleceu, eu tivesse sofrido, provavelmente ter-me-ia suicidado muito provavelmente.

Auto-defesa

**Sinceridade
Exposição de si
As pessoas como algo afastado**

Em relação ao meu processo “” se disse-se que estou devastado, deprimido, assolado estaria a mentir pois faz-me confusão as perguntas das pessoas sobre sentimentos.

Frieza

6. Doc. Escrito P2

Notas	Texto escrito pelo sujeito	Significados Psicológicos
Relação próxima com a mãe	A minha relação com a minha mãe era uma relação muito próxima, ela é uma mãe que nos apaixonamos a nível	Idealização da fig. Materna
Nível afetivo e		Suporte afetivo e financeiro
		Separação da fig. Paterna

financeiro Deixado aos 8A pelo pai	<p>afetivo, financeiro. Cresci com a minha mãe até aos 12 anos. O meu pai veio para Portugal deixou-me com apenas 8 anos.</p>	<p>Desenvolvimento com os irmãos Organização familiar</p>
Crescimento com os irmãos Família unida Organização doméstica	<p>Os meus irmãos damo-nos bem, crescemos desde pequenos, nós eramos uma família unida onde cada um desempenhava uma tarefa doméstica em casa.</p>	<p>Conflitos parentais /ambiente conflituoso</p>
Violência doméstica do pai sobre a mãe Situações difíceis Família numerosa, bons momentos com os avós	<p>Situações mais difíceis que passei é presenciar violência doméstica do meu pai sobre a minha mãe. Cresci numa família numerosa passava bons momentos familiares com os meus avós maternos e paternos.</p>	<p>Bons momentos com os avos</p>
Mudança para Portugal Aproximação ao pai, pessoa maravilhosa, problemas em arranjar trabalho, problemas monetários, Educação dos pais, ideia de pessoa, concepções e ideias dos pais sobre si Preocupação de futuro investimento nos estudos	<p>Cá em Portugal vim a conhecer o meu pai melhor. Ele tornou-se uma pessoa maravilhosa apesar de ele na altura estava com problemas de arranjar emprego. Os meus pais ensinavam-nos sempre que um homem tem de ter a sua própria dignidade, saber ser e e, e quando passarmos por qualquer pessoa levantar sempre a cabeça. Eles tinham sempre a preocupação com o nosso futuro, nunca parei de estudar.</p>	<p>Idealização da fig. Paterna Problemas financeiros / preocupação financeira</p>
Morte do pai O pouco que tinham dava para se aguentar	<p>A morte do meu pai no ano 2010 mexeu um pouco comigo, tínhamos problemas financeiros mas o pouco que nos tínhamos dava para aguentar.</p>	<p>Investimento educacional Valorização do futuro Investimento nos estudos</p> <p>Morte da fig. Paterna Problemas financeiros</p>
Mina de amizades Forma de pensar parecida/semelhante Ideia grupal de estudar e vida futura	<p>Em relação aos meus amigos, o meio onde estava inserido era uma mina de amizades há vários anos, alguns cerca de dois e os outros conheci cerca de 3 anos. Acho que todos eles pensam de forma parecida com a minha forma de pensar por exemplo (estudar e ter uma vida futura).</p>	<p>Idealização do grupo de pares</p>
Prática de desporto, saídas à noite, beber em	<p>O que fazíamos praticávamos desporto, saídas à noite mas sempre</p>	<p>Pensamento grupal por homogeneidade ao grupo Ideia de futuro, investimento educacional Atividades em grupo, consumo de álcool e haxixe</p>

espaços públicos, consumo de haxixe	em conjunto, bebíamos muito mais à noite nos espaços públicos e algumas das vezes fumávamos haxixe.	
No seu país teve muitas namoradas, sensação de “playboy” Apaixonou-se pela primeira vez	Em relação a namoradas – no meu país andava sempre mais que uma namorada naquela posição de sentir que somos “playboy” e foi aí que no meu país que conheci uma menina que me apaixonei pela primeira vez.	Pouco investimento afectivo Muitas relações Grandiosidade 1º investimento amoroso em África
3 mulheres ao mesmo tempo (em Portugal) Conheceu uma rapariga na escola, apaixonou-se, encantou-se, mudou-o para melhor, aconselhava-o, não sabia de tudo o que fazia	Em Portugal foi quase a mesma coisa, andar com várias 3 ao mesmo tempo. E então foi nesse decorrer que conheci uma menina que andava na mesma escola que eu, encantei-me com ela e apaixonei e senti que ela me mudou para melhor, aconselhava-me sempre o que andava a fazer mas ela não sabia de tudo apenas a parte em que bebia. Ficamos juntos cerca de 4 anos, ela veio aqui visitar cerca de 2 e meio e foi assim guardo bons momentos passados com ela.	Grandiosidade 2º investimento amoroso em Portugal Ideia de mudança através da relação Aconselhamento Não abertura/conhecimento total
Juntos durante 4 anos, visitou-o na cadeia durante 2 anos e meio Bons momentos		Relacionamento de longa duração Ideia grupal
Crime em conjunto, alcoolizados, ideia de violação vinda de um amigo Brincadeira Deixem-se dessas ideias parvas	Quando aconteceu tudo então foi no dia em que estávamos em conjunto a beber uns copos estávamos um pouco bêbados e um amigo meu disse: “rapazes vamos violar” e estava a passar uma senhora e eu naquela levei aquilo numa brincadeira e outra meu amigo disse vamos e eu disse a eles deixem dessas ideias parvas e então continuamos a andar e a beber esquecemos.	Consumo de álcool Banalização Rejeição da ideia Consumo de álcool
Continuamos a beber	Passado uns tempos foi na altura, já tínhamos tomado uns copos, então na altura sem organização sem prever e foi aí que aconteceu junto da estação uma mulher passou e dissemos vamos roubar essa senhora, fomos, no momento aquele meu amigo que já tinha dito sobre violar as pessoas começou a despir a senhora a tentar violar e eu disse vamos embora rapazes “deixem disso” afastei-me e na altura apareceu uma pessoa assaltamos a senhora e fugimos. A	Não planeamento / premeditação Espaço público
Junto da estação Sem organização ou previsão Roubo		Ideia de violação, tentativa de violação grupal Roubo consumado Afastamento do local
Amigo que tem a ideia de violação inicia o processo		Reincidência no crime Consumo de álcool Espaço público
Afastou-se		Escuridão, pouca nitidez da vítima

<p>Novamente bêbados, ele e o irmão no mesmo sitio, Sítio escuro, pouca visão da senhora Tentativa de desabotoar as calças, após a reação da senhora fogem do local</p>	<p>outra vez que aconteceu de novo estávamos bêbados eu e o meu irmão no mesmo sitio e nessa altura o sitio estava escuro nem dava para ver a senhora como ela era, tomei e tentei desabotoar ela a calça e ela começou a reagir saltamos ela e fugimos. Mas na altura em que aconteceu isso não sentia qualquer desejo ou atração / fantasia em violar pessoas não me dava prazer fazia por fazer.</p>	<p>Tentativa de violação Afastamento e fuga do local por reação da vítima</p> <p>Desinvestimento libidinal Banalização</p> <p>Consciencialização /aceitação do crime cometido</p>
<p>Não sente qualquer desejo faz por fazer</p>		
<p>Sente-se bem com consciência do que fez, Pagamento pelo que fez Nova fase da vida, conhecimentos, responsabilidades</p>	<p>O que penso agora desses anos todos em que estou preso sinto bem com consciência do que fiz e que sei que estou a pagar por coisas que cometi essa nova fase de vida trouxe muitos conhecimentos responsabilidades. O que eu gostava de fazer era pedir todas elas um pedido de desculpa sei que não é maneira adequada de redimir mas penso sempre no mal que lhes causei.</p>	<p>Responsabilização</p> <p>Perdão/ remissão da culpa</p> <p>Visão do outro como diferente de si, como prejudicado</p>
<p>Pedido de desculpa a todas as vitimas, não é a maneira adequada mas pensa no mal que causou</p>		

7. Doc. Escrito P3

Notas	Texto escrito pelo sujeito	Significados Psicológicos
<p>Pai e Mãe batiam-lhe Não deseja a ninguém Amarravam-no à cama, medicavam-no</p> <p>Sentimento de ódio por parte do pai em relação a si A mãe era boa Interesse nos olhos</p>	<p>Passei muito mal quando era criança porque o meu pai e a minha mãe batiam-me. Amarravam-me à cama com ferros e cadeados para eu não fugir, davam-me medicação e tudo... Sentia-me odiado pelo meu pai, ele odiava-me. A minha mãe era boa ela ainda me vem ver... Quiseram-lhe dar dinheiro para me vender quando eu era criança, por causa dos meus olhos. Se ela me vendesse nunca mais falava para mim.</p>	<p>Violência Familiar Violência física, psicológica dos pais em relação a si</p> <p>Ódio sentido pelo pai</p> <p>Idealização da fig. Materna</p>
	<p>Neste momento a minha irmã mais velha e a minha mãe são as únicas que querem saber de mim.</p>	<p>Suporte da mãe e da irmã</p>

<p>Relação com os irmãos confusa, Agressões mutuas, Agressão com facas</p>	<p>A relação com os meus outros irmãos era uma grande confusão, agredíamos-nos mutuamente. Com os meus dois irmãos mais novos, chegámos a ter um episódio de nos agredirmos com facas.</p>	<p>Relação conflituosa com os irmãos Grande confusão Agressões físicas</p>
<p>Falecimento do pai Não o sentia como pai</p>	<p>O meu pai já faleceu, no dia do funeral fiquei longe não o sentia como pai.</p>	<p>Falecimento do pai Não o sentia como pai</p>
<p>Pai não trabalhava Consumo de álcool Mãe sobrevive dos abonos Começo de roubos por dificuldades económicas</p>	<p>O meu pai não trabalhava só queria vinho e a minha mãe sobrevivia dos abonos, eu comecei a roubar devido aos problemas e dificuldades que existiam.</p>	<p>Pai não trabalhava Consumos alcoólicos Sobrevivência de abonos Iniciação nos roubos por dificuldades económicas</p>
<p>Irmãos já não viviam com os pais Irmão colocava-se em problemas</p>	<p>Os meus irmãos já não viviam lá em casa, o único que vivia trabalhava mas não dava dinheiro à minha mãe, punha-se em merdas e depois não pagava. Comprava carros e não pagava nada lá em casa.</p>	
<p>Puxadas de água e luz pelo sujeito, não pagavam contas Tarefas domésticas feitas pelo sujeito</p>	<p>Tinha que fazer puxadas da água e luz, não pagávamos nada disso. E a comida era eu que fazia e comprava. Tratava da roupa, fazia a comida, fazia tudo lá em casa.</p>	<p>Condições familiares precárias Tarefas domésticas feitas pelo sujeito, cuidado doméstico</p>
<p>Amigos é para esquecer “eles é que me meteram aqui” Consumo de haxixe pelo grupo de pares Alerta por parte das autoridades Oportunidades futebolísticas perdidas pelos consumos Consciência de que não podia deixar os amigos que lhe forneciam haxixe Amigos estragaram-lhe a vida</p>	<p>Os amigos é para esquecer, eles é que me meteram aqui, fumo ganzas desde os 7 anos por causa das companhias. Na altura sentia adrenalina por andar com eles, até a policia me avisava “rapaz cuidado, um dia vais preso”, não acreditei e agora olha... Os olheiros do benfica chegaram a chamar-me mas eu não fui por causa da droga, por causa da ganza, eu ressacava ganza e não podia deixar os amigos que me a davam... Agora tenho consciência que me estragaram a vida.</p>	<p>Desidealização do grupo de pares Ideia de que os amigos o colocaram preso Adrenalina Consumo de haxixe pelo grupo de pares Oportunidades futuras perdidas pelos consumos Importância dada aos amigos pela necessidade de consumir Desidealização do grupo de pares</p>

<p>Namorada trazia problemas, consumos por parte da mesma, pedidos de dinheiro</p> <p>Confusões com outros homens por gostarem dela</p> <p>Descoberta de traição leva a término da relação</p> <p>Conhecimento de outras traições</p> <p>Namorada é definida como estranha, comportamento agressivo para com outros homens por causa dela</p> <p>Era doida mas gostava dela</p> <p>Adrenalina vs Confusões</p> <p>Fugia do colégio para estar com ela, Separação</p>	<p>Tive uma namorada no colégio mas ela trazia-me muitos problemas. Também fumava e estava sempre a pedir-me moedas para os doces. Trazia-me confusões na escola porque outros rapazes gostavam dela e depois eu soube que ela me tinha traído com outro rapaz e larguei-a logo. Eu sabia que ela fazia sempre isso com os outros namorados. Ela era muito estranha, andava à porrada com outros rapazes por causa dela, levava navalhas para a escola e depois dizia que eram minhas. Era doida mas gostava dela, acho que era esta adrenalina, estas confusões com que fazia que gostasse dela. Ela é que fazia com que fugisse do colégio para fugirmos para o Colombo, Vasco da Gama, Oeiras Shopping para irmos ao MacDonald's.</p> <p>Quando estava na rua falava-lhe mas nunca mais trocamos contactos, ainda por cima ela anda a roubar e qualquer dia ela vem de cana. Ainda por cima tem uma filha e pode ir presa.</p> <p>As relações sexuais com ela eram desprotegidas e tinha receio que ela me desse um filho, ainda por cima eu não trabalhava como ia sustentar aquela criança?</p> <p>Eu gostava dela, as relações eram boas mas gostava dela e já estávamos a namorar há 2 anos.</p> <p>Nunca lhe bati, eu não bato em mulheres isso é covarde.</p>	<p>Namorada vista como um problema</p> <p>Conflitos com outros homens</p> <p>Traição leva a término da relação</p> <p>Estranheza</p> <p>Comportamento agressivo para com outros homens</p> <p>Namorada vista como doida</p> <p>Adrenalina vs Confusões</p> <p>Separação total com a namorada</p>
<p>Relações sexuais desprotegidas, receio de ter um filho, o facto de não trabalhar causava-lhe preocupação</p>	<p>Quando estava na rua falava-lhe mas nunca mais trocamos contactos, ainda por cima ela anda a roubar e qualquer dia ela vem de cana. Ainda por cima tem uma filha e pode ir presa.</p> <p>As relações sexuais com ela eram desprotegidas e tinha receio que ela me desse um filho, ainda por cima eu não trabalhava como ia sustentar aquela criança?</p>	<p>Desinvestimento na proteção sexual</p> <p>Receio de gerar uma criança</p> <p>Sentimentos pela namorada</p> <p>Relação de longa duração</p>
<p>Gostava dela</p> <p>Namoro de 2 A</p> <p>Nunca teve comportamento agressivo para com esta, ato de covardia</p>	<p>Eu gostava dela, as relações eram boas mas gostava dela e já estávamos a namorar há 2 anos.</p> <p>Nunca lhe bati, eu não bato em mulheres isso é covarde.</p>	<p>Violência vista como covardia</p> <p>Abuso em espaço público</p> <p>Beleza da fig. Feminina</p> <p>Intenção de roubo</p>
<p>Abuso em espaço público</p> <p>Raparia muito bonita, aborda a vítima com intuito de assalta-la</p>	<p>No dia do abuso eu estava a passar à frente de uma escola perto da minha zona e vi uma rapariga, ela era muito bonita e depois abordei-a para rouba-la. Revistei-a primeiro e depois abusei dela num mato perto da escola.</p>	<p>Abuso numa zona escolar</p> <p>Coito vaginal</p> <p>Desapego após abuso</p>
<p>Abuso perto da escola, Coito vaginal, após ejaculação mandou-a embora</p> <p>Prazer no ato sexual</p>	<p>O abuso foi coito vaginal, normal, despi-a e abusei dela. A seguir a ejacular mandei-a logo embora. Mas no ato sexual senti prazer.</p> <p>Naquele dia estava com o efeito da</p>	<p>Prazer no ato sexual</p> <p>Efeito de haxixe</p> <p>Consciencialização das</p>

Efeito da droga "sabia que ia preso, não estava bem naquele dia"	droga, mal abusei dela já sabia que ia preso, não estava bem naquele dia... Passado uma semana fui chamado a tribunal.	consequências do abuso
Não quer nada com a vítima, fazer vida quando sair, intenção de arranjar trabalho, mudança de local	Já não quero mais nada com ela, vou fazer a minha vida quando sair, vou arranjar um trabalho, vou para o Alentejo.	Distanciamento em relação à vítima, Projetos futuros após cumprimento de pena
Experiencia de estar preso muda o modo como vê o crime, "só levei 6 A" consideração de pena reduzida	A experiência de estar preso trouxe-me a visão de ver o abuso de maneira diferente, por este crime só levei 6 anos de cana, não quero sair e voltar a vir preso.	Mudança da visão do abuso após condenação Banalização da pena, consideração de pena reduzida
Expulso da escola quando se dá o abuso, já não tinha namorada, não tinha pratica sexual há muito tempo	Na altura do abuso eu já não estava na escola, já tinha sido expulso e, por isso, já não estava com a Carla (ex-namorada) e já não fazia sexo há muito tempo.	Desvinculação escolar Término da relação com a namorada Sem prática sexual há muito tempo quando se dá o abuso

8. Doc. Escrito P4

Notas	Texto escrito pelo Sujeito	Significados Psicológicos
Vivência com a avó, boa relação Separação dos pais em pequeno Boa relação com a mãe e com os irmãos Ideia de desejado na infância Pai bebia muito e batia na mãe	Eu C. vivi com a minha avó desde muito novo e sempre tive uma boa relação com ela, os meus pais separaram-se quando eu era pequeno. Mantinha uma boa relação com a minha mãe e com os meus irmãos, acho que na infância sempre fui um rapaz bem desejado pelos meus familiares, não tinha uma boa relação com o meu pai porque ele bebia muito e batia na minha mãe. Sempre tive uma ótima relação com a minha irmã e com o meu irmão.	Vivência com a avó Relação próxima com a avó Separação dos pais em pequeno Boa relação com a mãe e irmãos Pai alcoólico Agressões físicas à sua mãe
Pobre mas feliz Problemas na escola na adolescência Apoio familiar Sentia-se bem em casa, não tinha problemas com ninguém	Sempre fui pobre mas feliz na adolescência tive muitos problemas na escola mas sempre tive o apoio da família mesmo que não	Pobreza não influência felicidade Problemas escolares na adolescência Apoio familiar

<p>Sonho de ser futebolista Criança normal e serena</p>	<p>concordassem com os meus atos. Em casa sentia-me bem não tenho nenhum problema com ninguém.</p>	<p>Ideia de bem-estar em casa, sem conflitos com nenhum elemento</p>
<p>Gosto da escola pela convivência com os amigos</p>	<p>Na infância tinha o sonho de ser futebolista era uma criança normal e serena não dava muitas dores de cabeça em casa.</p>	<p>Sonho de ser futebolista Ideia de si enquanto criança normal e serena</p>
<p>Rico e reconhecido era o seu sonho, ser jogador de futebol</p>	<p>Gostava da escola mais para conviver com os amigos e aprender alguma coisa. Ser rico e ser reconhecido eram os meus sonhos de ser jogador.</p>	<p>Gosto pela escola através do grupo de pares Riqueza e reconhecimento fomentam o desejo de ser futebolista</p>
<p>Dava-se bem com os amigos, brincavam juntos Na adolescência teve amigos que influenciaram a sua vida "Fazíamos asneiras, faltávamos muito à escola"</p>	<p>Alguns amigos de infância eram do mesmo bairro do que eu dávamos todos bem estávamos sempre a brincar, na adolescência tive amigos que tiveram uma má influência na minha vida fazíamos muita asneira e faltávamos muito à escola, mas fiz amigos para a vida até hoje. Na adolescência tinha amigos que partilhava a minha vida sentia-me bem, sentia-me seguro à vontade com todos eles. Eramos unidos e estávamos juntos para o bem e para o mal. Havia conflitos entre grupos da escola e outros rapazes mas nos apenas defendíamos uns aos outros não deixávamos que ninguém no fizesse mal. Eramos unidos e sentíamos seguros uns com os outros.</p>	<p>Pertença grupal Consciência da influência do grupo de pares Consciência dos comportamentos disruptivos pela convivência grupal</p>
<p>Partilha da sua vida com os amigos, sentimento de segurança</p>	<p></p>	<p>Pertença grupal, partilha vivida com o grupo</p>
<p>Unidos e juntos "Não deixávamos que ninguém nos fizesse mal, sentíamos-nos seguros uns com os outros"</p>	<p></p>	<p>União, Coesão Defesa e união dentro do grupo</p>
<p>Rapaz extrovertido Muitas namoradas "Já gostei de algumas outras nem tanto, algumas nunca vou esquecer"</p>	<p>Sempre fui um rapaz extrovertido sempre tive namoradas e muitas amigas coloridas, já gostei de algumas outras nem tanto. Algumas nunca vou esquecer há outras que já não me lembro, sempre gostei de namorar e de ter raparigas interessantes, poucas vezes fui totalmente fiel, não demonstrava</p>	<p>Segurança dentro do grupo</p> <p>Visão de si como extrovertido Investimento em relações com a figura feminina</p>
<p>Gosto em namorar e ter raparigas interessantes</p>	<p></p>	<p>Gosto nos relacionamentos</p> <p>Interesse na fig. Feminina</p>
<p>"poucas vezes fui fiel" Não demonstra o que sente</p>	<p></p>	<p>Pouco investimento na fidelidade Pouca demonstração nos</p>

<p>Sempre foi observador Consegue saber quando as raparigas estão interessadas nele</p>	<p>muito o que sentia para alimentar mais a relação, não demonstrava com palavras mas as vezes com atitudes mais carinhosas, nunca gostei de raparigas muito ciumentas só o necessário. Sempre fui um observador e conseguia saber quando elas estavam interessadas em mim.</p>	<p>sentimentos afetuosos Observador Narcisismo</p>
<p>Comemoração da passagem de ano durante 1 semana Consumo de álcool e de haxixe</p>	<p>Numa certa tarde estava acompanhado de um amigo, esse tal amigo disse-me que tinha uma rapariga que estava prestes a chegar e que vinha ter com ele. Então ela chegou apresentou-se e eu me apresentei a ela. Nesses dias ainda estávamos a comemorar a passagem de ano que durou mais que uma semana seguida, estava a consumir álcool e a fumar umas ganzas, então esse meu amigo foi com a tal rapariga para um sítio isolado e disse-me que eu viesse atrás logo de seguida, então eu segui-os pelo que ele tinha me dito, essa rapariga de santa não tinha nada e já tinha feito relações sexuais, sexo vaginal e sexo oral, então o meu amigo chamou-me e eu apareci, ela ficou tímida no princípio mas depois entrou no clima, não disse nada e eu também não perguntei comecei a tocar-lhe e ela fez-me sexo oral e estava a ter sexo vaginal quando apareceram mais rapazes nesse tal sitio isolado eu acabei o que estava a fazer. Aqueles rapazes também entraram na onda e todos tiveram relações com a rapariga. Só que um desses rapazes tirou a mala à rapariga e veio me mostrar sem ela se aperceber, vi um telefone e então decidi ficar com ele a todo o custo, depois daquilo acontecer a rapariga veio ter comigo e com o meu amigo e pediu para a levamos à</p>	<p>Consumo de álcool e de haxixe Deslocação da vítima para local isolado Desprezo/ Desvalorização da vítima</p>
<p>Amigo leva rapariga para um sitio isolado “Segui-os” “Essa rapariga de santa não tinha nada”</p>	<p>Estava tímida Não lhe perguntei</p>	<p>Abuso em local isolado</p>
<p>Sexo oral e vaginal “Apareceram mais rapazes”</p>	<p>“Vi um telefone decidi ficar com ele”</p>	<p>Sexo oral e vaginal Abuso grupal</p>
<p>Aflicção por parte da vítima Ficou desesperada</p>	<p>Roubo Aflicção por parte da vítima Visão da vítima como desesperada</p>	

**“Decide ir embora e ir
direta à esquadra”**

paragem para ela se ir embora. Andamos um bocado e ela apercebeu-se que lhe faltava o telefone, então ela ficou aflita disse que o telefone não era dela e que precisava dele, mas eu não fiz caso e disse que não sabia quem tinha ficado com ele, aí ela ficou desesperada ainda fomos com ela para o tal sitio fingir que procurávamos o telefone, e ela só dizia: “ deem-me o telefone se faz favor e eu me vou embora”. Mas eu continuei a não fazer caso até que ela decide ir embora e vai direta à esquadra.